

ANA PAULA SIMÃO

**DO CACO AO FRAGMENTO: ANÁLISE DA COLEÇÃO CERÂMICA
GUARANI DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGOA XAMBRÊ –
ALTÔNIA/PR**

Maringá, julho de 2002

ANA PAULA SIMÃO

**DO CACO AO FRAGMENTO: ANÁLISE DA COLEÇÃO CERÂMICA
GUARANI DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGOA XAMBRÊ –
ALTÔNIA/PR**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em História Social, Centro de Ciências Humanas Universidade Estadual de Maringá para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Dr. Lúcio Tadeu Mota

Maringá, julho de 2002

AGRADECIMENTOS

A todos que, de forma direta ou indireta, deram sua contribuição para a realização e divulgação deste trabalho.

A

CAPES, que me concedeu o privilégio de concluir o mestrado recebendo apoio financeiro.

Programa Associado de Pós-Graduação UEM/UEL, que possibilitou que eu desenvolvesse, dentro da linha de Fronteiras e Populações, um estudo arqueológico.

Lúcio Tadeu Mota, meu orientador, por ter aceitado meu pedido de orientação, pelo acompanhamento e revisão do trabalho.

Carlos Alberto Panek Jr, Margarida Cardozo Lavado, Josilene Ap. de Oliveira, Eurides Roque de Oliveira, Fernando H. R. Jeronimo e Isabel Cristina Rodrigues, pelo apoio, pela compreensão e tolerância e pela manutenção dos laços de carinho, amizade e respeito.

Francisco Silva Noelli, pelo voto de confiança, pelos sete anos de orientação e acompanhamento constantes, pelo apoio, pela paciência e acima de tudo, pela amizade.

Minha família, especialmente minha mãe, Maria Julia e meu pai, Antonio, por tudo e por tanto que por mim fizeram e continuam fazendo. Também aos meus irmãos, João Paulo e Juliano e Olívia, referências constantes.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	v
LISTA DE GRÁFICOS	viii
LISTA DE QUADROS	x
RESUMO	xi
ABSTRACT	xii
INTRODUÇÃO	1
1 O PROCESSO INVESTIGATIVO: RELAÇÃO ENTRE A TEORIA E AS EVIDÊNCIAS	8
1.1 CULTURA MATERIAL E SUA IMPORTÂNCIA ENQUANTO FONTE DE PESQUISA.....	14
1.2 ARQUEOLOGIA BRASILEIRA: O PAPEL DA TEORIA NO CENTRO DO DEBATE.....	19
1.3 AS AFILIAÇÕES TEÓRICAS PRESENTES NO MODELO MONOLÍTICO DE PESQUISA.....	24
1.4 ARQUEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: A ESCOLA PROCESSUALISTA E PÓS-PROCESSUALISTA.....	33
2 CERÂMICA ARQUEOLÓGICA GUARANI: A QUESTÃO DO MÉTODO	40
2.1 A CERÂMICA GUARANI E A DISCUSSÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA ACERCA DE UM MODELO DE ANÁLISE.....	40
2.2 A METODOLOGIA ARQUEOLÓGICA E A ANALOGIA ETNOGRÁFICA.....	42
2.3 OS DICIONÁRIOS DE MONTOYA.....	46
2.4 ORGANIZAÇÃO DO MÉTODO: O USO DE CRITÉRIOS TÉCNICOS PARA O ESTABELECIMENTO DE UM MODELO DE ANÁLISE.....	49
2.5 CERÂMICA GUARANI: RELAÇÃO ENTRE FORMA E FUNÇÃO.....	53
2.6 A CERÂMICA GUARANI DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGOA XAMBRÊ.....	64
3 ANÁLISE DO MATERIAL CERÂMICO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGOA XAMBRÊ	67
3.1 ANÁLISE DO TRATAMENTO PLÁSTICO APLICADO À SUPERFÍCIE.....	67
3.2 PINTURA: ELEMENTO DECORATIVO E FINAL DE UM ARTEFATO.....	73
3.3 CLASSIFICAÇÃO E SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS POR CLASSE DE VASILHAS.....	77
3.4 SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA DAS VASILHAS.....	81
3.4.1 Fragmentos com Tratamento de Superfície Pintado.....	81
3.4.2 Fragmentos com Tratamento de Superfície Corrugado.....	91
3.4.3 Fragmentos com Tratamento de Superfície Ungulado.....	105
3.4.4 Fragmentos com Tratamento de Superfície Liso.....	111

3.4.5	Fragmentos com Tratamento de Superfície Escovado.....	117
3.4.6	Fragmentos com Tratamento de Superfície Inciso.....	119
3.5	RESULTADOS.....	120
4	FREQÜÊNCIA E FUNCIONALIDADE DAS VASILHAS	
	GUARANI	123
4.1	FREQÜÊNCIA DAS CLASSES DE VASILHAS.....	123
4.1.1	Yapepó.....	125
4.1.2	Cambuchí.....	126
4.1.3	Cambuchí caguabã.....	127
4.1.4	Ñae.....	128
4.1.5	Ñaetà.....	129
4.1.6	Resultados.....	129
4.2	ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS GUARANI: TERRITÓRIOS DE DOMÍNIO.....	133
4.3	OS GRUPOS FAMILIARES E OS UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS.....	135
4.3.1	Conjunto de Equipamentos Domésticos e de Trabalho.....	136
4.3.2	Conjunto de Equipamentos de Transporte.....	138
4.3.3	Conjunto de Equipamentos para Preparar, Armazenar e Servir Alimentos.....	138
4.4	COLEÇÃO DE VASILHAS CERÂMICAS DO SÍTIO LAGOA XAMBRÊ.....	150
	CONCLUSÃO	158
	REFERÊNCIAS	164

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 –	ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE SIMPLES.....	69
GRÁFICO 2 –	ACABAMENTO DE SUPERFÍCIE COMPOSTO.....	70
GRÁFICO 3 –	ACABAMENTO PINTADO NA SUPERFÍCIE NATURAL DA VASILHA.....	74
GRÁFICO 4 –	ACABAMENTO PINTADO NA SUPERFÍCIE INTERNA E EXTERNA DA VASILHA.....	75
GRÁFICO 5 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS POR CLASSE DE VASILHAS.....	78
GRÁFICO 6 –	FRAGMENTOS QUE NÃO PUDEAM SER ANALISADOS QUANTO À CLASSE A QUE PERTENCEM.....	80
GRÁFICO 7 –	SEPARAÇÃO DE FRAGMENTOS PINTADOS POR CLASSE DE VASILHAS.....	82
GRÁFICO 8 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA PINTADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS CAMBUCHÍS, QUANTO AO DIÂMETRO MÍNIMO E MÁXIMO DA VASILHA.....	84
GRÁFICO 9 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA PINTADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS CAMBUCHÍS, QUANTO À ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA DA VASILHA.....	86
GRÁFICO 10 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA PINTADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS CAMBUCHÍS CAGUABÃ, QUANTO AO DIÂMETRO MÍNIMO E MÁXIMO DA VASILHA.....	88
GRÁFICO 11 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA PINTADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS CAMBUCHÍS CAGUABÃ, QUANTO À ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA DA VASILHA.....	90
GRÁFICO 12 -	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA CORRUGADOS POR CLASSE DE VASILHAS.....	92
GRÁFICO 13 -	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA CORRUGADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS YAPEPÓS, QUANTO AO DIÂMETRO MÍNIMO E MÁXIMO DA VASILHA.....	94
GRÁFICO 14 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA CORRUGADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS YAPEPÓS, QUANTO À ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA DA VASILHA.....	96
GRÁFICO 15 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA CORRUGADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS ÑAES, QUANTO AO DIÂMETRO MÍNIMO E MÁXIMO DA VASILHA.....	98
GRÁFICO 16 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA CORRUGADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS ÑAES,	

	QUANTO À ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA DA VASILHA.....	100
GRÁFICO 17 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA CORRUGADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS ÑAETÁS, QUANTO AO DIÂMETRO MÍNIMO E MÁXIMO DA VASILHA.....	102
GRÁFICO 18 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA CORRUGADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS ÑAES, QUANTO À ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA DA VASILHA.....	104
GRÁFICO 19 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS UNGULADOS POR CLASSE DE VASILHAS.....	106
GRÁFICO 20 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA UNGULADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS YAPEPÓS, QUANTO AO DIÂMETRO MÍNIMO E MÁXIMO DA VASILHA.....	108
GRÁFICO 21 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA UNGULADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS ÑAES, QUANTO À ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA DA VASILHA.....	110
GRÁFICO 22 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS LISOS POR CLASSE DE VASILHAS.....	112
GRÁFICO 23 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA LISOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS CAMBUCHÍS, QUANTO AO DIÂMETRO MÍNIMO E MÁXIMO DA VASILHA.....	114
GRÁFICO 24 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA LISOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS CAMBUCHÍS, QUANTO À ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA DA VASILHA.....	116
GRÁFICO 25 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS ESCOVADOS POR CLASSE DE VASILHAS.....	118
GRÁFICO 26 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS INCISOS POR CLASSE DE VASILHAS.....	120
GRÁFICO 27 –	FRAGMENTOS DE BORDA SEPARADOS POR CLASSE DE VASILHAS.....	124
GRÁFICO 28 –	VARIAÇÃO DO TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE NA CLASSE DOS YAPEPÓS.....	125
GRÁFICO 29 –	VARIAÇÃO DO TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE NA CLASSE DOS CAMBUCHÍS.....	126
GRÁFICO 30 –	VARIAÇÃO DO TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE NA CLASSE DOS CAMBUCHÍS CAGUABÃ.....	127
GRÁFICO 31 –	VARIAÇÃO DO TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE NA CLASSE DOS ÑAES.....	128
GRÁFICO 32 –	VARIAÇÃO DO TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE NA CLASSE DOS ÑAETÁS.....	129
ORGANOGRAMA 1 –	MODELO HIERÁRQUICO DE CONSTITUIÇÃO TERRITORIAL.....	134
ORGANOGRAMA 2 –	UTILIZAÇÃO DAS VASILHAS E EQUIPAMENTOS ASSOCIADOS NAS FAMÍLIAS NUCLEARES.....	146

ORGANOGRAMA 3 – UTILIZAÇÃO DAS VASILHAS E EQUIPAMENTOS ASSOCIADOS NAS FAMÍLIAS EXTENSAS.....	147
ORGANOGRAMA 4 – PROCESSO DE PREPARO E CONSUMO DO CAUIM.....	149
FIGURA 0 – CROQUI DE LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGOA XAMBRÊ.....	2
FIGURA 1 A 6 – VER QUADRO 2.....	58
FIGURA 7 A 10 – VER QUADRO 3.....	59
FIGURA 11 A 19 – VER QUADRO 4.....	60
FIGURA 20 A 25 – VER QUADRO 5.....	62
FIGURA 26 A 31 – VER QUADRO 6.....	71
FIGURA 32 A 34 – VER QUADRO 7.....	76
FIGURA 23, 35, 35a, 35b.....	151
FIGURA 36, 36a, 37, 37a, 38, 38a.....	152
FIGURA 25, 36b, 37b, 38b.....	153
FIGURA 39, 39a, 49, 40a, 41, 41a.....	154
FIGURA 20, 39b, 40b, 41b.....	155
FIGURA 21, 42, 42a, 42b.....	156
FIGURA 24, 43, 43a, 43b, 44, 44a, 44b.....	157

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 –	SIMPLES: APENAS UM TIPO DE ACABAMENTO NA SUPERFÍCIE TOTAL DA VASILHA.....	68
TABELA 2 –	DUPLO: DOIS ACABAMENTOS CONTIDOS NA SUPERFÍCIE TOTAL DA VASILHA.....	69
TABELA 3 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS PINTADOS NA SUPERFÍCIE NATURAL DA VASILHA.....	73
TABELA 4 –	PINTADO: SEPARAÇÃO POR PINTURA NA SUPERFÍCIE INTERNA E EXTERNA.....	74
TABELA 5 –	CLASSIFICAÇÃO E SEPARAÇÃO POR CLASSES DE VASILHAS.....	77
TABELA 6 –	FRAGMENTOS QUE NÃO PUDEAM SER ANALISADOS QUANTO À CLASSE A QUE PERTENCEM.....	79
TABELA 7 –	FRAGMENTOS DE BORDA COM TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE PINTADO: SEPARAÇÃO POR CLASSE DE VASILHAS.....	81
TABELA 8 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA PINTADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS CAMBUCHÍS, QUANTO AO DIÂMETRO MÁXIMO E MÍNIMO.....	82
TABELA 9 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA PINTADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS CAMBUCHÍS, QUANTO À ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA.....	85
TABELA 10 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA PINTADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS CAMBUCHÍS CAGUABÃ, QUANTO AO DIÂMETRO MÁXIMO E MÍNIMO.....	87
TABELA 11 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA PINTADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS CAMBUCHÍS CAGUABÃ, QUANTO À ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA.....	88
TABELA 12 –	FRAGMENTOS DE BORDA COM TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE CORRUGADO: SEPARAÇÃO POR CLASSE DE VASILHAS.....	91
TABELA 13 -	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA CORRUGADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS YAPEPÓS, QUANTO AO DIÂMETRO MÁXIMO E MÍNIMO.....	93
TABELA 14 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA CORRUGADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS YAPEPÓS, QUANTO À ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA.....	95
TABELA 15 -	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA CORRUGADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS ÑAES, QUANTO AO DIÂMETRO MÁXIMO E MÍNIMO.....	97

TABELA 16 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA CORRUGADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS ÑAES, QUANTO À ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA.....	99
TABELA 17 -	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA CORRUGADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS ÑAETÁS, QUANTO AO DIÂMETRO MÁXIMO E MÍNIMO.....	101
TABELA 18 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA CORRUGADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS ÑAETÁS, QUANTO À ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA.....	103
TABELA 19 –	FRAGMENTOS DE BORDA COM TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE UNGULADO: SEPARAÇÃO POR CLASSE DE VASILHAS.....	105
TABELA 20 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA UNGULADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS YAPEPÓS, QUANTO AO DIÂMETRO MÍNIMO E MÁXIMO.....	107
TABELA 21 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA UNGULADOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS YAPEPÓS, QUANTO A ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA.....	109
TABELA 22 –	FRAGMENTOS DE BORDA COM TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE LISO, PERTENCENTES À CLASSE DOS CAMBUCHÍS, QUANTO AO DIÂMETRO MÍNIMO E MÁXIMO.....	111
TABELA 23 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA LISOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS CAMBUCHÍS, QUANTO A ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA.....	113
TABELA 24 –	SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA LISOS, PERTENCENTES À CLASSE DOS CAMBUCHÍS, QUANTO A ESPESSURA MÍNIMA E MÁXIMA.....	115
TABELA 25 –	FRAGMENTOS DE BORDA COM TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE ESCOVADO: SEPARAÇÃO POR CLASSE DE VASILHAS.....	117
TABELA 26 –	FRAGMENTOS DE BORDA COM TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INCISO: SEPARAÇÃO POR CLASSE DE VASILHAS.....	119

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – VASILHAS FUNCIONALMENTE DEFINIDAS POR MONTROYA NO SÉCULO XVII.....	48
QUADRO 2 – APRESENTAÇÃO DA SEÇÃO CÔNICA.....	58
QUADRO 3 – APRESENTAÇÃO DA SEÇÃO CILÍNDRICA.....	59
QUADRO 4 – APRESENTAÇÃO DAS FORMAS DA BASE.....	60
QUADRO 5 – APRESENTAÇÃO DA FORMA E FUNÇÃO DAS CLASSES DE VASILHAS.....	62
QUADRO 6 – SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS QUANTO AO TRATAMENTO PLÁSTICO.....	71
QUADRO 7 – PINTURA NA SUPERFÍCIE INTERNA E EXTERNA DA VASILHA.....	76
QUADRO 8 – QUADRO COMPARATIVOS DOS CAMBUCHÍS.....	151
QUADRO 9 – QUADRO COMPARATIVO DOS CAMBUCHÍS CAGUABÃ.....	152
QUADRO 10 – QUADRO COMPARATIVO DOS YAPEPÓS.....	154
QUADRO 11 – QUADRO COMPARATIVO DOS ÑAETÁS.....	156
QUADRO 12 – QUADRO COMPARATIVOS DOS ÑAES.....	157

DO CACO AO FRAGMENTO: ANÁLISE DA COLEÇÃO CERÂMICA GUARANI DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGIA XAMBRÊ – ALTÔNIA/PR

RESUMO. A Arqueologia Brasileira, desde 1960, tem servido de palco para um acirrado debate entre diferentes escolas teóricas: Histórico-Culturalista, Processualista e Pós-Processualista. No centro desta discussão encontra-se a questão da importância da cultura material enquanto fonte, remetendo-nos ao bojo de uma fase de transição teórico-metodológica na arqueologia, que em termos teóricos, poderia ser reduzida a uma frase: estudava-se “cacos” ao invés de “fragmentos”. Este quadro apresenta-se como consequência da implantação de um modelo monolítico de pesquisa estabelecido por Betty Meggers e Clifford Evans, através do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), que perdurando por trinta anos, viabilizou a padronização dos métodos e representação de seus resultados. Diante disto, foram poucos os trabalhos relacionados à cultura material direcionados ao estudo da cerâmica arqueológica. A mudança neste cenário só veio acontecer em fins da década de 80, quando a cerâmica Guarani passou a ser estudada através de abordagem distinta, como propõe José P. Brochado, Francisco S. Noelli e colegas. Uma vez que tal abordagem permitiu um avanço significativo na reconstrução gráfica das vasilhas cerâmicas e no estudo de sua funcionalidade, estaremos apresentando os resultados obtidos no sítio arqueológico Lagoa Xambê, a partir da implantação do método de análise oferecido pelos autores acima citados.

Palavras-chave: Arqueologia Guarani; Cultura Material; Vasilhas Cerâmicas; Funcionalidade.

**FROM SHERDS TO FRAGMENTS: ANALYSIS OF GUARANI POTTERY
IN THE ARCHEOLOGICAL SITE OF LAGOA XAMBRÊ – ALTÔNIA, PR,
BRAZIL**

ABSTRACT. Since 1960 Archeology in Brazil has experienced heated debates between the different theoretical schools, such as the Historical-Culturalism, Processual and Post-Processual Schools. The core of the discussion lies on the degree of importance given to material culture as a source. Debates refer to the theoretical-methodological transition phase in Archeology which may be compacted into a single phrase: fragments and not sherds were being studied. It was the result of the establishment of a monolithic research model by Betty Meggers and Clifford Evans through the Brazilian Program of Archeological Research (PRONAPA). During its thirty years of existence PRONAPA standardized methods and published its results, with scanty investigations on the material culture focussing on the study of archeological pottery. A change in scene occurred in the late 80s when Guarani pottery began to be analyzed by different standards, as suggested by Brochado, Noelli and others. Since significant advances were made by this new approach, with special attention to the graphic reconstruction of ceramic vessels and to the investigation of their functions, results from the archeological site of Lagoa Xambrê, municipality of Altônia, PR, Brazil will be provided. Methodology established by the above researchers will prevail in our analysis.

Key words: Guarani Archeology, Material Culture; Ceramics; Pottery Functions.

Introdução

“Quero todavia referir aqui o caráter multiforme da documentação histórica. Replicando, em 1949, a Fustel de Coulanges, Lucien Febvre afirmava: “A história fez-se, sem dúvida, com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, se não existirem... Faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar o mel, quando faltam as flores habituais: com palavras, sinais, paisagens e telhas; com peritagens de pedras, feitas por geólogos e análises de espada de metal, feitas por químicos. Em suma, com tudo o que, sendo do próprio homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significativa a sua presença, atividade, gostos e maneiras de ser”. Marc Bloch tinha também declarado: “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele”. Jacques Le Goff (1994:107).

A pesquisa desenvolvida ao longo do mestrado procurou seguir a concepção metodológica de dois historiadores tão destacados quanto Lucien Febvre e Marc Bloch, visando ampliar os conhecimentos sobre certos aspectos da vida cotidiana dos povos Guarani. De certa forma, essa concepção multiforme sobre a documentação histórica é praticamente a mesma usada pelos arqueólogos para definir suas próprias fontes documentais, a exemplo dos fragmentos cerâmicos que serviram como documento básico dessa dissertação.

O objetivo central desse trabalho de mestrado é o estudo da forma e da funcionalidade das vasilhas cerâmicas arqueológicas Guarani, a partir de fragmentos resgatados em um sítio arqueológico localizado às margens da Lagoa Xambrê, junto ao rio Paraná (23°51'16"S/53°59'16"W), no município de Altônia, Estado do Paraná. As campanhas arqueológicas foram realizadas entre janeiro de 1996 e janeiro de 1997, pela equipe do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História (LAEE) – Programa Interdisciplinar de Estudos de População, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), sob a orientação do professor Francisco Silva Noelli.

O sítio foi localizado quando alguns professores de Altônia entraram em contato com a UEM, para que fosse feita a identificação de algumas vasilhas desenterradas em meio a uma plantação de café. Além das vasilhas desenterradas, que compreende duas urnas funerárias e o conjunto de materiais associados, a superfície do terreno estava coberta por milhares de fragmentos de vasilhas. Diante da situação, visando a possibilidade de realizar uma aplicação do método de Brochado em um único sítio, foi realizado um salvamento arqueológico para recolher todos os fragmentos encontrados na superfície. Ainda há fragmentos enterrados, como foi possível verificar em um perfil estratigráfico exposto pela erosão pluvial dentro do sítio arqueológico. Enquanto houver vestígios o LAEE seguirá fazendo coletas, visando resgatar o máximo possível de fragmentos, de maneira a alcançar as porcentagens próximas ao que foi descartado na época em que o sítio foi abandonado por sua população (realizamos duas sondagens junto aos locais escavados pelo agricultor, encontrando apenas uma camada de ocupação, com uma espessura média de 8 cm. A área com evidências arqueológicas de superfície é de aproximadamente 12.000 metros quadrados, correspondendo ao piso e áreas anexas de uma habitação típica de família extensa.

Uma vez que não foi considerado o contexto de onde foram removidos os fragmentos, em função do adiantado estado de degradação daquela parte do sítio arqueológico, a análise realizada para esta pesquisa privilegiou a definição das classes, das formas, da funcionalidade e a análise da frequência. Ou seja, na análise desenvolvida com o material cerâmico consideramos apenas a relação entre o número total de vasilhas reconstituídas e de fragmentos e o sítio arqueológico, em detrimento do recenseamento estatístico do número de vasilhas existentes nos variados espaços do sítio arqueológico. Também não realizamos nenhum estudo do contexto ambiental onde o sítio está inserido, deixando tal trabalho para o futuro. Os fragmentos analisados formam uma das maiores coleções brasileiras obtidas em um único sítio arqueológico, totalizando 63.110 peças, armazenadas na “tulha” (Bloco G 45), sede do LAEE. O estudo da coleção foi dividido em várias etapas, a saber:

limpeza, consolidação, catalogação, curadoria e análise tecno-tipológica. Vários alunos participaram dessas atividades, desenvolvidas entre janeiro de 1996 e junho de 2002, cujo objetivo básico era a realização de atividades de iniciação científica voltadas para a pesquisa, ensino e extensão.

Eu participei de todas as etapas, através de projetos de ensino e iniciação científica (bolsa ensino-UEM/1996; PIBIC-UEM/1997-1998; PIBIC-CNPq/1998-1999; bolsa trabalho-Fundação Araucária/mar-set/2001; bolsa de mestrado CAPES/out/2001 até o presente). Ao longo desse período apresentei comunicações sobre os resultados parciais da pesquisa, em eventos de iniciação científica, de associações científicas profissionais e de instituições que promoveram encontros acadêmicos de diversos tipos. Também tive a oportunidade de apresentar resultados em mini-cursos de extensão, em exposições itinerantes de material arqueológico realizadas pelo LAEE em diversos municípios da região noroeste do Paraná, sob a orientação dos professores Isabel Cristina Rodrigues e Lúcio Tadeu Mota do Departamento de História da UEM.

Essa pesquisa surgiu do meu interesse na cultura dos povos Guarani que ocuparam a região sul do Brasil, a partir de 200 A. C. O estudo da cultura material, através das evidências arqueológicas, foi a maneira encontrada para começar a me aproximar dos Guarani. Dentre os vários temas possíveis de serem pesquisados, escolhi a análise da funcionalidade das vasilhas cerâmicas, devido ao estágio inicial em que se encontra a temática em termos de Brasil. Há muito para ser feito e descoberto e a coleção do LAEE abriu um espaço para o desenvolvimento de uma metodologia de análise que está em fase de teste.

Essa escolha derivou do debate teórico-metodológico presente na Arqueologia Brasileira desde a década de 80: a importância da cultura material enquanto fonte de pesquisa. O interesse em reconhecer a função dos artefatos e os processos envolvidos em sua produção e contextualização era inexistente. Assim, ignorando o contexto onde tais processos se desenvolviam, bem como o significado dos mesmos, estudavam-se cacos ao invés de fragmentos. Cacos não teriam um

significado maior do que o ofertado pela própria matéria que o constitui, diferentemente dos fragmentos que possuem significados representativos de diversos aspectos sociais, econômicos e simbólicos que desapareceram juntamente com os responsáveis por sua produção, elaboração e descarte.

Na Arqueologia, segundo Pedro Paulo Funari (1999), existem dois discursos a serem analisados: a cultura material e sua representação, em forma de texto, e a discursividade da cultura material, enquanto objeto físico. Dessa forma, a cultura material pode ser constituída por uma série de signos metacríticos, cujo sentido mantém-se disperso por uma cadeia aberta de significantes-significados.

O sentido do registro arqueológico, nesta perspectiva, não se reduz aos seus elementos constitutivos, mas o que se busca são as estruturas e os princípios que compõem essas estruturas subjacentes à tangibilidade visível da cultura material. Assim, sua análise visa descobrir o que está oculto nas presenças materiais observáveis, levando em conta as ausências, as diferenças e semelhanças que constituem o padrão da cultura material em um contexto espacial e temporal específico.

A cultura material foi caracterizada por Bohannan (Bohannan apud Newton, 1987:15-25), “como o único fenômeno cultural codificado duas vezes: uma vez na mente do artesão e a outra na forma física do objeto”. E essa dupla codificação, segundo Dolores Newton, permite comparar os três fenômenos culturais, ou seja, o artefato, bem como seus aspectos cognitivos e comportamentais.

Segundo estas abordagens, as próprias relações sociais articulam-se em um campo de significado estruturado pelo pensamento e pela linguagem, sendo capaz de reforçar os sentidos inscritos na cultura material. Funari (1999) nos alerta que a cultura material constituída por cadeias de significantes-significados, não pode ser tratada de forma simplista como se representasse algo em particular, ressaltando que a força sígnica da cultura material depende da estrutura das inter-relações pessoais e o sentido de qualquer artefato específico está sempre interseccionado pelo sentido de outros artefatos. Os artefatos, assim, formam elos em uma cadeia de

objetos, em um campo aberto de signos, já que os sentidos podem ser comunicados por meio de ações, falas e artefatos, mas o meio altera a natureza e a efetividade da mensagem (Shanks e Tilley, 1987).

Como num discurso comunicativo, a cultura material revela sua estrutura e princípios subjacentes por meio da repetição. Ela solidifica e codifica as relações sociais nas quais ela está inserida e das quais ela deriva, a um só tempo. Segundo Funari (1999), é possível afirmar que os artefatos constituem um código de signos que se trocam, onde produção, utilização e consumo de cultura material por parte do indivíduo pode ser considerada como um ato de bricolagem, não se tratando mais de tentar descobrir os vestígios, mas de entender como se constrói um discurso sobre grupos étnicos a partir da cultura material.

Dessa forma, esta dissertação busca demonstrar a importância da cultura material enquanto fonte de pesquisa, assim como sua influência no universo social Guarani. Busca também, a partir da análise do material cerâmico proveniente do sítio arqueológico Lagoa Xambrê, inferir possibilidades de uso para a cerâmica.

A estrutura da dissertação está dividida em quatro capítulos:

O capítulo um traz discussões acerca das metodologias empregadas no processo investigativo. Para tanto, trabalha com a questão da teoria presente nas investigações, em diferenciadas áreas, traçando um paralelo entre História e Arqueologia. Posteriormente, debate a importância da cultura material enquanto fonte, também nas diferenciadas áreas, tendo como referência a História e a Arqueologia. Essa referência encontra-se presente como tentativa de estabelecer um paralelo entre esses dois campos de investigação. Como a discussão do primeiro capítulo está centrada na questão teórica, discutimos quais são e que papéis cumprem as teorias empregadas nas pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Brasil, assim como o papel que ocupam no cenário do debate arqueológico.

A partir da discussão feita no primeiro capítulo quanto à importância da cultura material enquanto fonte, e após delimitá-la enquanto objeto de pesquisa apresentamos no segundo capítulo uma exposição do modelo de análise para a cerâmica Guarani que foi adotado em nossa pesquisa. Nessa discussão estão presentes todos os critérios utilizados para o desenvolvimento do modelo, bem como as possibilidades de resultados que podem ser obtidos a partir da aplicação do mesmo.

O terceiro capítulo apresenta a quantificação dos resultados obtidos com a análise do material cerâmico, apresentados em tabelas e gráficos. Todos os resultados passaram por uma análise estatística para a conclusão do capítulo, oferecendo as informações necessárias para a elaboração do quarto capítulo.

No quarto capítulo apresentamos uma discussão referente à frequência das classes de vasilhas e a funcionalidade para cada classe que foi descrita no capítulo 3. Para tanto, operamos em dois campos de análise: quantitativo (porcentagem de cada classe de vasilhas dentro de um contexto arqueológico específico) e interpretativo (padrões de uso, re-uso, armazenagem e descarte; produção tecnológica; alimentação; organização social, etc.).

1 O PROCESSO INVESTIGATIVO: A RELAÇÃO ENTRE A TEORIA E AS EVIDÊNCIAS

“Os modos de escrever a história são tão diversos, as técnicas empregadas pelos historiadores são tão variadas, os temas da investigação histórica são tão díspares e, acima de tudo, as conclusões são tão controversas e tão veementemente contestadas dentro da profissão, que é difícil apresentar qualquer coerência disciplinar” (Thompson, 1981:48).

Este primeiro capítulo merece, sem dúvida, uma discussão acerca das teorias envolvidas na constante tentativa de se explicar o processo histórico. Sendo assim, tomemos a definição dada por Boaventura de Souza Santos¹ que considera a teoria em união ou relação com os feitos, como parte integrante do processo de criação de conhecimento, onde o grande debate metodológico da ciência moderna consiste em saber qual é a participação de ambos (teoria e feitos) nesse processo, identificando-se a teoria, ou os conceitos, com o sujeito e os feitos, ou o mundo da observação com o objeto. Essa definição nos remete a estarmos sempre lembrando o papel fundamental do diálogo entre o pesquisador e as evidências, existentes tanto na História quanto em outras disciplinas.

Ao delimitar seu objeto de trabalho, o pesquisador se defronta com uma série de obstáculos, principalmente no momento de problematizá-lo. Esse quadro se apresenta devido à enorme dificuldade encontrada em definir um modelo teórico que se relacione diretamente com o objeto em estudo. Neste sentido, observamos um problema que ocorre freqüentemente nos estudos realizados – a imposição de modelos teóricos inflexíveis aos objetos de estudo. Contudo, é importante nos lembrarmos que o quadro teórico a ser utilizado em nossos trabalhos não está, por si só, acabado ou pronto, mas que vai sendo construído e definido ao passo que as investigações vão se desenvolvendo, o que cremos acontecer em uma relação direta com os feitos, ou seja, a teoria é parte integrante do processo de conhecimento. Isso ocorre em virtude do papel fundamental que a teoria desempenha nos processos de

¹ SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989, p. 71.

interpretação e análise das implicações decorrentes dos fenômenos abordados, uma vez que estes não são por si só inteligíveis a ponto de nos esclarecer diretamente o porquê de haverem se processado de determinada forma, e não de outra. Também, devido ao fato das explicações causais mostrarem-se, por vezes, reducionistas, uma vez que no desenvolver do processo histórico existe a grande possibilidade de novas causas internas e externas se apresentarem e se estruturarem, o que modifica a ordem dos acontecimentos. Para Doeswijk,

“Si la función principal de la teoría consiste en revelar los significados de los hechos no inmediatamente evidentes, entonces las teorías adecuadas son aquellas que en la práctica consiguen redimensionar el mundo de los hechos sin violentarlos o deturparlos” (Doeswijk, 1993:61).

Assim, temos que independente do objeto que elegemos para problematizar, é somente no processo investigativo que os conceitos e suas implicações vão surgindo, ao passo que surgem também as teorias que possam explicá-los. Daí então, o cuidado redobrado com a imposição de grandes modelos teóricos. De acordo com Thompson,

“O discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro. O interrogador é a lógica histórica; o conteúdo da interrogação é uma hipótese (por exemplo, quanto à maneira pela qual os diferentes fenômenos agiram uns sobre os outros); o interrogado é a evidência com suas propriedades determinadas” (Thompson, 1981:49).

Dessa forma, no decorrer das investigações acerca do processo histórico, as hipóteses vão surgindo e se esclarecendo a partir de um diálogo estabelecido com as evidências, formando-se então, um conhecimento objetivo. Objetivo porque as evidências nos vão fornecendo hipóteses de acordo com a forma como vão sendo questionadas. A partir do momento que novas questões são colocadas, novas hipóteses surgem à luz do diálogo estabelecido. Assim, à medida que a investigação prossegue, as hipóteses vão se adequando à teoria, mas não uma teoria que se encerra ou que responde por si só, mas que está em constante relação com as evidências.

“A prática histórica está, acima de tudo, empenhada nesse tipo de diálogo, que compreende: um debate entre, por um lado, conceitos e hipóteses recebidos, inadequados ou ideologicamente informados, e, por outro, evidências recentes ou inconvenientes; a elaboração de novas hipóteses; o teste dessas hipóteses face às evidências, o que pode exigir o interrogatório das evidências existentes, mas de novas maneiras, ou uma renovada pesquisa para confirmar ou rejeitar as novas noções; a rejeição das hipóteses que não suportam tais provas e o aprimoramento ou revisão daquelas que as suportam, à luz desse ajuste” (Thompson, 1981:54).

Com tudo, os conceitos históricos vão sendo construídos, as hipóteses levantadas vão sendo validadas, ao passo que o conhecimento vai sendo construído. Entretanto, tais características não são exclusividades da História, mas desenvolvem-se também em outras disciplinas. Com isso, o objetivo não é apenas o de reconstituição, mas o de explicação da história a partir de teorias empregadas diante desse objetivo e dentro de uma lógica. O conhecimento obtido a partir de então não se limita apenas ao tempo em questão, ao passado; extrapola esses limites temporais e até mesmo disciplinares, estabelecendo um intercâmbio com outros conhecimentos e teorias (Thompson, 1981). Dessa forma se processa porque os fatos não são observados e analisados isoladamente, mas em conjunto, considerando-se suas regularidades próprias, seus contextos diferenciados e sua lógica de processo. Segundo Thompson,

“A explicação histórica não pode tratar de absolutos e não pode apresentar causas suficientes, o que irrita muito algumas almas simples e impacientes. Elas supõem que, como a explicação histórica não pode ser Tudo, é portanto Nada, apenas uma narração fenomenológica consecutiva. É um engano tolo. A explicação histórica não revela como a história deveria ter se processado, mas porque se processou dessa maneira, e não de outra; que o processo não é arbitrário, mas tem sua própria regularidade e racionalidade; que certos tipos de acontecimento (políticos, econômicos, culturais) relacionaram-se, não de qualquer maneira que nos fosse agradável, mas de maneiras particulares e dentro de determinados campos de possibilidades; que certas formações sociais não obedecem a uma “lei”, nem são os “efeitos” de um teorema estrutural estático, mas se caracterizam por determinadas relações e por uma lógica particular de processo. E assim por diante”(Thompson, 1981:61).

Entretanto, essa constante tentativa de explicação do processo histórico não se limita apenas ao campo de estudo da disciplina Histórica. Nela, temos o auxílio de outras disciplinas como a Sociologia, a Filosofia, a Antropologia e em

nosso caso, em especial, a Arqueologia, que assim como a História fazem uso da relação teoria/feitos mantendo um diálogo entre pesquisador e evidência. Além disso, tais disciplinas mantêm entre si o que Thompson (1981) chamou de intercâmbio teórico no processo de construção do conhecimento. De acordo com Kern,

“A percepção e o conhecimento daquilo a que denominamos o passado da humanidade depende dos vários métodos de abordagem e das várias técnicas que se estabeleceram, para uma correta leitura dos diversos documentos (escritos, icnográficos, tecnológicos, etc.) que nos permite reconstituir a História em seu sentido mais amplo” (Kern, 1989:358).

Dessa forma, a História e a Arqueologia, têm o objetivo em comum de reconstituição das diversas fases do processo histórico pelas quais passaram as diferentes sociedades até o tempo atual, podendo estabelecer o que é possível ser chamado de diálogo interdisciplinar, ou melhor, integração disciplinar. Isso ocorre porque as relações de continuidade e mudança são também expressas materialmente e tornam-se objetos de estudo da Arqueologia. Assim, não podemos viver com uma pretensão maior de obter conhecimento acerca do passado sem levar em consideração as evidências materialmente expressas, que não falam por si só, mas que tem muito a esclarecer no que diz respeito ao processo histórico. Para Kern,

“A cooperação entre o historiador e o arqueólogo estabelece uma gama de possibilidades técnicas e uma riqueza de interpretações teóricas que ultrapassa as limitações das disciplinas tomadas isoladamente” (Kern, 1989:361).

E ainda,

“As responsabilidades de historiadores e arqueólogos são muito similares..., pois compartilham um mesmo objeto: a sociedade, no passado e no presente, suas características e dinâmica (García, 1991:38 apud Funari, 1998:12)”.

Por isso, novamente devemos estar atentos ao perigo de impor às pesquisas modelos monolíticos de análise, ou seja, teorias inflexíveis, que se

encerram em si próprias e encerram ao mesmo tempo o passado. Isso implica reafirmarmos que se torna cada vez mais necessário estabelecer um diálogo coerente entre as disciplinas, observando que as teorias existentes nas diferentes áreas podem estar interagindo no que se refere ao processo investigativo. Isso não implica em dizer que, por estarem em um nível de integração considerável e por possuírem objetivos comuns ou semelhantes, as disciplinas são iguais e possuem as mesmas abordagens. As disciplinas são diferentes, assim como o processo investigativo, até mesmo pela natureza das fontes. Entretanto, essa diferença não anula o fato dessas disciplinas serem complementares. Assim, a arqueologia tanto quanto a História, chega até o presente, pois a produção material é contínua em todo o decorrer da história da humanidade:

“Há um reconhecimento de que a História é um elemento vital para a interpretação arqueológica... e que os arqueólogos devem combinar o uso da cultura material com o estudo da documentação escrita (Orser, 1987:131 apud Funari, 1998:8)”.

Considerando as diferenças entre as disciplinas no trabalho de explicação do processo histórico, a História como ciência, assim como as Ciências Humanas, analisa o feito dentro de um contexto próprio e sistematiza-o a outros feitos com os quais se relaciona estruturalmente, ou seja, não analisa o feito isoladamente, mas em conjunto, dentro de uma lógica de processo. De acordo com Collingwood (1939:109-110 apud Hodder, 1988),

“Aunque la historia es una ciencia en un sentido general, se diferencia completamente de las ciencias naturales porque su esencia consiste en penetrar dentro del contexto, en ver el “interior” de los acontecimientos. Estudiar historia es intentar explicar finalidad y pensamiento”.

Já na Arqueologia, ainda com Collingwood (1946 apud Hodder, 1988), os dados são mais problemáticos e negam a possibilidade de uma generalização intercultural para interpretar os fatos históricos, pois somente são percebidos ou dados no marco de uma teoria. Se considerarmos a Arqueologia enquanto história da

ruptura, conceito utilizado por alguns pesquisadores, veremos que, de acordo com Oliveira,

“Deste ponto de vista, a História abordaria, por meio de fontes escritas, a continuidade da história do homem em sociedade, ao passo que a Arqueologia trataria de um campo árido, pouco explorado pelos historiadores, devido à ausência de fontes escritas. Este domínio, que antecede a História (portanto, é Pré-História), seria construído baseado apenas nos vestígios materiais do passado” (Oliveira, 2002:24).

Dessa forma, propõe-se uma reconstrução que faça sentido, a partir da visão do arqueólogo e de acordo com a coerência interna da argumentação. Segundo Hodder,

“Por esta razón nuestra reconstrucción de los significados históricos se basa en argumentaciones de coherencia y de correspondencia con los datos tal como se perciben. La arqueología utiliza argumentaciones flexibles, fácilmente “adecuables”; no tiene más opciones viables (...) el conocimiento del pasado es acumulable mediante una aplicación crítica del método” (Hodder, 1988:120).

Sendo assim, quando levamos em consideração o fato de que os dados são subjetivos, contamos com mecanismos que nos ajudam a distinguir as diferentes teorias alternativas. Ou seja, as evidências materiais possuem informações contextuais concretas que limitam o que pode ser inferido a seu respeito. Com isso, a coerência é dada, a partir do momento em que a imaginação histórica vai recompondo os dados. Ainda para Hodder,

“La ciencia histórica trata precisamente de la crítica y el incremento de estos elementos subjetivos. En caso contrario, la utilización de los datos en generalizaciones interculturales que olvidan la relación problemática sujeto-objeto, resulta fraudulenta” (Hodder, 1988:120-121).

Contudo, por ser compreendida enquanto um jogo de técnicas para a recuperação e processamento da informação sobre o passado humano², a Arqueologia por vezes, não é considerada enquanto disciplina por direito próprio,

² ROUSE, I. *Introduction to Prehistory*. New York: McGraw-Hill, 1972.

mas tão somente uma forma de se obter dados para outras disciplinas. Entretanto, tal concepção muda rapidamente quando se trata do estudo de sociedades que não possuíam escritas, onde a arqueologia desenvolve trabalhos riquíssimos no que diz respeito ao processo investigativo e obtenção de informações. Respeitando todas as críticas, é preciso compreender que ainda que considerada ou não uma disciplina, a Arqueologia é também formada por um conjunto de técnicas que compõe seu método investigativo, mas que não a resume enquanto tal, uma vez que esse método mantém relação direta com uma estrutura teórica que dá sustentação e coerência às informações obtidas em suas análises. Essas informações são constantemente compartilhadas com disciplinas afins e se mostram de suma importância quando se trata de explicar o processo histórico e construir conhecimento acerca do passado. É aí que reside a importância da Arqueologia.

Assim, e considerando as diferenças existentes entre História e Arqueologia e seus métodos investigativos, temos que ambas, da mesma forma que as outras Ciências Humanas, são permeadas de conceitos teóricos que devem estar em constante relação com as evidências no processo de obtenção de conhecimento. E, mesmo que a forma de obtenção desse conhecimento se apresente diferenciada nas diversas disciplinas, a maneira para se eleger um quadro teórico que seja compatível com as hipóteses é a mesma, ou seja, dá-se através do diálogo com as evidências. Lembrando novamente Thompson (1981), é dessa forma que as hipóteses serão testadas, sustentadas ou rejeitadas, formando assim um conhecimento coerente.

1.1 CULTURA MATERIAL E SUA IMPORTÂNCIA ENQUANTO FONTE DE PESQUISA

Devido ao nosso grande interesse no quadro teórico envolto nas pesquisas arqueológicas, passaremos a observar como os pesquisadores se posicionam no campo de debate acerca dos trabalhos arqueológicos realizados no Brasil. Para tanto,

estaremos em contato com uma breve discussão em torno do conceito de cultura material e sua importância, visto que esta é uma fonte privilegiada de estudos na Arqueologia.

De acordo com Marshall Sahlins,

“A História é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os sistemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. A síntese desses contrários desdobra-se nas ações criativas dos sujeitos históricos, ou seja, as pessoas envolvidas. Porque, por um lado, as pessoas organizam seus projetos e dão sentido aos objetos partindo das compreensões preexistentes da ordem cultural. Nesses termos, a cultura é historicamente reproduzida na ação” (Sahlins, 1994:7).

Partindo da premissa proposta por Sahlins, de que a história é ordenada culturalmente de acordo com os esquemas de significação das coisas e de que a cultura é historicamente reproduzida na ação, vemos que a cultura material é de grande importância no estudo das sociedades. Isso se dá porque a cultura material, nos diferentes grupos humanos, possui uma importância fundamental no que diz respeito à transmissão e preservação de conhecimentos e orientação das pessoas em seu ambiente natural e social. Porém antes (e ao mesmo tempo), é a forma encontrada pelas sociedades históricas de assegurar a sua sobrevivência. Com isso, ela assume um papel ativo e fundamental nas relações dos homens entre si e com o meio natural, atuando como uma forma de construção e facilitação no ato de perceber e adquirir um conhecimento do mundo (Shanks e Tilley, 1987:96). Ao mesmo tempo, a cultura material torna-se um veículo a partir do qual os grupos sociais constroem sua alteridade e expressam mensagens sobre o seu modo de pensar e de viver, ou seja, exteriorizam materialmente idéias e conceitos que podem ser decodificados, ou melhor, interpretados segundo o contexto cultural em que se inserem (Ribeiro, 1987a:15).

Dessa forma, a cultura material delineou-se não só enquanto um campo de estudo, mas também como uma forma de conhecimento e entendimento da evolução

das sociedades humanas. Embora a cultura material faça parte da História e do próprio processo evolutivo das sociedades, ela se tornou, cada vez mais, um campo de domínio dos arqueólogos. Isso se dá, em boa parte, pelo fato de que a História a viu, durante muito tempo, como parte constituinte da história das técnicas e a relegou assim, a estudos de ordem secundária. Na Arqueologia, esse campo foi explorado sem maiores dificuldades pela própria natureza de suas fontes, utilizadas pelos arqueólogos no processo de abordagem das sociedades do passado e no estudo das representações e manifestações culturais das mesmas.

No que se refere à História, esse quadro só veio a sofrer mudanças quando a Escola dos *Annales* introduziu, ainda que de maneira tímida, mas significativa, a cultura material no campo do historiador. Entretanto, ainda que isso tenha ocorrido, o novo campo de estudo apareceu subordinado ao fenômeno do capitalismo, num momento em que a história econômica assumia papel principal e primordial nos estudos históricos. Segundo Fernand Braudel (apud Pesez, 1998:184) “a vida majoritária é constituída pelos objetos, as ferramentas, os gestos do homem comum; só essa vida lhes diz respeito na cotidianidade; ela absorve seus pensamentos e seus atos. Por outro lado, ela estabelece as condições da vida econômica “o possível e o impossível”. Assim, o papel que lhe coube, primeiramente, foi o de campo subordinado, sem conceitos e implicações totalmente desenvolvidos.

Se com a Escola dos *Annales* seu papel foi subordinado, com o Marxismo o quadro não foi muito diferenciado, levantando uma série de problemas teóricos. A hesitação em atribuir à cultura material sua devida importância se deu, principalmente, pelo materialismo histórico. De acordo com Pesez, “atribuir à história da cultura material um estatuto independente comporta um risco, o de emprestar aos fatos que estuda um peso igual ao do fenômeno social: ou, o que seria ainda mais grave, admitir que possa haver fatos históricos que não sejam sociais e explicar os fenômenos sociais por fenômenos extra-sociais” (Pesez, 1998:186). Com isso, o novo campo manteve-se externo às pesquisas desenvolvidas pelos historiadores marxistas.

O que se pode observar no desenvolvimento do quadro da cultura material é que sua falta de conceituação própria e bem definida, aliada às pesquisas prioritárias das escolas em que foi inserida, no campo da História, designou-lhe basicamente um papel secundário. Por um lado, rejeitou-se seu estudo no campo da história das técnicas, uma vez que a evolução das técnicas não se dá exclusivamente por leis internas, mas também por condições externas, que no caso são provenientes da economia. Por outro, limitou e reduziu seu estudo à história das técnicas, considerando-se que o conceito de progresso é, por vezes, mais aceito nessa área.

Além dos problemas teóricos que levanta, existe ainda a questão da natureza das fontes, que no caso da cultura material, como o próprio nome já diz, são materiais, concretos. Isso nos remete novamente à questão do conceito de cultura material. A definição de tal conceito é uma tarefa um tanto quanto difícil. Isso ocorre, por vezes, pelo fato de que quem mais utiliza essa expressão se limita a defini-la pelos termos que a designam, sem uma explicação mais aprofundada. Entretanto, tais definições relativamente simplistas tornam-se frequentemente insuficientes, uma vez que a idéia de cultura material não pode ser definida simplesmente pela noção dos termos que a compõem por um valor próprio: a idéia tem um sentido e esse sentido só pode ser descoberto se a cultura material se tornar útil. Segundo Jean-Marie Pesez “a cultura material tem uma relação evidente com as injunções materiais que pesam sobre a vida do homem e às quais o homem opõe uma resposta que é precisamente a cultura” (Pesez, 1998:180).

Dessa forma, a cultura material encontrou sua expressão no concreto, ou seja, na relação direta entre o homem e os objetos, sendo estes, por sua vez, caracterizadores e designadores de uma sociedade. Foi a partir dessa relação produzida pelo concreto que a Arqueologia encontrou sua base de estudos no que se refere ao conhecimento na escala do passado, visto que quando remontamos no tempo os vestígios materiais são os únicos indícios que permanecem. “A Arqueologia desvenda vestígios relacionados a outros elementos, associações de

fatos, os mesmos que a cultura material estrutura. Além disso, através dos objetos é do homem que ela trata” (Pesez, 1998:204).

Com isso, a cultura material insere-se numa problemática que envolve mais que a discussão de sua conceituação teórica e da natureza de suas fontes. Ela está inserida nas transformações da prática dos historiadores, tornadas possíveis nas últimas cinco décadas, por uma abertura à possibilidade de se considerar outras fontes. A partir dessa abertura, a cultura material, enquanto fonte, pode ser empregada para estudar as transformações ocorridas no decorrer do tempo, ou seja, os acontecimentos. Mais do que isso, ela torna-se, por vezes, uma fonte que simboliza materialmente os eventos históricos e a partir da qual, os mesmos podem ser observados e analisados. Segundo Burguière (1998:131),

“Como o etnólogo – que utiliza a distância que percebe entre sua própria cultura e a de seu terreno de observação para se desembaraçar de suas próprias categorias e reconstituir o sistema lógico da sociedade que estuda – o historiador pode explorar o caráter parcelar, não construído, dessas fontes brutas, para encontrar, para lá da realidade manifesta, os mecanismos e a lógica que explicam determinada conjuntura – o que se chama uma época – ou determinada evolução.”

Assim, o objetivo principal que a cultura material apresenta é o de introduzir novamente o homem na história, através de idéias, conceitos e práticas, manifestações e representações materialmente exteriorizados, revelando as relações formadoras das estruturas sociais que rege indistintamente todos os povos.

Dessa forma, pela importância que a cultura material nos revela enquanto fonte de investigação, é que a elegemos como fonte de trabalho no que diz respeito ao desenvolvimento da pesquisa sobre as metodologias de análise das cerâmicas arqueológicas indígenas do sul do Brasil, especificamente as elaboradas pelos povos Guarani que viveram às margens do rio Paraná, na lagoa Xambrê.

1.2 ARQUEOLOGIA BRASILEIRA: O PAPEL DA TEORIA NO CENTRO DO DEBATE

A discussão acerca da importância da cultura material enquanto fonte remete-nos ao bojo de uma fase de transição teórico-metodológica na arqueologia brasileira. Até uma década atrás não havia interesse em reconhecer a função dos artefatos, bem como os processos físico-químicos e sociais envolvidos na sua elaboração, contextualização e significados. Bastava medir e descrever os fragmentos. Essa mudança, em termos teóricos, poderia ser grosseiramente reduzida a uma frase: estudava-se “cacos” ao invés de “fragmentos”.

Cacos não teriam qualquer significado além da sua matéria, sendo apenas alvo de mensurações. Fragmentos, por sua vez, teriam um significado muito mais amplo, representando uma série de elementos que desapareceram com aqueles que os produziram, utilizaram e descartaram. Logo, dependendo das informações disponíveis, são fragmentos que podem vir a ser contextualizados historicamente, sociologicamente, antropologicamente, etc.

Essa distinção resulta da diferença entre dois campos científicos que dividem o panorama da Arqueologia Brasileira. De um lado a abordagem Histórico-Culturalista, do outro, as abordagens Processuais e Pós-Processuais.

Na abordagem Histórico-Culturalista os estudos desenvolviam-se segundo uma metodologia essencialmente descritiva, direcionando a ênfase para a análise do artefato em si. Dessa forma, os mesmos eram classificados de acordo com suas características físicas, estilísticas e morfológicas, localizados geograficamente e posteriormente associados a conjuntos de artefatos com as mesmas características. Busca-se, a partir destes processos, estabelecer indústrias artefatuais e definir culturas arqueológicas (Silva, 1995:120).

A Arqueologia Processual defende um posicionamento teórico e metodológico crítico com relação à Arqueologia Histórico-Cultural. Os processualistas deslocaram a ênfase da pura descrição dos artefatos para a busca da

compreensão dos sistemas culturais que os produziam (Silva, 1995:120). Num primeiro momento, entre 1960 e 1970, buscava-se a compreensão da contextualização dos vestígios arqueológicos, o processo de produção dos artefatos e sua funcionalidade. Para tanto, foi empregado o método hipotético-dedutivo. As hipóteses foram formuladas a partir do quadro teórico adotado e das tendências observadas nos dados arqueológicos e etnográficos, onde, a partir da dedução, eram determinadas as implicações que se teria se as hipóteses fossem corretas. Em seguida, após 1970, a Arqueologia Processual entra em sua segunda fase, de aprofundamento do programa de pesquisa, onde os estudos experimentais e o aprofundamento das pesquisas etnográficas foram fundamentais para o conhecimento dos processos de fabricação e uso dos materiais arqueológicos e dos fatores que interferem na configuração do registro arqueológico.

No final da década de 1970, começam a surgir críticas com relação a esse modelo, surgindo a Arqueologia Pós-Processual. Influenciados por idéias estruturalistas, os arqueólogos pós-processualistas entendem a cultura como sendo um sistema simbólico e a diversidade cultural como o resultado de reordenações diferenciadas de elementos estruturais básicos. Assim, a tarefa a que esses arqueólogos se propuseram era a de fazer um exame de como os modos pelos quais a similaridade e a diferença e a continuidade e a mudança, vão sendo construídos por meio da cultura material.

No caso do Brasil, até o presente, considerando a volumosa quantidade de publicações sobre cerâmica arqueológica, existem poucos trabalhos etnográficos e históricos que foram desenvolvidos com o objetivo de levantar informações úteis à Arqueologia (Miller, 1978; Muccillo & Wust, 1981-82; Wust, 1981-82; Lima, 1987; Brochado, 1991; Coirolo, 1991; Assis, 1994; Garlet & Soares, 1996; Monticelli, 1995, 1996; Silva, 2000, 2001). Ainda predominam as abordagens que dão prioridade à obtenção de informações métricas, tal como a seriação da matriz fordiana, a reconstrução gráfica da forma, a qualificação do conteúdo físico-químico das matérias-primas constituintes da pasta cerâmica e a predileção, como unidade

básica para análises, da cultura arqueológica sobre as comunidades locais representadas pelos sítios arqueológicos.

Desde a década de 60 até início dos anos 90, no sul do Brasil fez-se basicamente um único tipo de pesquisa, ocorrendo a padronização dos métodos e da representação dos resultados, seguindo ou aperfeiçoando o padrão estabelecido por Betty Meggers e Clifford Evans, mentores e principais patrocinadores das pesquisas realizadas entre 1965-1970 no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, que consistia em um desdobramento para o território brasileiro de suas pesquisas quanto às rotas de migração e difusão cultural nas terras baixas da América do Sul (Dias, 1994; Noelli, 2000). Seguindo isso, o principal objetivo do PRONAPA era estabelecer um esquema cronológico do desenvolvimento cultural no País. A forma de garantir que esses objetivos seriam cumpridos dava-se com a aplicação de uma metodologia padronizada para as investigações de campo e laboratório. Com isso, a abordagem pronapiana caracteriza-se por trabalhos de campo voltados à coleta de amostras regionais com o objetivo de traçar padrões cronológicos a partir de seriações. O maior número de sítios deveriam ser localizados em uma área previamente selecionada, onde seriam feitas coletas de superfície e, quando possível, um ou dois cortes estratigráficos para a obtenção de amostras das seqüências arqueológicas locais, não levando em conta a possibilidade de um comportamento estratigráfico diferenciado nas regiões abrangidas pelo PRONAPA. Dessa forma, “as amostragens assim obtidas ofereceriam bases seguras para o estabelecimento de seqüências cronológicas e identificação de influências culturais” (Evans & Meggers, 1965:42).

Em apenas cinco anos foram levantados e prospectados mais de 1.500 novos sítios arqueológicos, enquadrados em um modelo cronológico e espacial de que carecia a pré-história brasileira:

“A partir das pesquisas do PRONAPA, em curto período de tempo, pode-se perceber de forma mais clara a amplitude, antiguidade e complexidade da ocupação humana no Brasil anterior à presença européia” (Dias, 1994:20).

Entretanto, as propostas metodológicas oferecidas pelo Programa foram além do seu sentido inicial, assumindo um caráter paradigmático. A prioridade dada às prospecções rápidas e às coletas de superfície limitadas em detrimento de algumas escavações mais sistemáticas, pouco contribuiu às reconstituições etnográficas e históricas. De fato, a metodologia do PRONAPA evitou as informações históricas, centrando-se apenas na descrição dos dados arqueológicos. Nesse caso, a importância dada à prospecção mascarou os substratos teóricos que guiavam os objetivos da pesquisa, levando a erros de interpretação quanto a sua capacidade de explicar os fenômenos arqueológicos: “Assim, a aplicação dos métodos pronapianos oportunizou um conhecimento apenas aproximativo dos grupos pré-históricos brasileiros, decorrente das limitações explicativas oferecidas pela abordagem teórica que sustentava suas pesquisas.” (Dias, 1994:22).

Dessa maneira, é possível observar que, por quase 4 décadas, houve o emprego de um modelo monolítico de pesquisa, que

“impedia o livre trânsito das idéias, métodos e informações sobre o estado da Arqueologia no resto do mundo, bem como o estabelecimento da prática de ignorar idéias e pesquisas relevantes que lhes fossem dissonantes, mesmo que fossem reconhecidas em outros meios” (Noelli, 2000:221).

Com isso, em um cenário mais amplo, são raros os trabalhos relacionados à cultura material que se dirigiram ao estudo da cerâmica, especificamente, levando em consideração todos os tipos de fontes, principalmente as etnográficas e históricas, bem como de contextos onde ela aparece em nível de comunidade, desde a escolha da fonte de matéria-prima, as várias etapas de produção, usos, organização social, relações intra e inter-aldeias, etnicidade, frequência e as representações simbólicas, a exemplo do que propõe autores como Arnold (1985), Rice (1987), David, Sterner & Gavua (1988), Dietler & Herbich (1989), Sinopoli (1991) e Wüst (1996).

No contexto brasileiro esse quadro só veio a modificar-se a partir do final da década de 80, quando a cerâmica Guarani passa a ser estudada através de outras abordagens, vindo ao encontro do que propõe os autores citados logo acima. Isso ocorre com o método desenvolvido por José Brochado e colegas (La Salvia & Brochado, 1989; Brochado, Monticelli & Neumann, 1990; Brochado & Monticelli, 1994; Noelli e Brochado, 1998; Noelli et al. 2000), que estabeleceram com rigor epistemológico a relação entre dados históricos (nomenclatura, forma e função) e cerâmica arqueológica. Trata-se de uma abordagem que visava um avanço significativo na reconstrução gráfica das vasilhas e no estudo de sua funcionalidade, cuja proposta supera a seriação cerâmica fordiana e abandona o obsoleto conceito de “Tradição Tupiguarani”, que em nada contribuiu para uma explicação que ampliasse o entendimento do contexto sociológico onde se produzia e utilizava a cerâmica Guarani.

Tradição Tupiguarani, sem hífen, foi um conceito criado no PRONAPA para definir as evidências cerâmicas arqueológicas dos povos Tupi. Todavia, a aplicação desse conceito e das metodologias que subjazem sobre ele contribuíram para o estabelecimento de uma abordagem que uniformizou, simplificou e ignorou as diferenças entre os vários povos Tupi. O método pronapiano, ao visar apenas a descrição dos tratamentos de superfície, a descrição da pasta e do anti-plástico e a mensuração dos “cacos”, impediu o reconhecimento das diferenças e das variações formais e funcionais.

A proposta de Brochado e colegas era ultrapassar esse estágio de generalizações, buscando uma abordagem e um método que privilegiasse a particularização e a determinação das diferenças existentes entre os povos vinculados às sete famílias lingüísticas do tronco Tupi (Rodrigues, 1986). No caso dos Guarani, um dos mais 20 povos integrantes da família lingüística Tupi-Guarani, havia o objetivo de estabelecer critérios para definir formas, atributos decorativos/tecnológicos, funções e usos sociais a partir de dados arqueológicos, históricos e etnográficos.

1.3 AS AFILIAÇÕES TEÓRICAS PRESENTES NO MODELO MONOLÍTICO DE PESQUISA ARQUEOLÓGICA EMPREGADO NO BRASIL

Quando se propõe fazer um trabalho arqueológico partindo do princípio de que é preciso superar as interpretações atuais e modificar a estrutura teórica, metodológica e prática das pesquisas realizadas, recorre-se a uma explanação que apresenta, sinteticamente, o uso de conceitos e posturas teóricas definidas. No entanto, como já foi mostrado por diversos autores no **Dôssie Antes de Cabral** recentemente publicado no volume 44 da Revista USP (2000), tal processo de atualização não ocorre com tranquilidade, sendo carregado por uma série de debates no que diz respeito às posturas científicas consolidadas entre 1960 e 1980. Ao mesmo tempo, a crítica tecida por esses autores está centrada no questionamento da política acadêmica conduzida por alguns grupos que nos últimos 40 anos impuseram um único modelo de pesquisa, bloqueando o livre trânsito das idéias, métodos e informações distintas das propostas pelo PRONAPA, bem como estabeleceram a prática de ignorar idéias distintas das suas, mesmo que elas fossem reconhecidas em outros meios, a exemplo da abordagem que se pretende com esta pesquisa.

Assim, o padrão estabelecido por Betty Meggers e Clifford Evans nas pesquisas arqueológicas no Brasil, apresentou-se fechado a abordagens distintas, ignorando contextos arqueológicos e reduzindo a possibilidade de detectar as variabilidades e as particularidades da História de cada grupo local ao escapar de inferências sociológicas e antropológicas historicamente definidas. Segundo Noelli (2000:222), “pelo intermédio deles proliferou uma abordagem conduzida sob uma versão empobrecida e distorcida dos Determinismos históricos e ecológicos, do Difusionismo e do Evolucionismo”. Diante disso, muitas foram às críticas direcionadas aos dois pesquisadores, como as de Trigger (1992) que qualificou Meggers, devido as suas preposições, como autêntica representante das “idéias evolucionistas do século XIX”. Outros analistas foram mais além e entenderam que eles pontificaram com “procedimentos pseudo-científicos” (Brochado, 1984:29),

“obscurantismo acadêmico” (Roosevelt, 1995) e “positivismo ingênuo” (Funari 1989, 1991). A adoção do princípio ofertado por Meggers (1955:129), de “tratar a cultura de uma maneira artificialmente separada dos seres humanos”, justificou, de acordo com Noelli,

“uma interpretação hermética e refratária em relação às idéias e fatos do panorama americanista, instrumentalizando uma estratégia de seleção de dados que ignorou a maioria das informações históricas, lingüísticas e etnográficas preexistentes, assim como os resultados de pesquisadores movidos por outras idéias, como ocorre até hoje. Sua aplicação resultou em modelos e hipóteses simplistas, estanques em relação às que estavam sendo desenvolvidas por outras disciplinas, dissociando a pesquisa arqueológica da Antropologia e das outras Ciências Sociais que floresciam no Brasil desde o século XIX (Noelli, 2000:221).

Dessa forma, as evidentes relações de continuidade histórica entre os povos indígenas e os registros arqueológicos não foram verificadas, uma vez que, os pesquisadores elegeram criar um ambiente totalmente estanque e artificial, construindo a história e a cultura a partir de seus próprios pressupostos, ignorando, por vezes, fontes históricas e etnográficas. Essa prática teve continuidade mesmo depois dos anos 60, com a Arqueologia internacional se reaproximando da Etnologia e da História.

No entanto, para podermos entender as filiações teóricas do PRONAPA, faz-se necessário relacioná-lo com as abordagens histórico-culturalista e funcionalista que grande influência exerceram sobre a arqueologia norte-americana, de acordo com Bruce Trigger (1992), na **História do Pensamento Arqueológico**. Essas perspectivas refletem-se nos trabalhos de Gordon Willey, Phillip Phillips e James Ford, principais fontes teóricas de Meggers e Evans.

A abordagem antropológica histórico-culturalista surgiu em fins do século XIX na Europa em oposição ao enfoque evolucionista. Uma crescente desilusão frente a idéia de progresso foi gerada em decorrência da crise econômica européia e do surgimento de movimentos nacionalistas. Diante desse cenário, desenvolveu-se um interesse cada vez maior pelas características particulares de determinados

grupos étnicos, deixando-se ao abandono as preocupações referentes aos estágios sucessivos de desenvolvimento cultural (Trigger, 1992:150-51). Na perspectiva histórico-culturalista, o conceito de cultura foi utilizado para designar os costumes de sociedades individuais, especialmente os modos de vida tribais em oposição aos cosmopolitanos (Trigger, 1992:162). Por outro lado, as diferenças e semelhanças culturais passaram a ser explicadas sob uma perspectiva histórica, a partir das noções de difusão e migração.

Trigger ressalta que a transição entre o pensamento evolucionista e histórico-cultural foi gradual, compartilhando freqüentemente as explicações difusionistas de preocupações de caráter evolucionistas (Trigger, 1992:154). Dessa forma, o enfoque histórico-cultural na arqueologia européia passou a enfatizar a distribuição geográfica e cronológica das culturas, com a finalidade de reconstituições históricas. Para isso, fez-se uso de métodos como a seriação para o estabelecimento de cronologias relativas (Trigger, 1992:156).

Essas preocupações refletem-se no trabalho de vários pesquisadores, destacando-se os etnólogos alemães Ratzel e Boas. Franz Boas foi responsável pela divulgação da abordagem histórico-culturalista nos Estados Unidos, opondo-se ao evolucionismo ao argumentar que cada cultura corresponde a uma entidade única que deve ser entendida em seus próprios termos. As idéias de Boas baseiam-se em dois pressupostos: o relativismo cultural e o particularismo histórico. De acordo com o autor, não existiriam padrões universais capazes de efetivar a comparação entre distintas culturas, uma vez que estas são o produto de uma seqüência única de desenvolvimento (Trigger, 1992:152). Considerando o trabalho desenvolvido por Oliveira (2002), ainda podemos observar que

“Em oposição às idéias de evolução humana unilinear, surge uma tradição antropológica alemã, cuja ênfase teórico-metodológica recai no contato cultural e difusão. Franz Boas, antropólogo representante deste vertente difusionista, defende, em oposição ao evolucionismo, que não há barreiras raciais ou lingüísticas para a aprendizagem e para o contato cultural, pois o comportamento humano é determinado pela cultura na qual o indivíduo está inserido” (Oliveira, 2002:66).

A partir da década de 20, ocorreu a popularização da abordagem histórico-culturalista na arqueologia norte-americana, com o principal objetivo de observar o desenvolvimento histórico das culturas nativas, sendo as mudanças interpretadas em função da difusão e da migração (Dias, 1994:26). Tais pesquisas tinham um enfoque eminentemente classificatório, voltado à organização de cronologias regionais através de comparações estratigráficas ou de seriações, sendo a ênfase na cronologia a característica distintiva da abordagem histórico-cultural nos Estados Unidos.

Segundo Trigger, as primeiras sínteses histórico-culturais para o novo mundo originaram-se dos trabalhos de Nelson, Kidder, Kroeber, Spier e McKern (Trigger, 1992:189-90). Buscando a compreensão dos mecanismos que regem o funcionamento das sociedades e que condicionam as transformações culturais, os trabalhos de Radcliff-Brown, Malinowski e Durkheim ofereceram subsídios para que os arqueólogos europeus passassem a questionar a abrangência explicativa do enfoque histórico-cultural (Trigger, 1992:244-46). Tal problemática foi introduzida nos Estados Unidos com a publicação em 1948 do livro **Study of Archaeology**, de Walter Taylor, responsável pela introdução do enfoque funcionalista na arqueologia norte-americana. Foi através do “método conjuntivo” proposto por Taylor, que o funcionalismo foi transformado em corpo teórico para a arqueologia. De acordo com Dias,

“A cultura para Taylor é uma construção mental composta de idéias e não de objetos materiais, possuindo, portanto, um caráter mais inferencial do que experiencial” (Dias, 1994:26).

Seguindo tal concepção, a arqueologia deveria trabalhar apenas com os “produtos da cultura”, sendo os artefatos entendidos enquanto resultado de um padrão comportamental. Assim, o trabalho do arqueólogo seria inferencial, na medida em que, partindo dos produtos culturais que constituem o registro arqueológico, reconstituiria os comportamentos dos quais estes derivam. Por outro

lado, a coleta dos dados deveria incidir, igualmente, sobre os aspectos culturais, antropobiológicos e ambientais, envolvidos no registro arqueológico. As influências do funcionalismo na arqueologia norte-americana também estão presentes em Julian Steward, um dos responsáveis pelo renascimento do evolucionismo enquanto enfoque interpretativo na arqueologia americana. O enfoque evolucionista multilinear proposto por Steward influenciou as propostas de Willey e Phillips quanto à interpretação do desenvolvimento das culturas do novo mundo (Dias, 1994:27). De acordo com Dias,

“Influenciados pela obra de Taylor, o cerne das preocupações de Willey e Phillips encontram-se na busca de uma postura propriamente científica para a arqueologia norte-americana, marcada até então pelo empiricismo da escola histórico-cultural” (Dias, 1994:27).

Segundo esses autores, romper com a tradição histórico-cultural significava reivindicar a arqueologia um papel ativo no processo de produção do conhecimento. Para tanto, tornava-se necessário um novo realinhamento com a antropologia social, que ofereceria as bases de sustentação teórica das quais carecia a arqueologia para atingir uma prática notadamente científica.

Sendo assim, a primeira etapa da pesquisa arqueológica seria o trabalho de campo que tem por objetivo, “observar os produtos materializados do comportamento humano” (Willey & Phillips, 1958:4 apud Dias, 1994:29). À medida que os dados fossem sendo obtidos, seriam organizados e descritos em uma segunda etapa, chamada pelos autores de integração histórico-cultural, compreendendo a elaboração de tipologias, a formulação de unidades arqueológicas e a determinação das dimensões internas e externas destas unidades definidas em sua relação espaço-temporal. Segundo Dias,

“A base de aplicação do método de integração histórico-cultural é taxonômica, lidando com dois tipos de conceitos básicos: tipos e unidades arqueológicas” (Dias, 1994:29).

De acordo com a definição dos autores, os tipos são instrumentos para a classificação dos artefatos associados a um contexto arqueológico e a relação espaço-temporal apresentada pelos tipos é expressa pelo conceito de unidade arqueológica, que é definida pela combinação de seu conteúdo formal, de sua duração no tempo e de sua distribuição geográfica. Dessa forma, o conceito de unidade arqueológica varia em magnitude em função da quantidade de tempo e espaço que subentende, podendo ser de dois tipos: unidades arqueológicas básicas e unidades arqueológicas integrativas. Seguindo o que propõe Dias,

“As limitações ao nível descritivo das unidades básicas e integrativas, salientadas pelos autores, não foram consideradas em sua aplicação em território brasileiro pelo PRONAPA (...) A falta de reflexão teórica na arqueologia brasileira abriu margem para a consolidação de uma visão míope quanto à amplitude do método pronapiano, estruturalmente limitado ao nível descritivo de análise. A arqueologia brasileira influenciada pela abordagem pronapiana ficou restrita ao nível de integração histórico-cultural, proposto por Willey e Phillips (...)” (Dias, 1994:35).

James Ford é outro autor importante na seqüência da compreensão do método utilizado pelo PRONAPA, cujas estratégias de campo e laboratório derivam das propostas teórico-metodológicas do mesmo. Com base nos pressupostos histórico-culturalistas, Ford encara as capacidades humanas enquanto fatores restritivos ao livre desenvolvimento dos processos culturais. Assim, as potencialidades físicas e psicológicas do homem, aliadas às restrições ambientais, são os fatores responsáveis pelo estabelecimento de limites ao desenvolvimento cultural (Ford, 1962:7). Partindo da idéia de que a capacidade criativa humana é limitada, Ford sugere que o surgimento de novas formas culturais em uma sociedade deriva sempre de outras formas que lhes são procedentes. O objetivo central do método proposto por Ford é estabelecer cronologias relativas a partir de resultados obtidos na análise tipológica (Dias, 1994:37).

Para Ford, os tipos refletem a ordem interna de uma cultura, marcando um curto período de tempo em sua evolução histórica (Ford, 1962:14). Dessa forma, é possível inferir cronologias relativas a partir do estudo dos ciclos de popularidade dos tipos identificados em sítios arqueológicos submetidos à seriação. A seriação corresponde a um método de interpretação de seqüências tipológicas que procura situar temporalmente coleções obtidas a partir de coletas de superfície ou provenientes de escavações sem cronologia (Ford, 1962:42). De acordo com o proposto por Dias,

“O princípio da seriação repousa no pressuposto de que a combinação de influências culturais definidas por um tipo é sempre resultante da modificação de um padrão pré-existente, passível de reconhecimento (...) Para que a seriação ofereça resultados satisfatórios, as amostras tipológicas a ela submetidas devem provir de uma região geográfica limitada, para que as diferenças qualitativas e quantitativas observadas não sejam resultantes de fatores de ordem espacial” (Dias, 1994:37-38).

No gráfico de seriação, dificilmente pode-se precisar qual dos extremos representa a ocupação mais antiga ou a mais recente. Isso ocorrendo, deve-se procurar apoio nas cronologias pré-existentes ou efetivar comparações estratigráficas (Ford, 1962:45). Ford estima que as amostras obtidas a partir de cortes estratigráficos controlados em níveis artificiais, ao serem submetidas a uma seriação, deveriam resultar em gráficos semelhantes para períodos contemporâneos (Ford, 1962:49).

Contudo, a partir da década de 50 nos Estados Unidos, começaram a surgir críticas quanto à validade das cronologias relativas estabelecidas através de seriação, condenando-as ao desuso frente ao aprimoramento dos métodos de datação absoluta. No entanto, Meggers e Evans mantiveram-se alheios a esse debate, utilizando a seriação enquanto ferramenta básica para seus trabalhos na América do Sul (Meggers & Evans, 1979:I-II), sendo seguidos pela maioria dos pesquisadores que estudaram as cerâmicas Guarani.

Com uma perspectiva similar a de Ford, Meggers e Evans acreditavam que a arqueologia, invariavelmente depara-se com processos de mudança ou evolução que são inerentes aos fenômenos culturais. Dessa forma, a abordagem proposta pelo PRONAPA parte do pressuposto fordiano de que:

“A história de qualquer traço cultural apresentar-se-á num padrão de frequência inicialmente crescente e posteriormente decrescente que pode ser medido e graficamente representado. O problema principal do arqueólogo é identificar os traços que estão mudando de maneira mais rápida e sistemática, utilizando essa mudança para estabelecer uma escala cronológica relativa” (Evans & Meggers, 1965:8).

Os pressupostos evolucionistas também estão presentes nas propostas de Meggers e Evans, tornando-se explícitos quanto à sua percepção da abrangência analítica de um tipo. Quando submetidos a uma seriação, os tipos obrigatoriamente devem comportar-se segundo tal norma. Caso isto não ocorra, os tipos devem ser repensados sob outros indicadores, pois as amostras submetidas à seriação devem revelar um consistente padrão de mudança (Meggers & Evans, 1970:24).

Segundo Meggers e Evans, as fases desempenhariam um papel aglutinador, na medida em que seriações semelhantes indicariam materiais pertencentes a uma mesma fase (Meggers & Evans, 1970:94). No entanto, em nenhum momento do Programa os autores explicitaram de forma precisa a relação estabelecida entre fases e tradições. Com isso, o que é possível observar é que os autores não possuíam uma visão consciente das limitações descritivas do método que propunham. Em uma reavaliação das metodologias utilizadas, que ocorreu duas décadas depois da implementação do PRONAPA, chegam à conclusão de que “as implicações sociais deste método classificatório não estavam previstas no PRONAPA e somente tornaram-se evidentes, após a obtenção de numerosas seqüências seriadas de sítios... que claramente pertenciam a uma mesma tradição (Meggers & Evans, 1985:9)”.

Reavaliando os resultados do PRONAPA, os dois autores citados reconhecem que estruturalmente a definição de fases, a partir da seriação de um único sítio, demonstra ser insuficiente, pois “somente proporciona breves e limitadas representações espaço-temporais... Os limites de uma fase são estabelecidos através do levantamento de uma região, registro de todos os sítios encontrados e coletas não selecionadas de cerâmica e demais artefatos” (Meggers & Evans, 1985:12).

No entanto, segundo a visão dos dois autores, este é o único ponto passível de crítica quanto aos resultados do PRONAPA. De acordo com Dias,

“Em decorrência disto, vários problemas resultantes da aplicação do padrão pronapiano foram deixados em aberto, dentre os quais destaca-se a pertinência do método proposto em relação ao estudo dos sítios arqueológicos sem cerâmica identificados pelo Programa. A exigüidade do tempo de realização das pesquisas aliada a uma idéia pré-concebida de que o Programa dificilmente encontraria registros pré-cerâmicos, determinou que em seu estudo se obedecem aos mesmos critérios padronizados para os sítios cerâmicos” (Dias, 1994:42).

A própria escolha do termo pré-cerâmico denota um enfoque centrado nos contextos ceramistas enquanto preocupação central do PRONAPA. Ratifica essa postura uma falta de orientação específica, na aplicação do método Ford, a peculiaridades do estudo de indústrias líticas (Dias, 1994).

Assim, segundo Dias:

“O corolário dessa experiência é um quadro difuso de fases e tradições pré-ceramistas que se distribuem por todo o país. Destas, raras são as que foram definidas estritamente a partir de procedimentos analíticos ditados pelo padrão pronapiano, sendo poucas as seriações publicadas sobre estas indústrias líticas” (Dias, 1994:43).

1.4 ARQUEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: A ESCOLA PROCESSUALISTA E PÓS-PROCESSUALISTA

Contudo, na Arqueologia contemporânea, os debates não se encerram na discussão da aplicação do método moldado por Meggers e Evans e posto em prática através do PRONAPA, e nos seus modelos teóricos. Ela tem sido palco de acirrados debates para pesquisadores de diferentes filiações teórico-metodológicas. Segundo Silva (1995:119):

“De um lado estão aqueles que procuram compreender fenômenos culturais e partir de conceitos totalizantes, independentes de contextos, como por exemplo, evolução, adaptação, sistema e estrutura. E, de outro, aqueles que entendem que o objetivo da pesquisa deve ser a busca pela compreensão da diversidade humana e da particularidade dos fenômenos e contextos sócio-culturais”

A ocorrência desse debate se dá principalmente através de arqueólogos processualistas e pós-processualistas, escolas teórico-metodológicas que estão em desenvolvimento desde a década de 60.

O surgimento da Arqueologia Processual ou Nova Arqueologia se deu nos Estados Unidos na década de 60, mantendo um posicionamento crítico com relação à Arqueologia Histórico-Cultural. A nova abordagem encontrou seus princípios teóricos no Neo-Evolucionismo, da Ecologia Cultural e do Estrutural-Funcionalismo britânico (Silva, 1995:120). A partir deste momento, o enfoque histórico-cultural passou a ser considerado ineficiente para explicar como funcionavam e se transformavam as sociedades pré-históricas. Os arqueólogos passaram a ter uma preocupação em entender os vestígios arqueológicos como partes integrantes de um sistema cultural e, neste sentido, a sua tipologia e filiação cultural deixaram de ser os principais objetivos da pesquisa. Os arqueólogos se ocuparam em tentar entender o processo de produção dos mesmos e a sua utilização, bem como, a relação das populações arqueológicas com o ambiente circundante. Isto representou a perda do interesse pela etnicidade e a sua substituição por uma preocupação renovada pelo

entendimento do modo como viviam as populações do passado e, conseqüentemente, uma retomada pela busca de paralelos etnográficos (Trigger, 1992:230-270). As análises se desenvolviam com vistas a compreender a contextualização dos vestígios arqueológicos, os processos de produção dos artefatos e a sua funcionalidade, bem como, os padrões de assentamento e subsistência, em termos sincrônicos e diacrônicos (Silva, 1995:121). Para Oliveira,

“A Nova Arqueologia também deu importância ao estudo dos sistemas em vez de estruturas sociais o que, para Shanks & Tilley, leva à busca de padrões regularizados de comportamentos (leis universais). Como uma crítica à Arqueologia Tradicional, os *novos arqueólogos* buscaram fundamentos teóricos para suas pesquisas. Tais fundamentos, entretanto, tinham como única relevância aperfeiçoar o método, inaugurando a idéia de que, se há teoria em Arqueologia, esta deve ter como finalidade última sua aplicação aos métodos de campo” (Oliveira, 2002:37).

Na tentativa de explicação da organização social e suas relações com outros grupos e com o meio ambiente, Binford afirmava que

“os artefatos tinham contextos funcionais primários, nos subsistemas da cultura de que faziam parte, assim, a estrutura formal dos conjuntos de artefatos e dos seus contextos podiam produzir uma imagem sistemática e compreensível dos sistemas culturais extintos. Ou seja, era necessário analisar os vestígios arqueológicos a partir de uma estrutura sistêmica de referência, a fim de que se pudesse fazer as explanações sobre os sistemas sócio-culturais” (Binford, 1973:94-95 apud Silva 1995:121).

Assim, de acordo com os arqueólogos processualistas, só em última instância a base material influenciava as relações econômicas, políticas e sociais, tendo a cultura assumido uma importância fundamental a partir do momento em que passou a ser interpretada como um mecanismo extra-somático de adaptação do homem ao meio ambiente (Silva, 1995:121).

No desenvolvimento de tal trabalho os arqueólogos processualistas adotaram o método hipotético-dedutivo. Seguindo seus referenciais teóricos e as tendências que eram observadas nos dados arqueológicos e etnográficos, formulavam hipóteses e a partir da dedução, determinariam as implicações que estas

teriam se estivessem corretas, aplicando o mesmo método para os novos dados arqueológicos. Com isso, uma atenção cada vez mais crescente foi dada à amostragem uma vez que, quanto maior o número de dados que o arqueólogo tivesse, maior a possibilidade de confirmação das hipóteses.

Depois de 1970, a Arqueologia Processual passou por um aprofundamento e diversificação de seu programa de pesquisa, entrando em uma segunda fase. A preocupação centrou-se em um aperfeiçoamento dos estudos e metodologias a respeito dos processos de formação do registro arqueológico, salientando a complexidade da conexão entre registro arqueológico e comportamento cultural (Schiffer, 1972, 1976, 1987 apud Silva, 1995:123). Dessa forma, houve uma intensificação da pesquisa em contextos etnográficos, na busca de observar e documentar as relações entre o comportamento humano e a matriz material, espacial e ambiental. Essa estratégia de pesquisa ficou conhecida como Etnoarqueologia. O que se buscou então com os trabalhos etnoarqueológicos, foi desenvolver uma base etnográfica a partir da qual se poderia formular hipóteses, fazer inferências e basear interpretações sobre os registros arqueológicos (Gould, 1978; Stark, 1993 apud Silva, 1995:124) onde o método comparativo, jaze a esta estratégia, bem como a idéia de analogia etnográfica. Vale ressaltar ainda que, além desse trabalho, os etnoarqueólogos tiveram preocupação com pesquisas bibliográficas de dados históricos buscando compreender possíveis continuidades e mudanças culturais ao longo do tempo (Charlton, 1981; Trigger, 1978 apud Silva, 1995:125).

A partir dos anos 70, conforme Silva (1995) a Arqueologia Processual começa a receber críticas, principalmente no que se refere ao seu conceito de cultura como mecanismo adaptativo e funcional e suas propostas de generalização sobre o comportamento humano e formulação de leis gerais. Nos anos 80, alguns estudos etnoarqueológicos começaram a ressaltar a variabilidade do comportamento humano, o caráter simbólico da cultura material, bem como o seu papel ativo na ação dos homens entre si e com o meio. Estes trabalhos passaram a ser chamados de

pós-processualistas, surgindo assim, uma outra abordagem arqueológica: a Pós-Processual.

A nova abordagem surgiu em 80, inspirada pelo Estruturalismo, o Néomarxismo e a Hermenêutica, abrigando escolas teóricas nem sempre conciliáveis. De acordo com Oliveira (2002), “suas múltiplas abordagens convergem para um ponto em comum: a disciplina arqueológica configurada em tais parâmetros é de difícil definição, pela natureza de seu conteúdo plural, diferenciado e, muitas vezes, incompatível”. Entretanto,

“as diferentes pesquisas pós-processualistas apresentam alguns pontos em comum: rejeitam a abordagem exclusivamente empiricista da Arqueologia Processual; concentram sua ênfase no estudo dos aspectos simbólicos da experiência humana; e ressaltam o papel ativo e transformador da cultura material nas sociedades humanas” (Silva, 1995:126).

Assim, influenciados pelas idéias estruturalistas, os arqueólogos pós-processualistas entendem a cultura como um sistema simbólico e a diversidade cultural como o resultado de reordenações diferenciadas de elementos estruturais básicos (Silva, 1995:126).

A crítica pós-processual foi posterior ao início da Arqueologia Estruturalista. Influenciados pelos trabalhos de Lévi-Strauss ([1958] 1967; [1962] 1986; [1962] 1989), com a abordagem Estruturalista, os arqueólogos buscaram entender os vestígios arqueológicos além das suas propriedades funcionais e adaptativas (Silva, 1995:127). Esta abordagem se difere das demais pós-processualistas, mas não há dúvidas de que a Arqueologia Estruturalista foi precursora da Arqueologia Pós-Processual.

De acordo com Silva,

“Os arqueólogos pós-processualistas identificados, por um lado, com a crítica neo-marxista e neo-estruturalista tem proposto interpretações sobre os vestígios arqueológicos (p.ex. estruturas funerárias; cerâmica), que rediscutem a subordinação da superestrutura ideológica na base

econômica da sociedade, preocupando-se em valorizar a influência dos aspectos ideológicos na conformação das práticas e das mudanças culturais nas sociedades do passado” (Silva, 1995:128).

Além disso, esses arqueólogos procuram resgatar a intencionalidade humana da produção da cultura, onde, nesse sentido, a noção de habitus proposta por Bourdieu, tem servido para orientar suas interpretações sobre a relação entre estrutura e prática. Assim, a tarefa a que esses se propõem está centrada no exame dos modos pelos quais a similaridade e a diferença e a continuidade e a mudança vão sendo construídos através da cultura material (Silva, 1995).

Outra questão importante ainda presente no debate da Arqueologia Pós-Processual, acompanhando as discussões da Antropologia Pós-Moderna³, refere-se à prática da Arqueologia e à produção do conhecimento arqueológico. A discussão centra-se em torno da existência de muitos passados, uma vez que entendem que as interpretações sobre os vestígios arqueológicos são condicionadas pelas perspectivas teórico-metodológicas adotadas, pois os dados não falam sozinhos, são traduzidos a partir do olhar do pesquisador (Marcus & Fischer, 1986 apud Silva, 1995:130).

No entanto, a Arqueologia Pós-Processual não escapou das críticas. Foi acusada de cair num relativismo extremado, que pode acabar impedindo qualquer possibilidade de generalização e explicação dos registros arqueológicos (Renfrew & Bahn, 1993 apud Silva, 1995:130). No mais, apesar do quadro teórico-metodológico e algumas simplificações da Arqueologia Processual, a Arqueologia Pós-Processual é acusada de não conseguir desenvolver metodologias consistentes para trabalhar os registros arqueológicos e fornecer interpretações mais objetivas sobre os significados contextuais (Kohl, 1993 apud Silva, 1995:131).

Contudo, de acordo com Silva (1995), torna-se importante salientar que, embora a Arqueologia Pós-Processual faça críticas à Arqueologia Processual,

³O pós-processualismo é em geral associado ao pós-modernismo e ao pós-estruturalismo, devido à sua semelhança com estes dois movimentos. De fato, ao analisarmos os caminhos que costumam seguir as novas vertentes arqueológicas, podemos notar que estão em sintonia com as recentes transformações em diversas áreas de conhecimento (Oliveira, 2002).

compartilha alguns aspectos da prática processualista. Isso parece ficar claro no fato de que, as interpretações da Arqueologia Pós-Processual e parte de seus trabalhos, estão baseadas em estudos etnoarqueológicos. Até a década de oitenta os trabalhos etnoarqueológicos vinham sendo conduzidos, em sua maioria, a partir dos pressupostos processualistas com o objetivo de apreender os princípios gerais do comportamento humano e buscar estabelecer generalizações inter-culturais sobre a relação homem-mundo material. Esses etnoarqueólogos enfatizaram os estudos de sistemas de assentamento e subsistência, produção e utilização da cultura material e conseqüente formação do registro arqueológico, pois entendiam que estes aspectos poderiam trazer maior predizibilidade à associação entre comportamento e registro material (David, 1992):

“A partir da crítica pós-processualista novos temas e problemas foram incorporados à pesquisa etnoarqueológica cujo objetivo passou a ser o estudo e a compreensão dos aspectos simbólicos da relação do homem com o mundo material. Os estudos de cultura material passaram a enfatizar, por exemplo, a sua relação com as estratégias de poder, a cosmologia e a vida ritual (Stark, 1993). Assim, na pesquisa etnoarqueológica pós-processual, a busca pela generalização e por princípios gerais do comportamento humano foi repassada pela tentativa de apreender a sua diversidade, e o objetivo de se utilizar os dados etnoarqueológicos para elaborar analogias ou teorizações de médio-alcance foi substituído pela proposta de uma compreensão contextual e específica dos fenômenos estudados”.

Desta forma, enquanto a etnoarqueologia processual procura identificar regularidades interculturais, a etnoarqueologia pós-processual procura entender os princípios estruturais subjacentes à relação homem *versus* mundo material, específicos em cada contexto.

Assim, torna-se cada vez mais claro que os problemas arqueológicos são muito complexos e que os diferentes quadros teóricos não conseguem fornecer todas as respostas a respeito da trajetória humana no passado. Segundo Stark 1993:100 apud Silva, 1995:133),

“a interpretação arqueológica somente avançará, a partir do reconhecimento de uma multiplicidade de vozes interpretativas, todas apoiadas sobre uma ampla

base de dados etnográficos e informações arqueológicas sistematicamente coletadas.”

2 CERÂMICA ARQUEOLÓGICA GUARANI: A QUESTÃO DO MÉTODO

Posta em evidência a parte teórica que envolve a importância e o significado desse trabalho, passa-se então à parte metodológica do mesmo, onde estaremos explicando o modelo de análise criado por José P. Brochado, que será utilizado na dissertação.

2.1 A CERÂMICA GUARANI E A DISCUSSÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA ACERCA DE UM MODELO DE ANÁLISE

Até meados da década de 80, o quadro das pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Brasil apontava uma significativa escassez de trabalhos diretamente relacionados com cerâmica arqueológica, a partir de critérios históricos e etnográficos. Isso se deve, como vimos no capítulo um, ao modelo monolítico de pesquisa empregado pelo PRONAPA, através do qual eram realizados apenas trabalhos que abrangiam prospecções rápidas e coletas de superfície limitadas, que acabaram por comprometer uma significativa contribuição quanto à reconstituição etnográfica e histórica da cerâmica arqueológica Guarani. Esse quadro só veio a sofrer mudanças no final da referida década, quando a cerâmica passou a ser estudada a partir de todos os tipos de fontes disponíveis, principalmente as etnográficas e históricas.

Considerando o já referido método desenvolvido por José Brochado e colegas, a principal maneira de se evitar simplificações e atingir a reconstrução da complexidade das formas é basear a reconstrução gráfica nas dimensões obtidas em coleções de vasilhas inteiras, através das proporções entre altura e diâmetro da boca: “Para torná-las sistemáticas, procuramos verificar se havia relações entre as várias dimensões dessas vasilhas. Mas só podem ser comparadas vasilhas funcionalmente homólogas...”, segundo Brochado, Monticelli & Neumann (1990:729).

Para a cerâmica Guarani, essa proposta proporcionou um método explícito, com passos sistematicamente estabelecidos para reconstruir graficamente as vasilhas a partir de fragmentos de bordas, pois se constatou que havia regras e padrões formais de confecção bem definidas que eram seguidas pelas oleiras Guarani.

A pesquisa da relação entre forma e função da cerâmica Guarani foi iniciada no final dos anos 80 (La Salvia e Brochado, 1989; Brochado *et al*, 1990; Brochado e Monticelli, 1994). Brochado realizou trabalhos de campo primeiramente no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), depois em programas estaduais no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Os pesquisadores mencionados chegaram a essas evidências através do recurso às informações históricas obtidas nos dicionários de Montoya (1876), após exaustivo levantamento bibliográfico. Tratavam-se das fontes mais completas sobre o assunto, pois os Guarani não produzem cerâmica há mais de cem anos.

As informações obtidas dizem respeito aos nomes Guarani das classes e tipos de vasilhas, que, na maioria dos casos, também indicam aspectos da funcionalidade, de suas partes e sobre dimensões das vasilhas, entre outros (glossário In: La Salvia & Brochado, 1989:125-145).

A metodologia desenvolvida para aplicação desses dados, tanto na definição da funcionalidade quanto na reconstrução gráfica, evidenciou 6 classes principais de vasilhas, cada uma delas com sua funcionalidade própria: panelas para cozinhar; caçarolas para cozinhar; pratos para assar beiju; jarras para bebidas em geral; pratos para comer; tigelas para beber (Brochado & Monticelli, 1994). De acordo com o enorme conjunto de resultados publicados na bibliografia arqueológica sobre os Guarani, pode-se dizer que seriam poucos os casos que estariam fora dos padrões já definidos para as 6 classes principais de vasilhas, devido a peculiares diferenças na forma.

Essa metodologia permite ser aplicada sobre todas as evidências arqueológicas Guarani reconhecidas até o presente, em um enorme território que se

estende de Corumbá até Buenos Aires, ocupando partes do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraguai, São Paulo, Paraná, Argentina, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Uruguai, possuindo uma profundidade temporal que alcança pelo menos 2.200 anos (Brochado, 1984; Noelli, 1993, 1996, 2000).

Para chegar a tal modelo, Brochado traçou dois caminhos em sua metodologia de trabalho: um de base arqueológica e outro de base histórica, referindo-se à analogia etnográfica.

2.2 A METODOLOGIA ARQUEOLÓGICA E A ANALOGIA ETNOGRÁFICA

A partir da base arqueológica, Brochado buscou um caminho independente de qualquer informação que não fosse estritamente arqueológica. Assim, optou por uma abordagem que tinha por objetivo a definição dos padrões de forma das vasilhas cerâmicas. A metodologia básica foi a catalogação e a mensuração de vasilhas arqueológicas inteiras e de fragmentos que permitissem uma visualização direta do que seria a vasilha inteira, com fragmentos que apresentassem pelo menos o perfil inteiro da vasilha (fragmentos que vão desde a borda até a base da vasilha). Foram estudadas coleções arqueológicas em museus e instituições de pesquisa no sul do Brasil, bem como foi feita uma revisão completa na bibliografia arqueológica da região, levantando todas as informações publicadas a respeito de vasilhas inteiras e suas dimensões.

A partir da análise dessas informações, constatou que havia um padrão na construção e nas formas da cerâmica Guarani. Este padrão é relativo a duas características principais: um diz respeito à forma e o outro à relação entre forma e tratamento de superfície da vasilha. Essa constatação permite uma conclusão preliminar, isto é, que existia uma rígida estrutura cultural que se reproduzia na imensa área de ocupação Guarani durante um período de aproximadamente dois mil anos, pelo menos em relação à produção da cerâmica.

Essa descoberta refletia diretamente o que as fontes históricas falavam sobre uma grande uniformidade entre os povos falantes da língua Guaraní situados no Brasil meridional, no Uruguai, na Argentina e no Paraguai oriental (Métraux, 1928; Brochado, 1984; Noelli, 1993). Apesar disso, até então, não se havia feito nenhuma pesquisa nas fontes históricas com o objetivo de buscar informações que auxiliassem no estudo da cerâmica, excetuando o trabalho de Métraux (1928).

As principais informações históricas a respeito da cerâmica Guaraní, consideradas como a “chave explicativa” para o estudo da funcionalidade das vasilhas, encontram-se no Dicionário Espanhol-Guaraní e Guaraní-Espanhol de Antônio Ruiz de Montoya ([1639]1876), considerada como a mais completa fonte sobre a cultura material desses povos no século XVII (Noelli e Landa, 1991).

Elaborado o método, passou-se à aplicação do mesmo. No que diz respeito à reconstrução gráfica das vasilhas, o trabalho se desenvolve da seguinte maneira: são utilizados basicamente os fragmentos das bordas da vasilha e apenas eventualmente os do corpo e da base. Os fragmentos de borda são desenhados de perfil, a partir da projeção da posição que deveriam ocupar na vasilha quando vista lateralmente. Para tanto, as bordas são trabalhadas apoiando o arco da boca sobre uma superfície plana ou procurando orientá-las de modo que fique visivelmente em um mesmo plano. Isto se dá partindo do pressuposto de que o plano da boca das vasilhas se encontra em posição de uso, o que é geralmente válido para vasilhas cerâmicas em todo o mundo, com raras exceções (Rice, 1987).

O diâmetro da vasilha é deduzido a partir do arco da boca, na altura do lábio, efetuado a partir de círculos concêntricos, divididos em intervalos de um ou dois centímetros. Isto parte do pressuposto de que a boca das vasilhas Guaraní seria circular ou quase, devido à forma artesanal da sua construção (Brochado; Monticelli; Neumann, 1990).

A partir da aplicação do método fica claro que quanto mais alto for o fragmento da borda, maior porção da vasilha ficará assim reconstruída. Se o fragmento representar toda a porção da vasilha, desde a boca até a base, e

respeitando os requisitos de horizontalidade do plano da boca, circularidade e simetria em plano vertical, a reconstrução será praticamente exata. Como na maior parte dos sítios arqueológicos Guarani, devido à perturbações pós-deposicionais, os fragmentos são pequenos e as bordas representam apenas uma porção da secção vertical, só é possível reconstruir diretamente algo como um anel, de pouca altura, da parte superior da vasilha.

A idéia geral de alguns arqueólogos é que somente sobre isto é possível ter uma certeza razoável. Outros acreditam que se pode reconstruir totalmente a vasilha e, tanto Ford (1962) como Meggers e Evans (1970), afirmam que isto pode ser obtido simplesmente continuando na direção da base, direção apresentada pelo perfil da borda. Uma vez que a técnica implica em tentar reconstruir a forma com a maior economia, ou seja, obter o fechamento da sua parte inferior por meio da linha mais curta possível, resulta em que a maior parte das vasilhas, independente de como possa ter sido sua forma real, sejam reconstruídas na forma de tigelas. A proliferação deste tipo de reconstrução nas publicações torna-se um problema para o estudo da forma e dos seus reflexos sobre a funcionalidade das vasilhas Guarani.

A única maneira encontrada para definir critérios de reconstrução gráfica, foi basear a reconstrução das vasilhas a partir das vasilhas inteiras existentes em coleções, como relatou-se mais acima. Apesar dessa prática se desenvolver a muito tempo em todo o mundo (Shepard, 1956; Rice, 1987; Arnold, 19), no Brasil esse tipo de análise não foi realizado de forma sistemática, apesar de os pesquisadores há muito tempo observarem que existia uma tipologia padronizada entre as vasilhas Guarani.

Além disso, houve a preocupação em verificar se as fontes históricas e etnográficas, analisadas de modo sistemático, forneceriam dados que contribuíssem na constatação de padrões formais e funcionais. Para tanto, procurou-se verificar se havia relações entre as várias dimensões dessas vasilhas arqueológicas e as informações históricas, utilizando-se o recurso da analogia etnográfica.

Embora a Arqueologia nem mesmo existisse enquanto disciplina ao final do século XV, a descoberta do Novo Mundo e de uma variedade de povos e de culturas materiais tiveram uma importância fundamental para os relatos de viagem e para as interpretações sobre a história e a vida das novas populações. Num primeiro momento, a observação dos costumes destes povos descobertos e os dados relativos aos instrumentos líticos que estes possuíam, levou os estudiosos europeus a investigarem com mais atenção os instrumentos semelhantes achados na Europa e passar a atribuir-lhes uma possível origem humana, questionando a idéia vigente de que os mesmos seriam resultantes de fenômenos naturais e sobrenaturais. Este uso do dado etnográfico a partir de uma analogia geral e direta não se restringiu, porém, à comparação entre estes tipos de artefatos. Além de compartilhar instrumentos, os pesquisadores acreditavam que as populações antigas da Europa também deveriam ter tido as mesmas necessidades destes povos descobertos e, por conseguinte, um modo de vida semelhante (Trigger, 1992:58-61).

Com isso, o uso da analogia etnográfica abre um grande espaço para debates entre os pesquisadores. Para alguns estudiosos, toda a arqueologia é analogia etnográfica. Segundo Scatamacchia,

“A relação analógica se faz entre os objetos e configurações observadas arqueologicamente com outras descritas etnograficamente. Esta relação envolve uma abordagem que procura a identificação entre a cultura material e o comportamento sócio-cultural (...) O arqueólogo analisa o produto como resultado de um comportamento que pode ser observado pelo etnógrafo” (Scatamacchia, 1990:12-16).

De acordo com Silva (1995:124), “devido às críticas ao termo analogia etnográfica e a idéia de que os comportamentos etnográficos poderiam ser diretamente repassados para a pré-história, procurou-se discutir e assumir os limites e as possíveis simplificações de um raciocínio analógico”.

Assim, no centro do debate sobre analogia etnográfica, é possível observarmos três posições distintas com relação ao problema. A primeira defendia

que as analogias etnográficas eram indispensáveis, mas deveriam se restringir aos aspectos de subsistência e tecnologia, pois se acreditava serem os domínios em que a ação do homem era levada a cabo de maneira mais similar independentemente do grupo cultural. A segunda defendia que a imensa variabilidade do comportamento humano inviabilizava qualquer tipo de interpretação através do uso da analogia etnográfica. E, a terceira, entendia que as interpretações do registro através do uso da analogia seriam sempre subjetivas e dependentes de cada autor. Com isso, no decorrer dos anos 60, vários trabalhos foram produzidos com vistas a coletar dados etnográficos que pudessem contribuir para a interpretação arqueológica⁴.

Para os Guarani, o ideal seria efetuar a analogia etnográfica com os descendentes atuais dos mesmos indígenas que produziram a cerâmica, porém, estes não produzem vasilhas cerâmicas há muito tempo, restringindo o estabelecimento de analogias com outros aspectos de interesse arqueológico. Com isso, a alternativa foi seguir as informações históricas, mas praticamente não há descrições da cerâmica usada pelos Guarani nas fontes históricas dos séculos XVI e XVII, a exemplo do caso Tupinambá (Noelli e Brochado, 1998). Recorreu-se, então, ao Dicionário de Montoya

2.3 OS DICIONÁRIOS DE MONTROYA

Como estamos em busca do significado cultural da cerâmica e dos contextos onde ela era utilizada, um dos objetivos desse projeto é testar pela primeira vez esse método sobre os materiais de um único sítio arqueológico, com a pretensão de desenvolver todas as etapas possíveis de análise quantitativa e interpretativa da cerâmica Guarani, ainda inéditas no Brasil. Ao mesmo tempo, visando ampliar as técnicas de Brochado, estamos procurando consolidar as técnicas de reconstrução gráfica das vasilhas a partir de fragmentos de borda, com aplicação

⁴ Apesar da crítica de Binford e outros pesquisadores, a discussão em torno do problema da analogia etnográfica se estende ao longo da década de setenta, ao mesmo tempo em que aumenta o interesse pela abordagem etnoarqueológica.

dos cálculos corretamente utilizados. Para tanto, utilizaremos como fonte de pesquisa, a própria coleção cerâmica em questão e os dicionários de Montoya. Os dicionários de Montoya, escritos entre 1612 e 1616 e publicados em 1639, são unanimemente considerados pelos lingüistas e etnólogos como o grande repositório da língua Guarani clássica, não sujeita ao bilingüismo que se formou posteriormente⁵. Montoya escreveu o dicionário entre 1612, quando chegou ao Guairá (oeste paranaense) e 1616-1617. Ou seja, escreveu seu dicionário no início dos contatos, quando os Guarani ainda mantinham sua cultura tradicional. Segundo Brochado & La Salvia,

“No dicionário Guarani-Espanhol cada verbete é seguido, além de uma explicação de seu significado, também de uma série de frases em Guarani nos quais o vocábulo é empregado em suas diversas acepções em contextos da vida diária. Estas frases são muito úteis para ampliar a explicação, pelo contexto no qual o vocábulo é utilizado” (Brochado & La Salvia, 1989:121).

Montoya indica a existência de diversas classes de vasilhas cerâmicas em uso entre os Guarani e refere-se à sua funcionalidade. No entanto, não há ilustrações ou descrições completas destas vasilhas de modo que tiveram que ser reconstruídas. Um glossário foi organizado por Brochado e La Salvia (1989), comparando os termos em Guarani com os termos em espanhol, que procuram explicá-los através de comentários e etimologias do próprio Montoya. Para tanto, adotaram os seguintes passos para o trabalho, visando definir⁶:

- a) Classificação etno-histórica da cerâmica Guarani do século XVII;
- b) Identificação destas classes entre as vasilhas Guarani arqueológicas inteiras depositadas em coleções;
- c) Estabelecimento das regras de proporções entre as partes destas vasilhas, separadamente para cada classe;
- d) Uso destas regras na reconstrução gráfica de fragmentos.

⁵ As referências que seguem no texto com as letras T e B são referentes aos Dicionários de Montoya, 1876.

⁶ Ver Brochado e La Salvia, 1989: 121-145.

A partir da aplicação desses critérios, chegou-se à conclusão de que os Guarani vistos por Montoya na primeira metade do século XVII, deviam possuir pelo menos dez classes principais de vasilhas cerâmicas, cada uma com funcionalidade própria.

Quadro 1 – vasilhas funcionalmente definidas vistas por Montoya no século XVII.

Nome	Função
1) Yapepó	Panela
2) Cambuchí	Talha
3) Cambuchí i açã, cambuchí irirú, i gûariru, iriru	Talha ou cântaro para armazenar água
4) Cambuchí caguabã	Vaso para beber bebida fermentada alcoólica
5) Cambuchí mini iguâba, iguâba	Jarro ou vaso para beber água
6) Cambuchí yaracuaí, ycua quai	Vaso acinturado
7) Ñae, ñaembe, tembiru	Prato
8) Ñae apua	Escudela
9) Ñata, naea	Caçarola
10) Ñamopyu, namipyu	Tostador

As metas buscadas por Brochado foram três:

- 1) consolidar e depurar as próprias classes e estabelecer mais claramente sua subdivisão em categorias e variantes, levando em consideração que elas possuem características formais definidas, senão não

poderiam ter sido estabelecidas como classes e procurando estabelecer de uma forma mais sistemática quais são estas características formais;

2) observar a observação das ceramistas Guarani às normas existentes no que diz respeito às características formais de cada uma das classes;

3) utilizar estas normas para a reconstrução gráfica das partes faltantes das vasilhas fragmentadas.

2.4 ORGANIZAÇÃO DO MÉTODO: O USO DE CRITÉRIOS TÉCNICOS PARA O ESTABELECIMENTO DE UM MODELO DE ANÁLISE

No que diz respeito ao estabelecimento das regras de proporções entre as partes das vasilhas cerâmicas, respeitando as características formais existentes em cada classe, parte do trabalho desenvolvido por Brochado se baseia no método de trabalho desenvolvido por Anna O. Sheppard, **Ceramics for the Archaeologist** (1956). Apesar de antigo, este método ainda continua sendo uma boa base para o estudo das formas das vasilhas cerâmicas.

A partir do que propõe Sheppard (1956), todo o esquema geral de classificação deveria ser concebido com respeito às características básicas da forma como tal. As referências funcionais apresentam-se incertas para serem incluídas em um esquema dessa natureza, sendo por vezes, introduzidas na classificação de formas, o que é inaplicável. A aproximação óbvia é a geométrica. As proporções podem ser mais facilmente calculadas e expressas com razões matemáticas, se forem adotados princípios consistentes, como o parâmetro obtido em vasilhas inteiras. Seguindo esse conceito, Sheppard definiu alguns pontos a serem seguidos para a classificação de uma vasilha cerâmica. São eles:

I – Pontos característicos para a classificação de uma vasilha

Neste item são descritos os quatro pontos que devem ser considerados para a classificação de uma vasilha cerâmica.

- 1) pontos terminais: pontos da curva do perfil da vasilha na base e na borda;
- 2) pontos de tangência vertical: pontos onde a tangente ao perfil da vasilha se faz vertical;
- 3) pontos de inflexão: pontos onde a curvatura do perfil da vasilha varia de côncava à convexa;
- 4) pontos angulares: pontos onde a direção da tangente ao perfil da vasilha varia abruptamente.

II – Classes de formas definidas pelos pontos característicos

Este item aponta quais as classes de formas definidas a partir dos pontos característicos.

- 1) vasilhas que só tem pontos terminais: seus lados se dirigem continuamente para dentro ou para fora, sem alcançar um ponto de tangência vertical;
- 2) vasilhas que têm um ponto de tangência vertical: o ponto se aproxima da parte média, nas formas restringidas comuns e nas hiperbólicas; são casos especiais desse tipo:
 - a) as cilíndricas, que tem infinito número de pontos de tangência vertical;
 - b) as hemisféricas, nas que o ponto de tangência vertical coincide com a borda;
 - c) as vasilhas de lados divergentes contínuos, nas que o ponto de tangência vertical coincide com a base.
- 3) vasilhas que têm um ponto de inflexão: tem os lados recurvados, podendo encontra-se conjugadas com outras formas em uma mesma vasilha;
- 4) vasilhas que têm um ponto angular: estão definidas por um ângulo no contorno e podem incluir formas restringidas e não restringidas.

III – As três classes estruturais.

Neste item estão descritas as classes estruturais que compõe uma vasilha.

- 1) orifício não restringido: é o que tem o diâmetro máximo da vasilha;
- 2) orifício restringido: é o que tem um diâmetro menor que o diâmetro máximo da vasilha;
- 3) pescoço: define-se como característica de contorno; sua base está marcada por um ponto angular ou se a diferenciação não é muito marcada, aparece um ponto de inflexão entre o estrangulamento do pescoço e a parte mais larga do corpo.

Em termos de contorno básico, é conveniente definir estes tipos pela posição da tangente na borda, estabelecendo a seguinte classificação:

- 1) vasilha não restringida: tem um orifício aberto marcado por uma tangente de um ponto extremo que é vertical ou inclinada para fora; em nenhum ponto do contorno tem um estrangulamento marcado por um ângulo ou ponto de inflexão;
- 2) vasilhas restringidas simples dependentes: tem o orifício cerrado, marcado pela tangente de borda inclinada para dentro; o perfil precisa de estrangulamento marcado por um ângulo ou ponto de inflexão;
- 3) vasilhas restringidas independentes: sua característica é um ponto angular ou um ponto de inflexão sobre um ponto maior (ponto na parte mais larga da peça).

IV – Subdivisão das classes estruturais pelo tipo de contorno

Este item aponta como as classes estruturais acima descritas podem ser divididas pelo tipo de contorno que apresentam.

- 1) simples: seu perfil é definido pela suavidade do contorno;
- 2) composto: seu perfil é definido pela presença de um ângulo no contorno;
- 3) infletido: seu perfil está definido por seções côncavas e convexas unidas por uma forma suave (presença característica de um ponto de inflexão); pode ter também dois pontos de tangência vertical;

4) complexo: seu perfil está definido por dois ou mais pontos angulares ou de inflexão, ou por pontos de inflexão e angulares. Incluem-se variações de formas comuns por variação de direção na curvatura, ou variações bruscas no raio de curvatura e direção de linha.

É conveniente dizer que a classificação e recontagem dos pontos se aplicam à vasilha propriamente dita, excluindo as modificações de borda e apoios. Os suportes de pedestal e as modificações proeminentes das bordas constituem pontos adicionais para a classificação do contorno da vasilha; seus pontos não se incluem para evitar um agrupamento não relacionado.

V – Subdivisão dos tipos de contorno com relação à forma

Aqui está apresentado como é possível subdividir os tipos de contorno quando relacionados à forma.

A - Formas geométricas sólidas:

- 1) esfera
- 2) elipsoidal
- 3) ovalóide

As duas primeiras são formas geométricas matematicamente definidas; a terceira (ovalóide) não o é.

As duas últimas podem subdividir-se:

- 1) elipsóides: a) com o eixo maior horizontal
b) com o eixo maior vertical
- 3) ovalóides: a) em posição reta
b) em posição invertida

B - Formas de superfície geométrica:

- 1) cilíndrico
- 2) cone
- 3) hiperbolóide

2.5 CERÂMICA GUARANI: RELAÇÃO ENTRE FORMA E FUNÇÃO

Utilizando os critérios propostos por Sheppard, somados às fontes arqueológicas e históricas, Brochado e colegas estabeleceram um método para análise da cerâmica arqueológica Guarani. A partir desse método, foi possível obter informações significativas, que serão brevemente expostas.

Como visto anteriormente, até muito recentemente no Brasil, as vasilhas cerâmicas arqueológicas eram estudadas com o objetivo de organizar seqüências seriadas que estabeleceriam cronologias. Com isso, as informações encontradas nos trabalhos relativos à cerâmica são, em sua grande maioria, do tipo descritivo, ou seja, suficientes para se estabelecer seqüências seriadas. As mudanças nesse tipo de pesquisa começam a ocorrer em fins da década de 80, quando a cerâmica passa a ser analisada através de aspectos diferenciados. De acordo com Brochado:

“Sendo a cerâmica um elemento tecnológico determinante de um comportamento, nossa proposição é ver o homem que desenvolve uma tecnologia como satisfação de suas necessidades e inserido dentro de um contexto ecológico, onde nichos ocorrem, com características geológicas, pedológicas e vegetais diferentes, determinando comportamentos distintos dentro de uma mesma tradição cultural” (Brochado & La Salvia, 1989:5).

Com isso, podemos observar que vasilhas cerâmicas são mais que simples recipientes, uma vez que podem ser consideradas como expressão material de aspectos culturais, sociais, econômicos, religiosos e outros, confeccionadas a partir

de uma dada realidade, por necessidade ou por estética. Assim, estudar vasilhas cerâmicas é buscar conhecimento sobre parte de um contexto cultural amplo.

A cerâmica Guarani tem servido para uma variedade de propósitos por mais de 2.200 anos, mas são nos papéis culinários e domésticos que sua função como vasilha pode ser endereçada mais abrangente e comparativamente, através do tempo e sobre uma área geográfica muito ampla. Em seu papel mais geral, como recipientes, as vasilhas cerâmicas constituem-se como subconjuntos de uma vasta categoria de dispositivos materiais ou tecnológicos chamados de facilidades. As vasilhas podem ser utilizadas para carregar líquidos, armazenar substâncias secas ou aquecer seus conteúdos no fogo. Cada categoria de uso da vasilha requer uma diferente combinação de atributos de forma e composição para alcançar um produto que atenda suas necessidades especiais. Esses projetos de vasilhas devem acomodar as exigências conflitantes de diferentes usos, dentro dos limites impostos pelas pesquisas feitas.

A discussão sobre função das vasilhas modifica propriedades sobre o tipo de uso, em particular, de cada uma delas, apontando uma série de problemas. Categorias de forma e uso estabelecidas, como vasilha para cozinhar e jarros para armazenar líquidos são freqüentemente vagos e sobrepostos, estando as formas e funções ligadas à terminologia. Assim, a função pode ser deduzida ou observada. Quando a função é deduzida, parte-se de uma hipótese que deve ser determinada pela relação entre a proporção da vasilha e suas dimensões. Neste caso, o auxílio de fontes etnográficas é de significativa importância, uma vez que permite que as vasilhas sejam comparadas com outras semelhantes, determinando seu uso.

Os arqueólogos também têm feito uso da observação para permitir alguns conceitos gerais sobre o uso das vasilhas descobertas nas escavações. Um deles é recorrer aos registros escritos e fontes históricas. Outra base para o conceito sobre sua função é o contexto arqueológico da descoberta. Se um pote, por exemplo, é encontrado num enterramento ou em uma superfície de ocupação associada ao fogo, a função da vasilha parece ser clara. No entanto, essa aproximação é pouco

usada em consequência do grande número de vasilhas que são encontradas quebradas. Assim, uma variedade de procedimentos pode ser empregada para analisar as vasilhas, determinar seus conteúdos e suas funções.

Ao se trabalhar com elementos que são tidos como tecnológicos, faz-se necessário esgotarmos todos os tipos de informações possíveis para que seja viável fazermos inferências sobre os elementos que compõe um contexto. Sendo assim, nos trabalhos realizados com as vasilhas cerâmicas, são consideradas tanto as vasilhas inteiras quanto seus fragmentos. Para Brochado e La Salvia,

“O estudo é um todo e deve preocupar-se com o contexto cultural. Embora partindo de fragmentos, não devemos encará-los somente como tal, mas como documentos explícitos de um tipo de comportamento em função de diversas variáveis” (Brochado & La Salvia, 1989:165).

No que se refere à questão metodológica para o desenvolvimento de pesquisas com vasilhas cerâmicas, Brochado & La Salvia (1989) se remetem a alguns conceitos, tais como:

- **classificação:** método utilizado pelos pesquisadores para destacar os padrões existentes no material, formando, definindo e denominando as classes de acordo com os padrões distintivos dos artefatos (Rouse, 1960 apud Brochado & La Salvia, 1989:165);
- **classe:** é um grupo de exemplares com atributos comuns artefatos (Rouse, 1960 apud Brochado & La Salvia, 1989:165);
- **modo:** designa qualquer padrão, conceito ou costume que governa o comportamento dos artesãos de uma comunidade, o qual é passado de geração a geração e pode ser difundido de uma comunidade a outra através de consideráveis distâncias artefatos (Rouse, 1960 apud Brochado & La Salvia, 1989:165);
- **tipo:** é o agrupamento ou padrão de atributos que distingue um grupo de exemplares e que os define como classe artefatos (Rouse, 1960 apud Brochado & La Salvia, 1989:165);

- **dimensões:** são termos descritivos gerais que são mutuamente exclusivos (Tarble, 1982:5 apud Brochado & La Salvia, 1989:166);

- **atributo:** é a menor unidade capaz de ser distinguida qualitativamente numa pesquisa determinada (Dunnell, 1971:200 apud Brochado & La Salvia, 1989:166).

Seguindo tais conceitos (cf. Brochado & La Salvia, 1989), chega-se à metodologia que deve ser aplicada na pesquisa: necessidade inicial de formulação de um problema; delimitação de um campo de trabalho; estabelecer uma escala comparativa; eleger as dimensões dos atributos que serão considerados; estabelecer escalas para a medição das dimensões.

Quanto à classificação das formas das vasilhas, é necessário que se obtenha uma que se aproxime ao máximo da utilizada por quem as confeccionou, no caso, uma tipologia cognitiva. Para Rouse:

“Tipologias cognitivas são utilizadas pelos etnógrafos quando estudam a fabricação de artefatos, em função da mentalidade dos artesãos que os produziram” (Rouse, 1960 apud Brochado & La Salvia, 1989:166).

Nas vasilhas arqueológicas Guarani, a forma era obtida a partir da sobreposição de segmentos de pasta, distribuídos em seções de cilíndricos e cônicos. As formas das vasilhas cerâmicas podem ser caracterizadas de muitas maneiras, mantendo três características básicas essenciais: boca, corpo e base. Isso é muito significativo em termos de construção, função e decoração da vasilha. O corpo da vasilha pode ser definido como a porção entre a boca e a base, incluindo diâmetro máximo ou mínimo da vasilha.

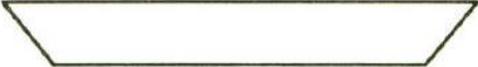
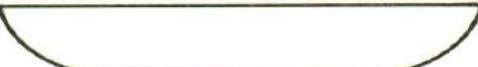
A boca, ou abertura da vasilha tem como principal característica uma relação com o diâmetro máximo da vasilha. Quando é igual ou maior que o diâmetro máximo é descrita como boca irrestrita. Quando é menor que o diâmetro máximo, é chamada de boca restrita. Às vezes, o ponto de máximo diâmetro por si só pode ser chamado de ombro. A área entre o ponto de máximo diâmetro e a base é chamada de corpo.

Quanto ao contorno, nem todas são de forma simples. Algumas vasilhas têm forma complexa, formada por curvas e ângulos, especialmente na boca, que pode ser em relevo ou estendida num pescoço. O pescoço é uma restrição da vasilha aberta, começando acima do ponto máximo do diâmetro do corpo que é no ombro. Entretanto, de acordo com Brochado & La Salvia,

“chama a atenção o aspecto representado pela maioria das vasilhas Guarani. Tem-se a impressão que as ceramistas Guarani concebiam as vasilhas como um empilhamento de zonas ou segmentos horizontais bem demarcados. A partir dessa identificação é que desenvolvemos uma sistema para a descrição das vasilhas, baseado na divisão de segmentos ideais (Brochado & La Salvia, 1989:116).

Sendo assim, o sistema desenvolvido pode dividir-se em duas partes: seção cônica e seção convexa. A seção cônica apresenta-se da seguinte maneira:

Quadro 2 – Apresentação da seção cônica.

Forma	Nomenclatura
 <p data-bbox="448 618 555 651">Figura 1</p>	1 – Reta normal
 <p data-bbox="448 797 555 831">Figura 2</p>	2 – Côncava normal
 <p data-bbox="448 987 555 1021">Figura 3</p>	3 – Convexa normal
 <p data-bbox="448 1200 555 1234">Figura 4</p>	4 – Reta invertida
 <p data-bbox="448 1379 555 1413">Figura 5</p>	5 – Côncava invertida
 <p data-bbox="448 1570 555 1603">Figura 6</p>	6 – Convexa invertida

A seção cilíndrica apresenta-se da seguinte forma:

Quadro 3 – Apresentação da seção cilíndrica

Forma	Nomenclatura
 Figura 7	7 – Reta
 Figura 8	8 – Côncava
 Figura 9	9 – Convexa
 Figura 10	10 – Calota

A terceira região da vasilha é a base, também chamada de pé. A base é a parte de baixo da vasilha que toca a superfície onde esta é apoiada em uso normal, podendo se apresentar das seguintes formas:

Quadro 4 – apresentação das formas da base

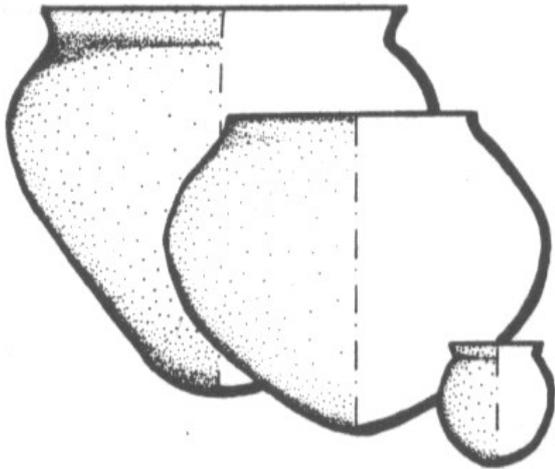
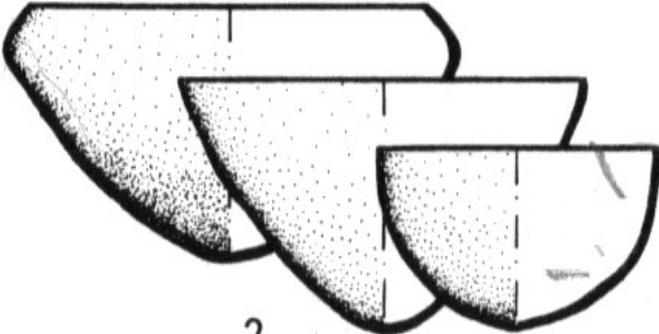
Forma	Nomenclatura
 <p data-bbox="438 884 566 929">Figura 11</p>	11 – Bi-plana
 <p data-bbox="438 1097 566 1142">Figura 12</p>	12 – Plano côncava
 <p data-bbox="438 1321 566 1366">Figura 13</p>	13 – Plano convexa
 <p data-bbox="438 1590 566 1635">Figura 14</p>	14 – Côncava plana
 <p data-bbox="438 1859 566 1904">Figura 15</p>	15 – Convexa plana

Forma	Nomenclatura
 <p data-bbox="443 611 566 645">Figura 16</p>	16 – Bi-côncava
 <p data-bbox="443 880 566 913">Figura 17</p>	17 – Côncava convexa
 <p data-bbox="443 1149 566 1182">Figura 18</p>	18 – Convexa côncava
 <p data-bbox="443 1433 566 1467">Figura 19</p>	19 – Bi-convexa

Dessa forma, utilizando todos os critérios de análise acima demonstrados somados às informações obtidas no dicionário de Montoya, Brochado conseguiu identificar nas coleções que analisou, seis das dez classes de vasilhas evidenciadas.

São elas: **yapepó; ñaetá; ñamopiu; cambuchí; ñaembé; cambuchí caguabã.**

Quadro 5 – Apresentação da forma e função das classes de vasilhas

Forma	Função
 <p data-bbox="491 1037 624 1070">Figura 20</p>	<p data-bbox="911 562 1372 1234">Yapepó: Vasilha utilizada no fogo para cozer alimentos. Sua forma freqüente é a de uma vasilha bojuda, de bordas côncavas, verticais e inclinadas para fora; de base conoidal e arredondada, sendo pequenas com o diâmetro variando de 12 a 16 cm; médias, de 18 a 30 cm e/ou grandes, com o diâmetro da boca acima de 32 cm (Brochado & Monticelli, 1994).</p>
 <p data-bbox="491 1751 624 1785">Figura 21</p>	<p data-bbox="911 1294 1372 1906">Ñaetà: Vasilha utilizada no fogo para cozer alimentos. Sua forma é tronco-cônica, sendo a borda direta, vertical ou inclinada para fora; a base pode ser aplanada ou levemente arredondada. São encontradas em dimensão média, variando de 30 a 48 cm de diâmetro e grandes, acima de 50 cm de diâmetro (Brochado & Monticelli, 1994).</p>

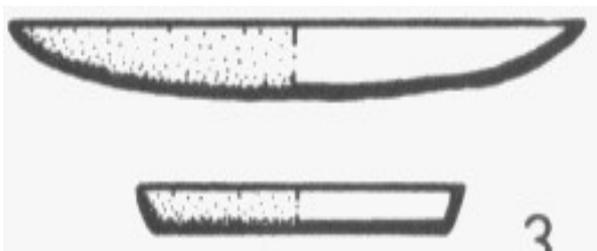
Forma**Função**

Figura 22

Ñamopiu: Vasilha utilizada como prato para torrar farinha. São encontradas com borda convexa, baixa ou apenas vestigial. Em formas normais, o diâmetro da boca varia de 18 a 32 cm, com as grandes atingindo um diâmetro superior a 34 cm (Brochado & Monticelli, 1994).

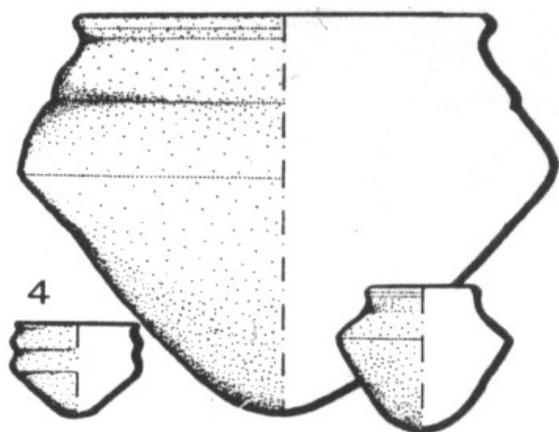
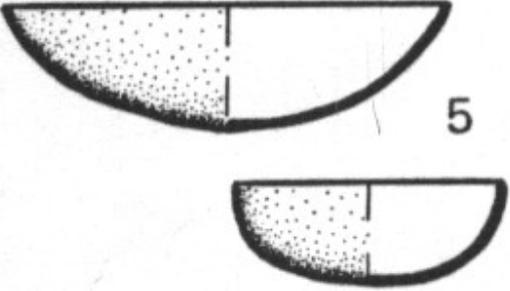
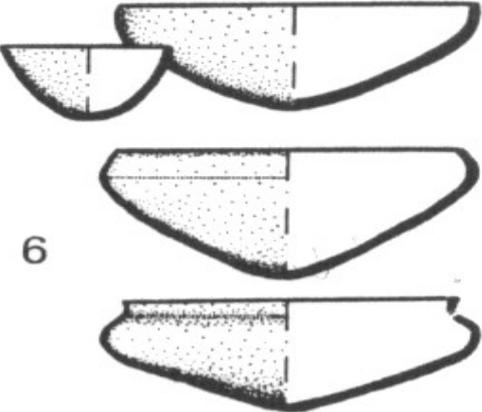


Figura 23

Cambuchí: Vasilhas utilizadas na armazenagem de líquidos, principalmente bebidas alcoólicas. De forma elipsoidal, vertical ou duplo-cônica, sendo que o diâmetro maior situa-se no bojo; a base é conoidal; a parte superior restringida formando um pescoço; a borda é extrovertida. Os pequenos têm variação de 18 a 34 cm de diâmetro e os grandes têm diâmetro superior a 36 cm (Brochado & Monticelli, 1994).

Forma	Função
 <p data-bbox="437 779 571 815">Figura 24</p>	<p data-bbox="804 434 1375 878">Ñaembé: Vasilhas utilizadas como pratos para comer. São vasilhas abertas, com borda convexa, vertical ou inclinada para fora. Os pequenos têm variação de 12 a 16 cm de diâmetro; os médios variam de 18 a 26 cm e os grandes têm variação de 28 a 34 cm (Brochado & Monticelli, 1994).</p> <p data-bbox="804 936 1375 1379">Cambuchí caguabã: Vasilhas utilizadas como copos para beber. Apresentam base periférica elipsoidal ou conoidal, sendo estes os elementos que o diferem do ñaembé. Quando pequenas, o diâmetro varia de 12 a 16 cm; os médios têm variação de 18 a 26 cm (Brochado & Monticelli, 1994).</p>
 <p data-bbox="437 1397 571 1433">Figura 25</p>	

2.6 A CERÂMICA GUARANI DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGOA XAMBRÊ: APLICAÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

A metodologia descrita acima foi aplicada e testada sobre um conjunto de 2.732 fragmentos de borda resgatados em diferentes sítios arqueológicos de uma área do alto rio Uruguai, revelando sua aplicabilidade e comprovando sua eficácia para determinar a reconstrução gráfica e definir a funcionalidade das classes de

vasilhas resgatadas nos sítios arqueológicos (Brochado e Monticelli, 1994:108). Era, contudo, necessário realizar testes para verificar o que se poderia perceber sobre a forma e a função das vasilhas de um único sítio.

Essa dissertação, após uma década de espera, irá cumprir a etapa de análise e teste da metodologia em um único sítio arqueológico, localizado às margens da lagoa Xambrê, junto ao rio Paraná ($23^{\circ} 51'16''\text{S}/53^{\circ} 59'16''\text{W}$), no município de Altônia, Estado do Paraná. Ali foram resgatados cerca de 63.110 fragmentos cerâmicos, em três campanhas de salvamento e parte coletada pelo proprietário, que queria limpar a superfície de um cafezal. Ainda há fragmentos enterrados, como foi possível observar em um perfil estratigráfico evidenciado dentro do sítio arqueológico pela erosão pluvial. Enquanto houver vestígios seguiremos fazendo coletas, pois pretendemos resgatar o máximo possível de fragmentos, de maneira a alcançar as porcentagens próximas ao que foi descartado na época em que o sítio foi abandonado por sua população.

Uma vez que não consideramos o contexto de onde foram removidos os fragmentos, deixando de medir as evidências superficiais das estruturas arqueológicas, nos concentramos na definição das classes, da funcionalidade e a análise da frequência em nível geral. Isto é, considerou-se apenas a relação entre o número total de vasilhas e o sítio arqueológico, em detrimento do recenseamento estatístico do número de vasilhas existentes nos variados espaços do sítio arqueológico.

Como será mostrado no capítulo três, os fragmentos foram separados de acordo com o tratamento de superfície, em conjunto de corrugados, ungulados, escovados, pintados e lisos. Também foram separados os fragmentos das bordas das vasilhas, para quantificar o número das vasilhas encontradas até o presente. Os fragmentos foram desenhados de perfil seguindo a metodologia descrita acima.

Finalmente, dando seqüência ao método de trabalho em desenvolvimento, objetivamos com a pesquisa proposta, aplicar os resultados obtidos na tentativa de desenvolver um estudo sobre frequência no capítulo quatro, seguindo a noção geral

proposta por Nelson (1991:162), que “se refere ao número de vasilhas por grupos residenciais”. Para tanto, pretendemos operar em dois campos de análise: quantitativo (porcentagem de cada classe de vasilhas dentro de um contexto arqueológico específico) e interpretativo (padrões de uso, re-uso, armazenagem e descarte; produção tecnológica; alimentação; organização social, etc.).

3 ANÁLISE DO MATERIAL CERÂMICO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO LAGOA XAMBRÊ

Os fragmentos somam o total de 63.110 e foram separados de acordo com o tratamento de superfície, em conjuntos de: corrugados, ungulados, escovados, pintados, lisos, incisos, repuxados e estampados (conforme as definições que serão mostradas mais abaixo). Também foram separados os fragmentos das bordas das vasilhas, com o objetivo de realizarmos as reconstruções gráficas e para distinguir e possivelmente quantificar o número de vasilhas encontradas até o presente. Esses fragmentos foram analisados⁷ conforme a metodologia descrita no capítulo dois.

A restauração das cerâmicas encontradas pelo agricultor resultou em dez vasilhas inteiras, como se pode ver nas figuras 35 a 54. Além dessas, até o presente, só um pequeno número de vasilhas foram parcialmente restauradas, uma vez que a análise e separação do número total de fragmentos não possibilitaram que estas fossem devidamente reconstituídas. Isso ocorreu devido à falta de contextualização espacial, que facilitaria a comparação entre os fragmentos ao invés do cruzamento todos os cacos entre si para ver quais podem ser emendados.

3.1 ANÁLISE DO TRATAMENTO PLÁSTICO APLICADO À SUPERFÍCIE

Essa primeira parte da análise teve por objetivo formar conjuntos de fragmentos de vasilhas separados por tratamento de superfícies, por tipos de perfil de borda, de base e de partes que caracterizam certas classes. Essa etapa auxilia na identificação das classes de vasilhas, uma vez que cada classe possui tratamentos de superfície previamente estabelecidos. A divisão quanto ao tratamento plástico

⁷ Os resultados apresentados nas tabelas serão transformados em gráficos quando a análise do material cerâmico for encerrada. Os resultados finais que serão apresentados nas tabelas e nos gráficos passarão por uma análise estatística.

aplicado na superfície da vasilha foi feita de acordo com o modelo de análise proposto por Brochado⁵.

As tabelas 1 e 2 mostram os resultados quantificados, referentes à primeira etapa da análise, representando o número total de fragmentos divididos em conjuntos relativos ao tratamento plástico de superfície, incluindo os fragmentos de borda.

Tabela 1 - simples: apenas um tipo de acabamento na superfície total da vasilha.

Tratamento de superfície	Quantidade de fragmentos analisados	% de fragmentos classificados
Corrugado	31.962	54,058
Ungulado	1.521	2,572
Inciso	100	0,169
Escovado	323	0,546
Estampado	1	0,001
Liso	25.215	42,646
Repuxado	3	0,005
Total de fragmentos analisados	59.115	100

⁵ In: LA SALVIA, Fernando & BROCHADO, José. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

Tabela 2 – duplo: dois acabamentos contidos na superfície total da vasilha

Tratamento de superfície	Quantidade de fragmentos classificados	% de fragmentos classificados
Liso – Ungulado	3	30
Liso – Corrugado	5	50
Escovado – Corrugado	2	20
Total de fragmentos analisados	10	100

Os gráficos 1 e 2 representam as porcentagens mostradas nas tabelas 1 e 2.

Gráfico 1 – Acabamento de superfície simples

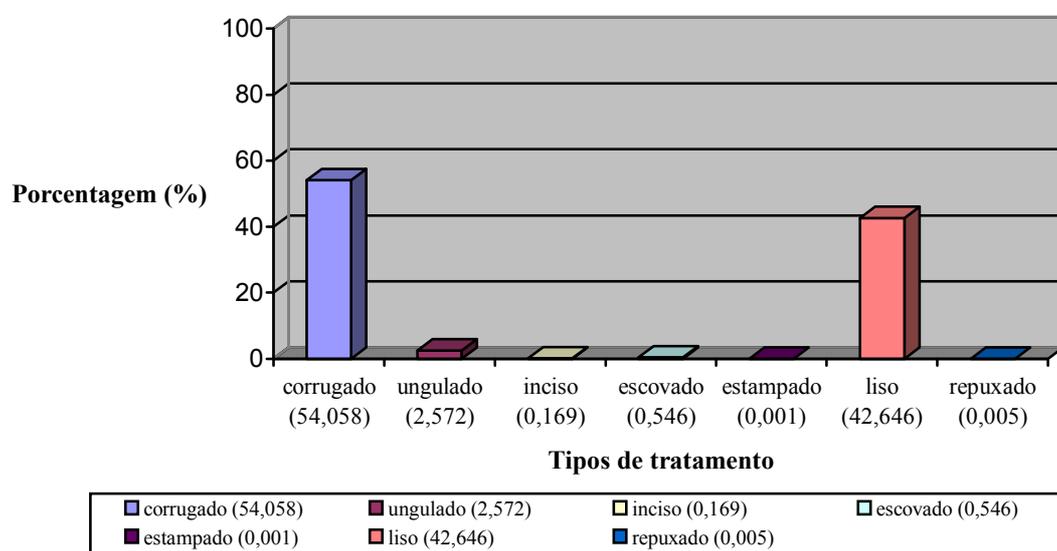
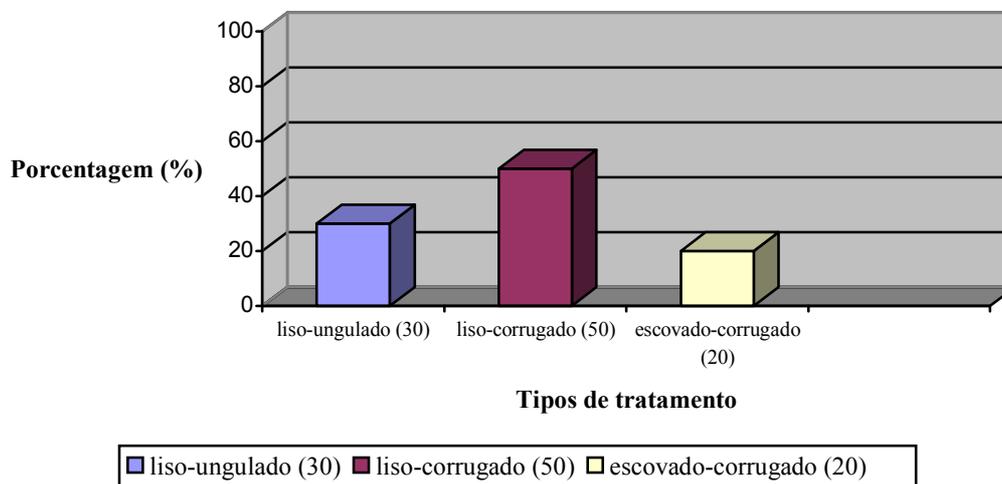


Gráfico 2 – Acabamento de superfície composto.



Abaixo estão representados os tratamentos encontrados na separação dos fragmentos quanto ao tratamento plástico recebido pelas vasilhas⁶.

⁶ A nomenclatura utilizada para definir o tipo de tratamento das vasilhas é encontrada em: LA SALVIA, Fernando & BROCHADO, José. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

Quadro 6 – Separação dos fragmentos quanto ao tratamento plástico

Tratamento	Nomenclatura
 <p data-bbox="443 808 564 842">Figura 25</p>	<p data-bbox="807 584 1372 618">Tratamento de superfície corrugado:</p> <p data-bbox="807 663 1372 775">consiste na ação lateral de fixar e fechar o intervalo entre os roletes com os dedos.</p>
 <p data-bbox="443 1133 564 1167">Figura 26</p>	<p data-bbox="807 954 1372 987">Tratamento de superfície unglado:</p> <p data-bbox="807 1032 1372 1223">Consiste na ação frontal da unha na forma de arco sobre a superfície da vasilha.</p>
 <p data-bbox="443 1715 564 1749">Figura 27</p>	<p data-bbox="807 1402 1372 1435">Tratamento de superfície inciso:</p> <p data-bbox="807 1458 1372 1603">Consiste na ação de um instrumento de ponta que risca mais ou menos profundamente a superfície cerâmica.</p>

Tratamento	Nomenclatura
 <p data-bbox="443 745 564 779">Figura 28</p>	<p data-bbox="807 477 1372 741">Tratamento de superfície escovado: Consiste na ação produzida por instrumentos de múltiplas pontas agudas que riscam mais ou menos profundamente a superfície cerâmica.</p>
 <p data-bbox="437 1178 571 1211">Figura 29</p>	<p data-bbox="807 902 1372 1106">Tratamento de superfície repuxado: Consiste na aglomeração de uma certa quantidade de argila extraída da própria vasilha formando nódulos.</p>
 <p data-bbox="437 1552 571 1585">Figura 30</p>	<p data-bbox="807 1312 1372 1516">Tratamento de superfície liso: Consiste na ação, seja ela com as mãos ou com um instrumento, para deixar a superfície alisada.</p>
 <p data-bbox="437 1921 571 1955">Figura 31</p>	<p data-bbox="807 1686 1372 1839">Tratamento de superfície estampado: Consiste na impressão de uma folha vegetal sobre a superfície da vasilha.</p>

3.2 PINTURA: ELEMENTO DECORATIVO E FINAL EM UM ARTEFATO

As tabelas 3 e 4 apresentam os resultados da análise feita com o objetivo de formar conjuntos de fragmentos separados quanto à pintura que receberam.

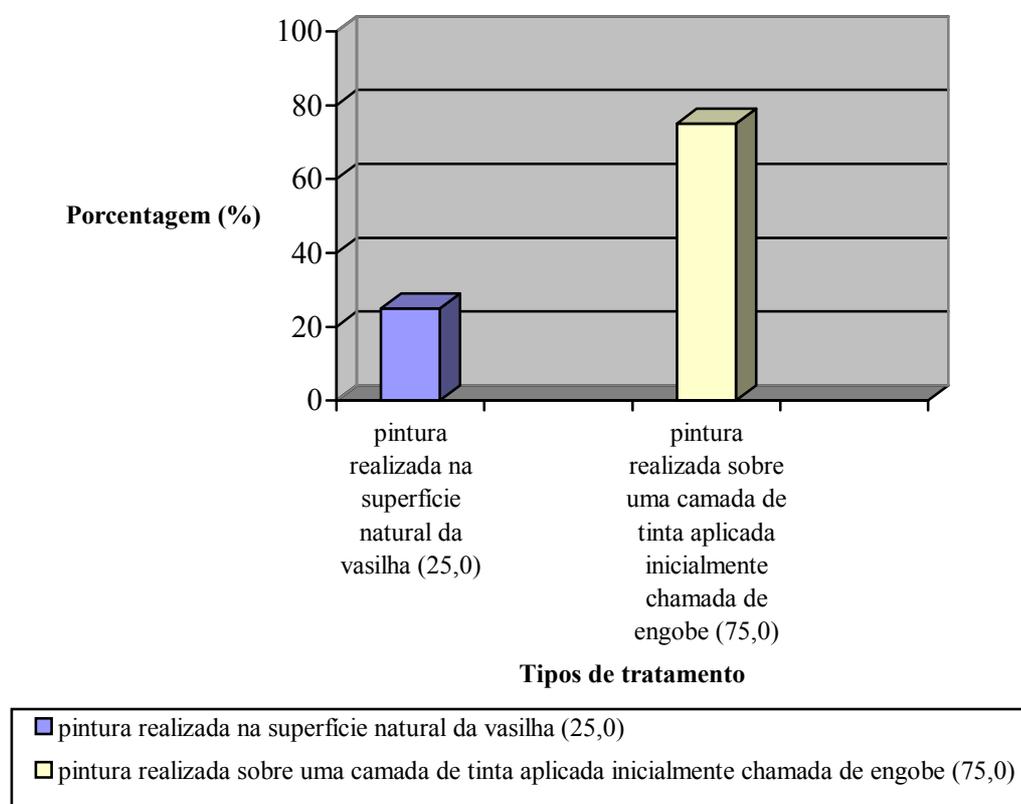
De acordo com Brochado e La Salvia (1989:97), “as tintas básicas tanto podem ser de origem vegetal quanto mineral. As vegetais seriam o negro, o preto, o vermelho e o amarelo, enquanto as minerais seriam o branco, vermelho e o ocre”.

Tabela 3 – separação dos fragmentos pintados na superfície natural da vasilha e no engobe.

Tratamento de superfície	Quantidade de fragmentos analisados	% de fragmentos analisados
Pintura realizada na superfície natural da vasilha	997	25,0
Pintura realizada sobre uma camada de tinta aplicada inicialmente, chamada de engobe	2.998	75,0
Total de fragmentos analisados	3.985	100

A tabela 3 representa o número total de fragmentos analisados que possuem pintura na superfície natural da vasilha e sobre o engobe, incluindo também os fragmentos de borda. Esses resultados são igualmente referentes à primeira etapa da análise, que consiste em um refinamento dos fragmentos das vasilhas, para um posterior separação por classe de vasilha.

Gráfico 3 – Acabamento pintado na superfície natural da vasilha



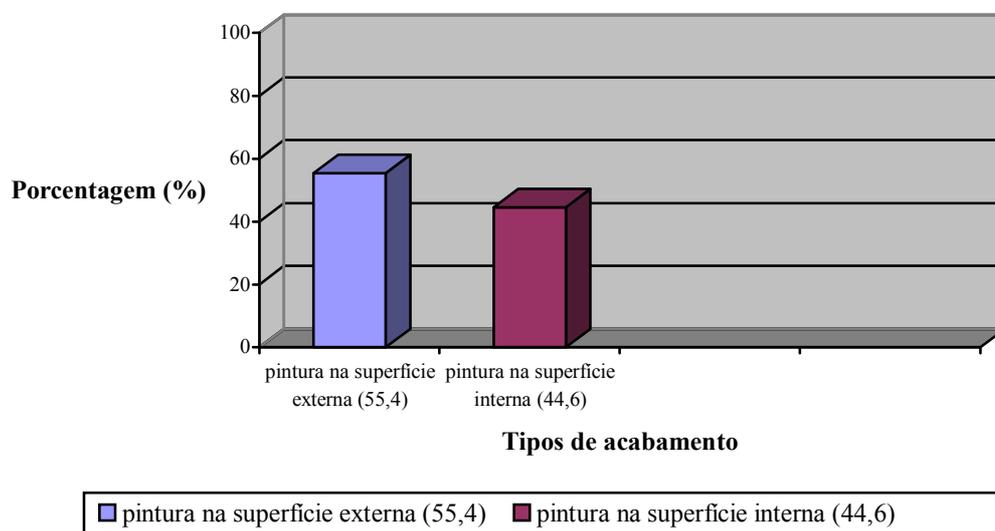
O gráfico 3 mostra o total de fragmentos analisados com pintura na superfície natural da vasilha e sobre o engobe.

Tabela 4 – pintado: separação por pintura na superfície interna e externa.

Tratamento de superfície	Quantidade de fragmentos analisados	% de fragmentos analisados
Pintura na superfície externa	2.205	55,4
Pintura na superfície interna	1.780	44,6
Total de fragmentos analisados	3.985	100

A tabela 4 representa o número total de fragmentos analisados que possuem pintura na superfície interna e externa, incluindo também os fragmentos de borda. Esses resultados são igualmente referentes à primeira etapa da análise, que consiste em um refinamento dos fragmentos das vasilhas, para um posterior separação dos fragmentos por classes de vasilhas, de acordo com o modelo de análise em questão.

Gráfico 4 – Acabamento pintado na superfície interna e externa da vasilha



O gráfico 4 mostra a quantidade total de fragmentos com pintura na superfície externa e interna.

Abaixo estão representados os fragmentos encontrados que apresentam pintura na superfície interna e externa onde as cores encontradas são: vermelho (predominante) e preto e branco, encontrados na separação dos fragmentos quanto ao elemento decorativo final recebido pelas vasilhas.

Quadro 7 – Pintura na superfície interna e externa da vasilha

Tratamento	Nomenclatura
 <p data-bbox="437 824 571 860">Figura 32</p>	<p data-bbox="805 647 1378 723">Pintura na superfície externa do fragmento.</p>
 <p data-bbox="437 1189 571 1225">Figura 33</p>	<p data-bbox="805 1043 1378 1120">Pintura na superfície externa do fragmento.</p>
 <p data-bbox="437 1559 571 1594">Figura 34</p>	<p data-bbox="805 1406 1378 1482">Pintura na superfície interna do fragmento.</p>

Os resultados acima representados fazem parte da primeira etapa da análise do material cerâmico, que consistiu num refinamento dos fragmentos cerâmicos de acordo com as características mais simples por eles apresentadas, compreendendo o tratamento plástico recebido pelos fragmentos, incluindo o tratamento utilizado na superfície da vasilha.

3.3 CLASSIFICAÇÃO E SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS POR CLASSE DE VASILHAS

Os resultados dessa tabela são referentes à análise feita com o objetivo de separar os fragmentos quanto à classe de vasilha a que pertencem.

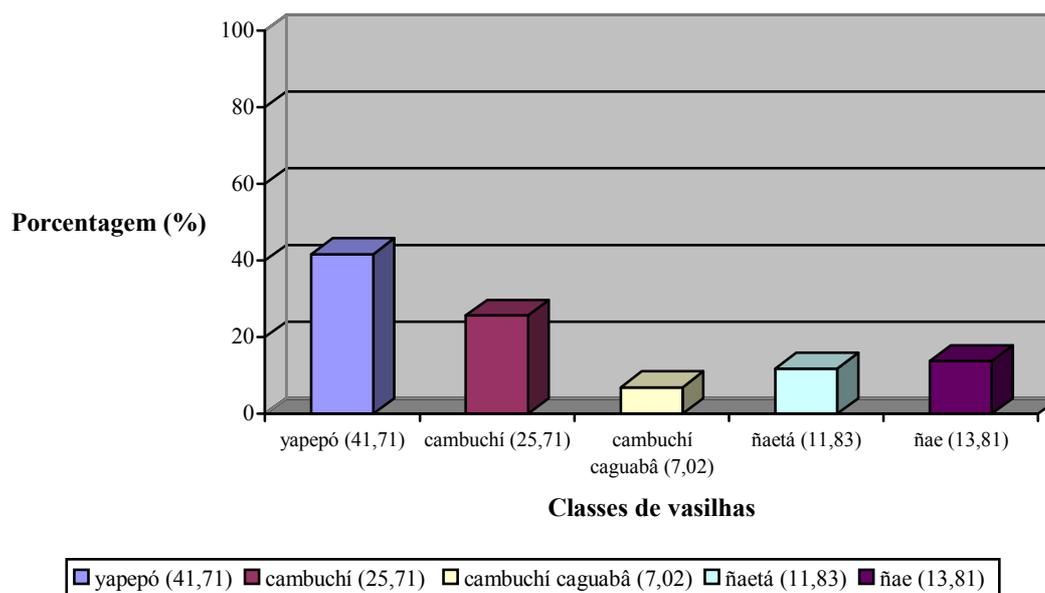
Tabela 5 – classificação e separação por classes de vasilhas.

Classes de vasilhas	Tratamento de superfície	Fragmentos das partes das vasilhas com exceção das bordas	% de fragmentos analisados
Yapepó	Corrugado	7.956	40,02
Yapepó	Ungulado	170	0,85
Yapepó	Inciso	38	0,19
Yapepó	Escovado	129	0,64
Yapepó	Escovado – Corrugado	3	0,01
Cambuchí	Pintado	1.328	6,68
Cambuchí	Liso	3.784	19,03
Cambuchí caguabâ	Pintado	1.378	6,93
Cambuchí caguabâ	Liso	19	0,09
Ñaetá	Corrugado	2.329	11,71
Ñaetá	Ungulado	23	0,11
Ñaetá	Liso- Ungulado	2	0,01
Ñae	Ungulado	153	0,76
Ñae	Corrugado	1.733	8,71
Ñae	Liso	809	4,07
Ñae	Inciso	23	0,11
Ñae	Escovado	32	0,16
Total de fragmentos analisados		19.877	100

A tabela 5 traz os resultados referentes à separação e classificação dos fragmentos por classe de vasilhas. Esses resultados são referentes à segunda etapa da análise, que consiste em uma separação dos fragmentos de acordo com a classe a que pertencem, respeitando os respectivos tratamentos de superfície. Essa separação possibilitou que encontrássemos cinco das seis classes de vasilhas evidenciadas por Brochado e Monticelli (1994). A quantidade e a porcentagem encontradas serão de

extrema importância para o estudo sobre frequência das vasilhas no sítio em questão, visto que as diferentes classes de vasilhas possuem tratamento de superfície previamente estabelecido.

Gráfico 5 – Separação dos fragmentos por classe de vasilhas.



O gráfico 5 trás os resultados referentes à separação dos fragmentos por classe de vasilhas.

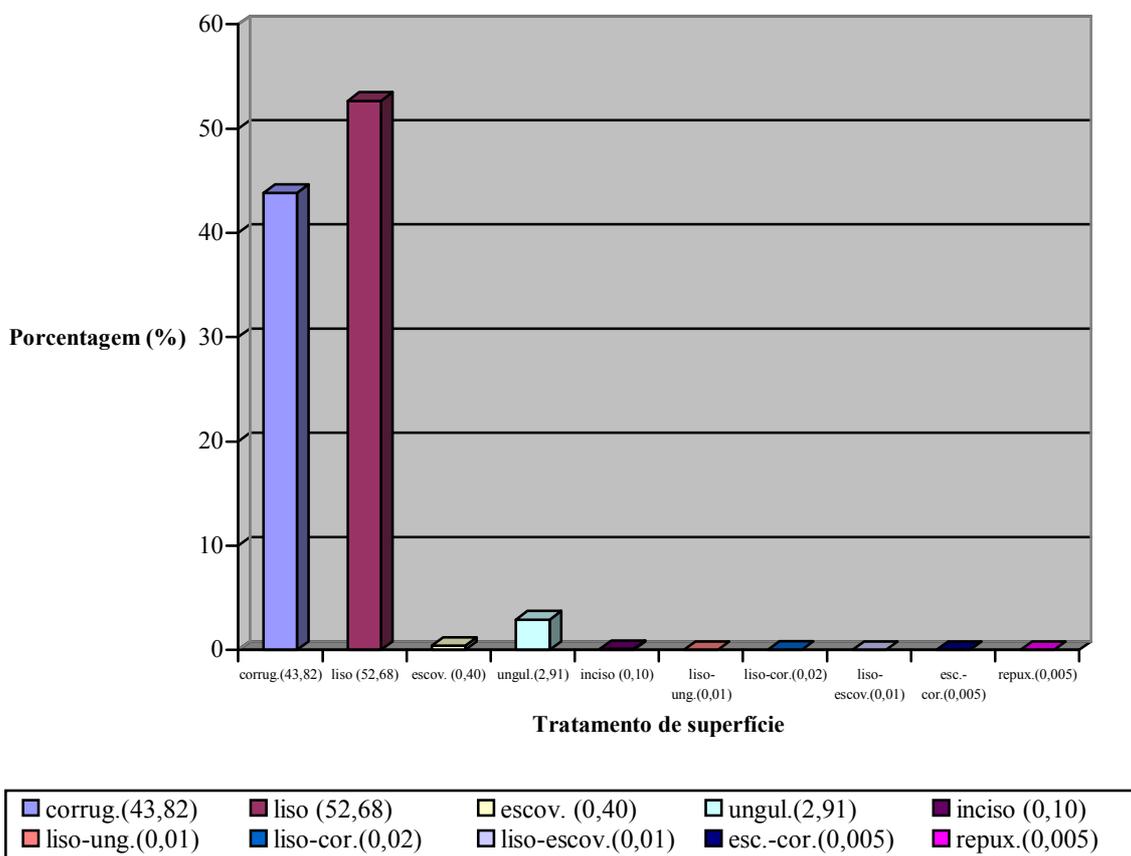
A tabela 6 apresenta os resultados obtidos a partir da análise que tinha por objetivo separar os fragmentos que não puderam ser classificados quanto à classe a que pertencem de acordo com o tratamento de superfície.

Tabela 6 – fragmentos que não puderam ser analisados quanto à classe de vasilha a que pertencem.

Tratamento de superfície	Quantidade de fragmentos
Corrugado	16.794
Liso	20.189
Escovado	156
Ungulado	1.117
Inciso	39
Liso- ungulado	7
Liso – corrugado	11
Liso – escovado	4
Escovado – corrugado	2
Repuxado	2
Total de fragmentos analisados	38.321

A tabela 6 indica a quantidade de fragmentos que não puderam ser separados quanto à classe de vasilhas a que pertencem, sendo separados apenas pelo tratamento de superfície. Isso ocorre em consequência da pequena dimensão que os fragmentos apresentam, o que impossibilita uma separação mais sistemática.

Gráfico 6 – Fragmentos que não puderam ser analisados quanto à classe de vasilhas a que pertencem.



O gráfico 6 indica a porcentagem de fragmentos que não puderam ser separados quanto à classe de vasilhas a que pertencem, sendo separados apenas pelo tratamento de superfície.

Os resultados acima apresentados fazem parte da segunda etapa de análise, que consistiu na separação dos fragmentos por classe de vasilhas a que pertencem, excetuando-se aí os fragmentos de borda. Analisamos também os fragmentos que não puderam ser separados por classe, considerando apenas o tratamento de superfície por eles apresentados.

3.4 SEPARAÇÃO DOS FRAGMENTOS DE BORDA DAS VASILHAS

Aqui estão representados os resultados referentes à separação dos fragmentos de borda das vasilhas, respeitando os diferentes tratamentos de superfície.

3.4.1 Fragmentos com Tratamento de Superfície Pintado

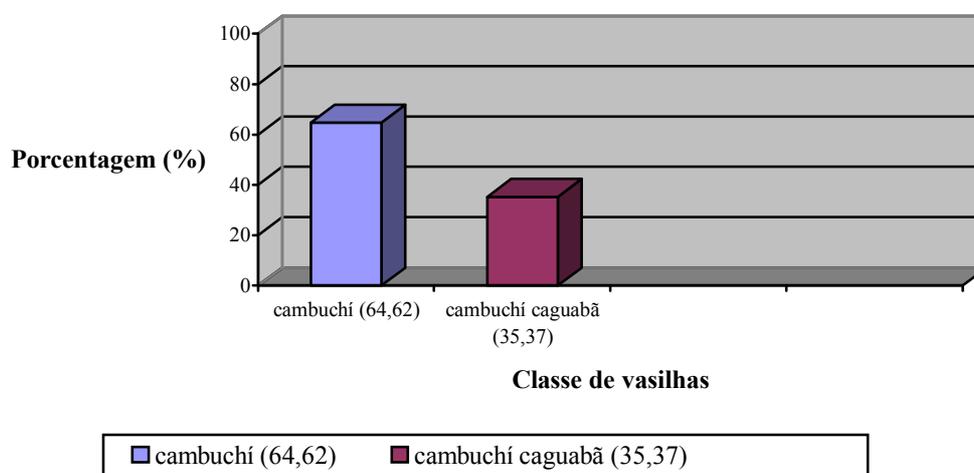
A tabela 7 apresenta os resultados obtidos a partir da análise feita com o objetivo de fazer a separação dos fragmentos de borda pintados por classe de vasilha.

Tabela 7 – fragmentos de borda com tratamento de superfície pintado: separação por classe de vasilha.

Classe de vasilha	Número de fragmentos de borda por classe	% de fragmentos de borda por classe
Cambuchí	782	64,62
Cambuchí caguabã	428	35,37
Total de fragmentos analisados	1.210	100

A tabela 7 representa o número de fragmentos de borda pintados que foram separados por classe de vasilhas, evidenciando duas classes: **cambuchí e cambuchí caguabã**. Os fragmentos de borda passaram por uma análise mais sistemática, pois a partir deles é que podemos trabalhar com as possibilidades de reconstrução gráfica das vasilhas. Possibilitam também que se chegue a uma aproximação mais exata do número de vasilhas presentes no sítio, estabelecendo assim, os resultados para uma possível análise sobre frequência.

Gráfico 7 – Separação dos fragmentos de borda pintados por classe de vasilhas.



O gráfico 7 representa o número de fragmentos de borda pintados que foram separados por classe de vasilhas, evidenciando duas classes: **cambuchí** e **cambuchí caguabã**.

A tabela 8 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classe dos **cambuchís**, de acordo com os diâmetros máximos e mínimos encontrados, separados por uma escala de 5cm.

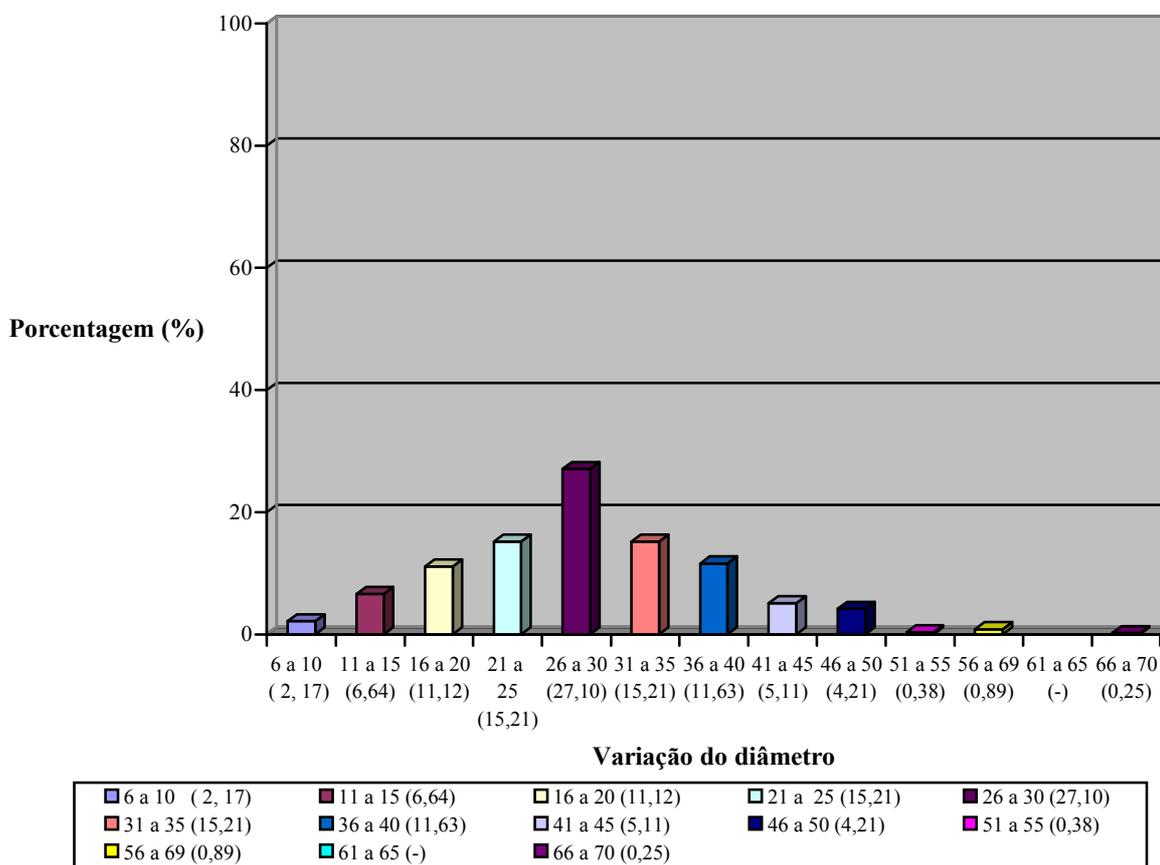
Tabela 8 – separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classe dos **cambuchís**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo.

Diâmetro separado por escala de 5 cm	Número de fragmentos por diâmetro	% de fragmentos por diâmetro
6 – 10	17	2,17
11 – 15	52	6,64
16 – 20	87	11,12
21 – 25	119	15,21
26 – 30	212	27,10
31 – 35	119	15,21
36 – 40	91	11,63
41 – 45	40	5,11

Diâmetro separado por escala de 5 cm	Número de fragmentos por diâmetro	% de fragmentos por diâmetro
46 – 50	33	4,21
51 – 55	3	0,38
55 – 60	7	0,89
61 – 65	-	-
66 – 70	2	0,25
Total de fragmentos analisados	782	100

A tabela 8 apresenta os resultados da separação inicial dos fragmentos de borda com tratamento de superfície pintado, pertencentes à classe dos **cambuchís**, a partir do diâmetro da borda separado por escala de 5 cm.

Gráfico 8 – Separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classe dos **cambuchís**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo.



O gráfico 8 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classe dos **cambuchís**, a partir do diâmetro da borda por escala de 5 cm.

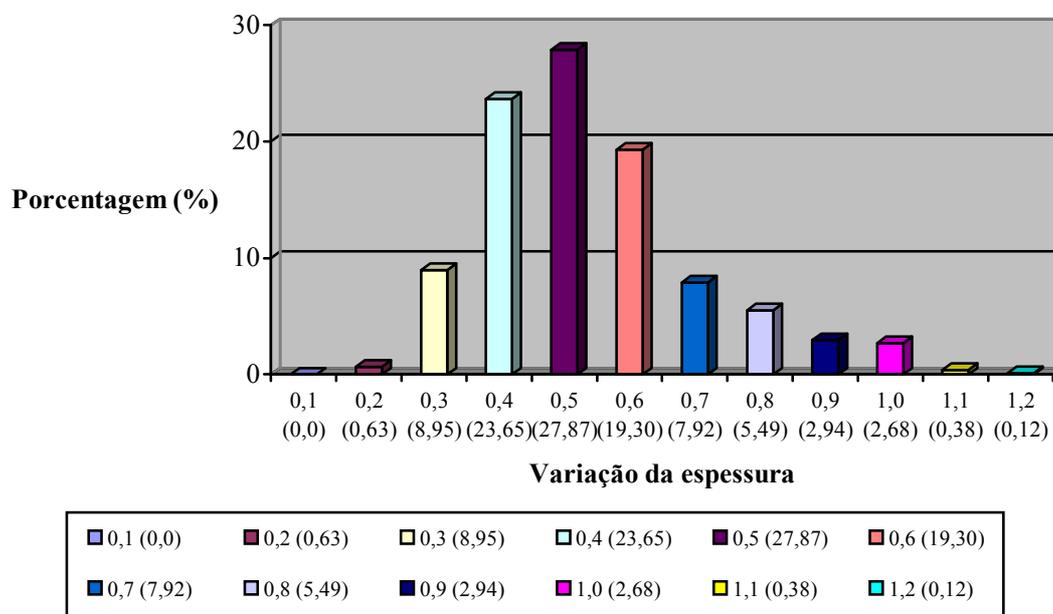
A tabela 9 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classe dos **cambuchís**, de acordo com a espessura mínima e máxima encontrada.

Tabela 9 – separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classe dos **cambuchís**, quanto à espessura mínima e máxima.

Espessura (cm)	Número de fragmentos por espessura	% de fragmentos por espessura
0,1	-	0,0
0,2	5	0,63
0,3	70	8,95
0,4	185	23,65
0,5	218	27,87
0,6	151	19,30
0,7	62	7,92
0,8	43	5,49
0,9	23	2,94
1,0	21	2,68
1,1	3	0,38
1,2	1	0,12
Total de fragmentos analisados	782	100

A tabela 9 apresenta os resultados da separação inicial dos fragmentos de borda com tratamento de superfície pintado, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 1,2 cm, que compreendem as espessuras máximas e mínimas medidas nos fragmentos de borda pintados.

Gráfico 9 – Separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classes dos **cambuchís**, quanto à espessura mínima e máxima da vasilha.



O gráfico 9 apresenta os resultados da separação inicial dos fragmentos de borda com tratamento de superfície pintado, pertencentes à classe dos **cambuchís**, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 1,2 cm, que compreendem as espessuras mínimas e máximas observadas nos fragmentos de borda pintados.

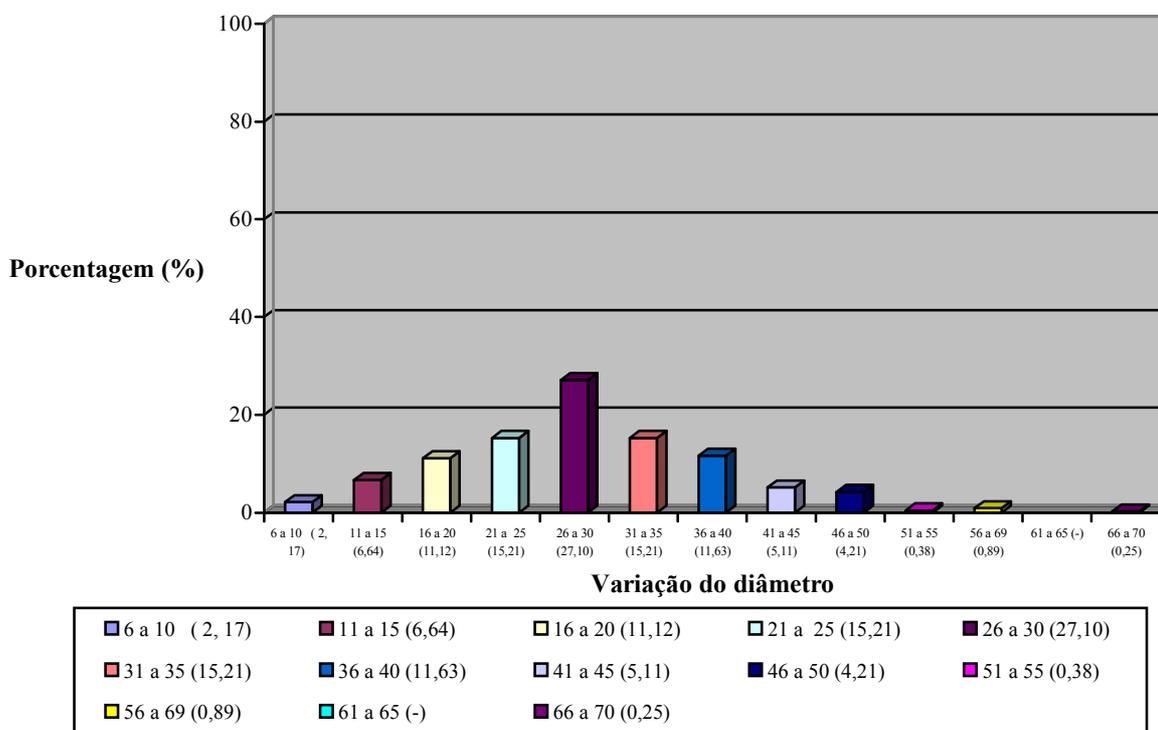
A tabela 10 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classe dos **cambuchís caguabã**, de acordo com o diâmetro máximo e mínimo encontrados, separados por uma escala de 5cm.

Tabela 10 – separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classe dos **cambuchís caguabã**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo.

Diâmetro separado por escala de 5 cm	Número de fragmentos por diâmetro	% de fragmentos por diâmetro
6 – 10	14	3,27
11 – 15	39	9,11
16 – 20	80	18,69
21 – 25	80	18,69
26 – 30	102	23,83
31 – 35	53	12,38
36 – 40	34	7,94
41 – 45	12	2,80
46 – 50	7	1,63
51 – 55	3	0,70
55 – 60	3	0,70
61 – 65	-	-
66 – 70	1	0,23
Total de fragmentos analisados	428	100

A tabela 10 apresenta os resultados da separação inicial dos fragmentos de borda com tratamento de superfície pintado, pertencentes à classe dos **cambuchís caguabã**, a partir do diâmetro da borda separado por escala de 5 cm.

Gráfico 10 – Separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classe dos **cambuchís caguabã**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo da vasilha.



O gráfico 10 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classe dos **cambuchís caguabã**, a partir do diâmetro da borda por escala de 5 cm.

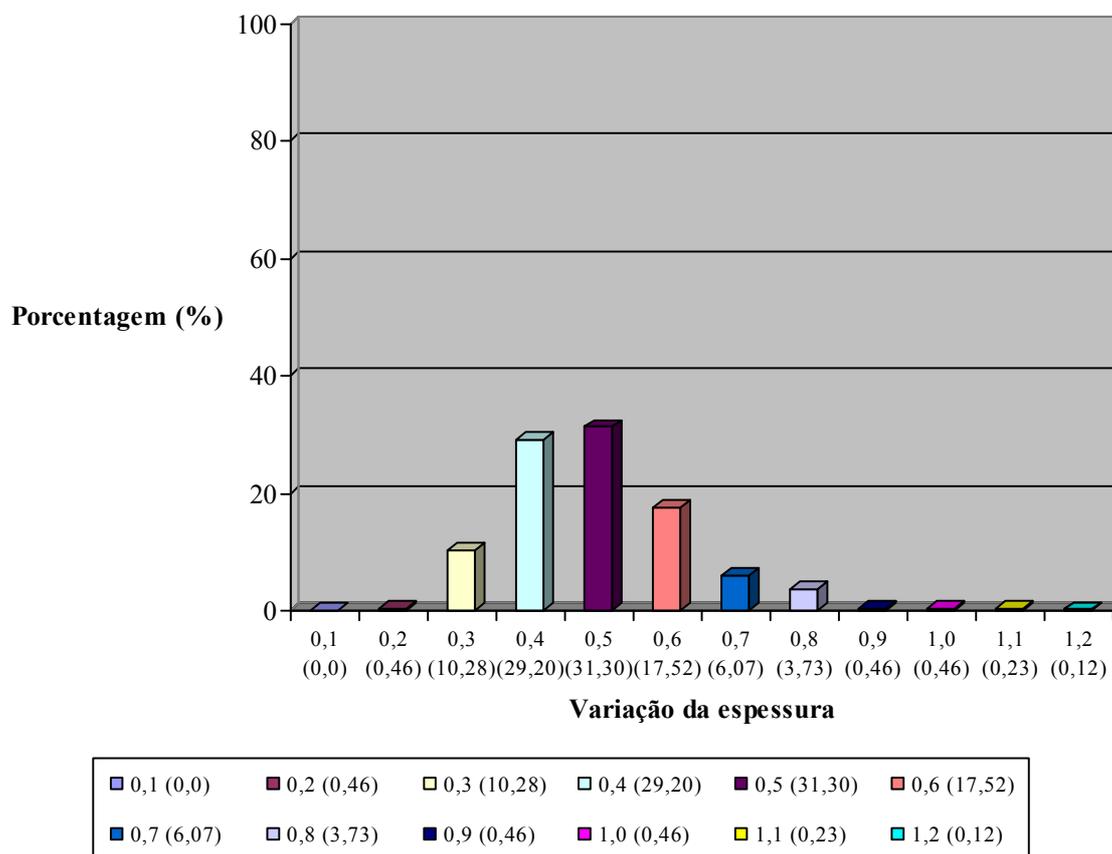
A tabela 11 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classe dos **cambuchís caguabã**, de acordo com a espessura mínima e máxima encontrada.

Tabela 11 – separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classe dos **cambuchís caguabã**, quanto à espessura mínima e máxima.

Espessura (cm)	Número de fragmentos por espessura	% de fragmentos por espessura
0,1	-	0,0
0,2	2	0,46
0,3	44	10,28
0,4	125	29,20
0,5	134	31,30
0,6	75	17,52
0,7	26	6,07
0,8	16	3,73
0,9	2	0,46
1,0	2	0,46
1,1	1	0,23
1,2	1	0,23
Total de fragmentos analisados	428	100

A tabela 11 apresenta os resultados da separação inicial dos fragmentos de borda com tratamento de superfície pintado, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 1,2 cm, que compreendem as espessuras máximas e mínimas medidas nos fragmentos de borda pintados.

Gráfico 11 – Separação dos fragmentos de borda pintados, pertencentes à classe dos **cambuchís caguabã**, quanto à espessura mínima e máxima da vasilha.



O gráfico 11 apresenta os resultados da separação inicial dos fragmentos de borda com tratamento de superfície pintado, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 1,2 cm, que compreendem as espessuras mínimas e máximas observadas nos fragmentos de borda pintados.

Os resultados acima evidenciam a presença de duas classes de vasilhas que apresentam tratamento de superfície pintado: **cambuchí e cambuchí caguabã**. Os fragmentos foram separados de forma que pudessem apontar também a variação no diâmetro e na espessura. Isso se faz necessário para que possamos tentar estabelecer a variação encontrada no tamanho das vasilhas da mesma classe, bem

como a quantidade de fragmentos encontrados nas diferentes proporções. Esses resultados serão importantes que poderemos estabelecer a frequência com que cada classe aparece no sítio.

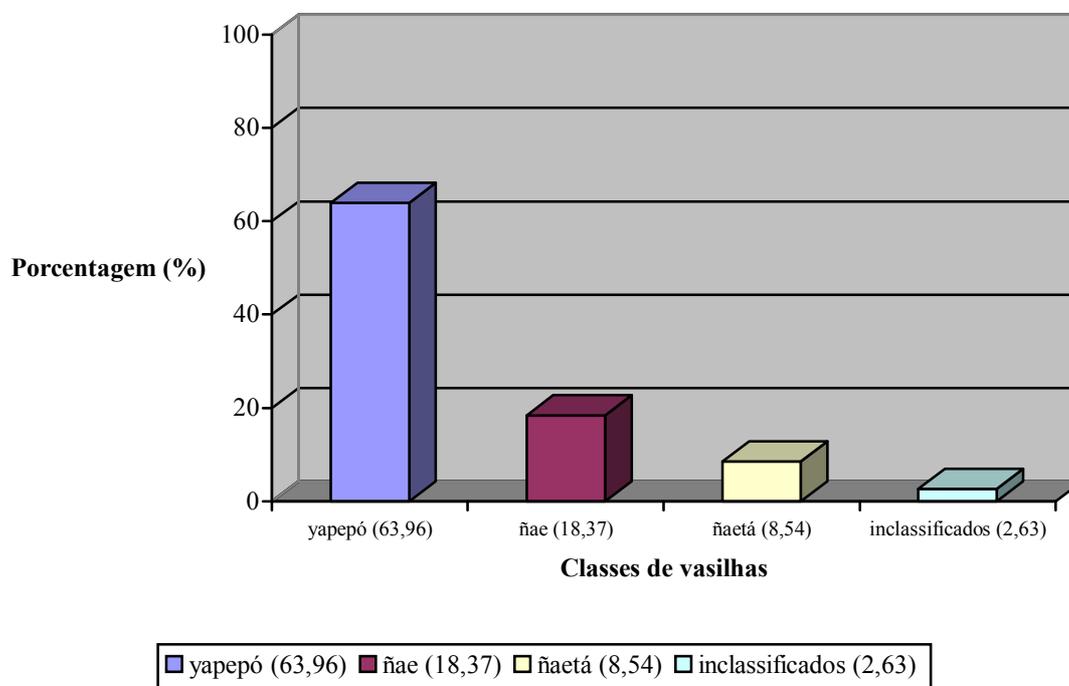
3.4.2 Fragmentos com Tratamento de Superfície Corrugado

Tabela 12 – fragmentos de borda com tratamento de superfície corrugado: separação por classe de vasilha.

Classe de vasilha	Número de fragmentos de borda por classe	% de fragmentos de borda por classe
Yapepó	898	68,39
Ñãe	258	19,64
Ñaetá	120	9,13
Inclassificados	37	2,81
Total de fragmentos analisados	1.313	100

A tabela 12 apresenta o número de fragmentos de borda corrugados que foram separados por classe de vasilhas, evidenciando três classes: **yapepó, ñãe e ñaetá**. Os fragmentos de borda passaram por uma análise mais sistemática, pois a partir deles é que podemos trabalhar com as possibilidades de reconstrução gráfica das vasilhas. Possibilitam também que se chegue a uma aproximação mais exata do número de vasilhas presentes no sítio, estabelecendo assim, os resultados para uma possível análise sobre frequência.

Gráfico 12 – Separação dos fragmentos de borda corrugados por classe de vasilhas.



O gráfico 12 trás os resultados referentes à separação dos fragmentos de borda corrugados por classe de vasilhas. Esses resultados são referentes à segunda etapa da análise, que consiste em uma separação dos fragmentos de acordo com a classe a que pertencem.

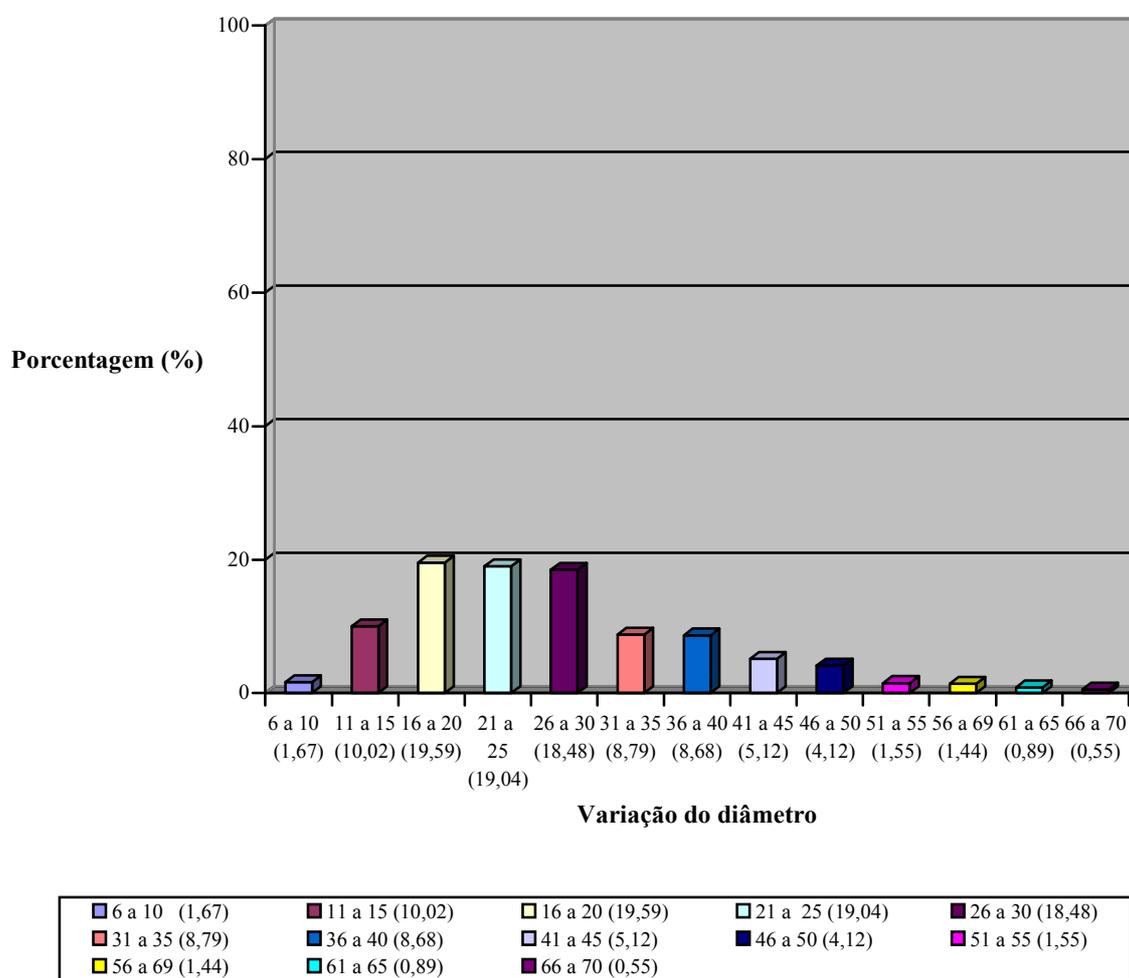
A tabela 13 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **yapepós**, de acordo com o diâmetro máximo e mínimo encontrado, separados por uma escala de 5cm.

Tabela 13 – separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **yapepós**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo.

Diâmetro separado por escala de 5 cm	Número de fragmentos por diâmetro	% de fragmentos por diâmetro
6 – 10	15	1,67
11 – 15	90	10,02
16 – 20	176	19,59
21 – 25	171	19,04
26 – 30	166	18,48
31 – 35	79	8,79
36 – 40	78	8,68
41 – 45	46	5,12
46 – 50	37	4,12
51 – 55	14	1,55
55 – 60	13	1,44
61 – 65	8	0,89
66 – 70	5	0,55
Total de fragmentos analisados	898	100

A tabela 13 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície corrugado, pertencentes à classe dos **yapepós**, a partir do diâmetro da borda separado por escala de 5 cm.

Gráfico 13 – Separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **yapepós**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo da vasilha.



O gráfico 13 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície corrugado, pertencentes à classe dos **yapepós**, a partir do diâmetro da borda por escala de 5 cm.

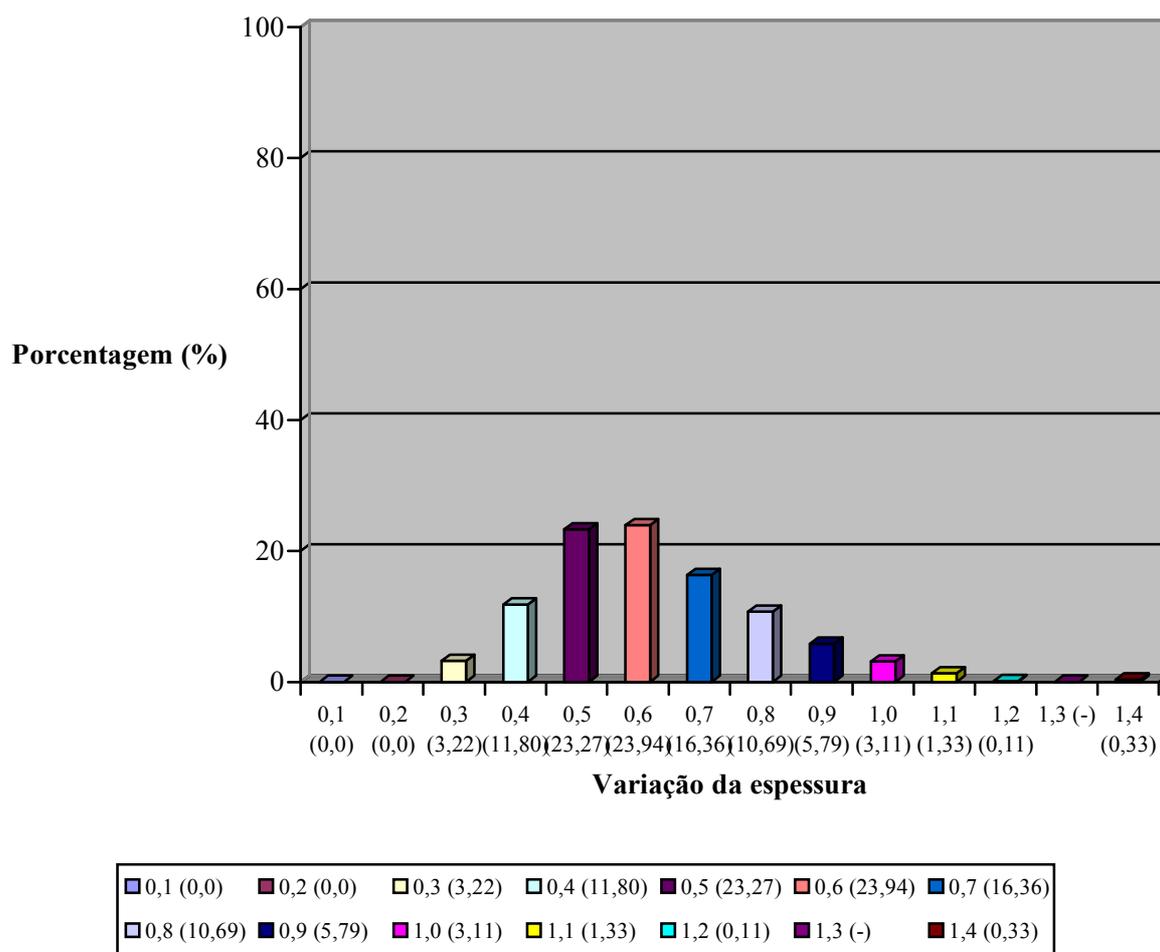
A tabela 14 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **yapepós**, de acordo com a espessura mínima e máxima encontrada.

Tabela 14 – separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **yapepós**, quanto à espessura mínima e máxima.

Espessura (cm)	Número de fragmentos por espessura	% de fragmentos por espessura
0,1	-	0,0
0,2	-	0,0
0,3	29	3,22
0,4	106	11,80
0,5	209	23,27
0,6	215	23,94
0,7	147	16,36
0,8	96	10,69
0,9	52	5,79
1,0	28	3,11
1,1	12	1,33
1,2	1	0,11
1,3	-	0,0
1,4	3	0,33
Total de fragmentos analisados	428	100

A tabela 14 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície corrugado, pertencentes a classe dos **yapepós**, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 1,4 cm, que compreendem as espessuras máximas e mínimas medidas nos fragmentos de borda pintados. Assim como o diâmetro, isso nos ajudará a inferir possibilidades de uso para vasilhas de tamanhos diferenciados que se enquadrem na mesma classe.

Gráfico 14 – Separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **yapepós**, quanto à espessura mínima e máxima da vasilha.



O gráfico 14 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície corrugado, pertencentes a classe dos **yapepós**, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 1,4 cm, que compreendem as espessuras mínimas e máximas observadas nos fragmentos de borda corrugados.

A tabela 15 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **ñaes**, de

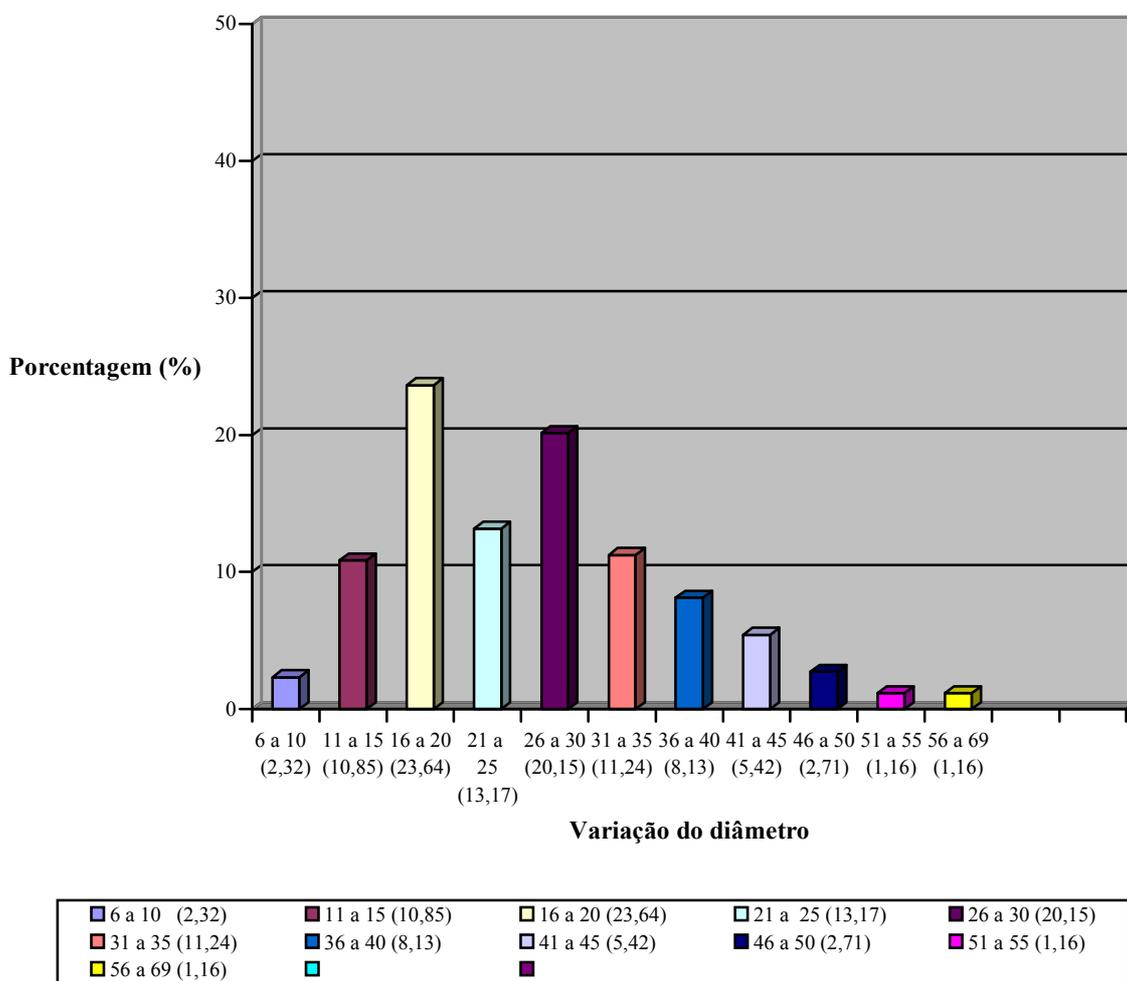
acordo com o diâmetro máximo e mínimo encontrado, separados por uma escala de 5cm.

Tabela 15 – separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **ñaes**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo.

Diâmetro separado por escala de 5 cm	Número de fragmentos por diâmetro	% de fragmentos por diâmetro
6 – 10	6	2,32
11 – 15	28	10,85
16 – 20	61	23,64
21 – 25	34	13,17
26 – 30	52	20,15
31 – 35	29	11,24
36 – 40	21	8,13
41 – 45	14	5,42
46 – 50	7	2,71
51 – 55	3	1,16
55 – 60	3	1,16
61 – 65	-	0,0
66 – 70	-	0,0
Total de fragmentos analisados	258	100

A tabela 15 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície corrugado, pertencentes à classe dos **ñaes**, a partir do diâmetro da borda separado por escala de 5 cm. Isso nos ajudará, futuramente, a inferir possibilidades de uso para vasilhas de tamanhos diferenciados que se enquadrem na mesma classe.

Gráfico 15 – Separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **ñaes**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo da vasilha.



O gráfico 15 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície corrugado, a partir do diâmetro da borda por escala de 5 cm.

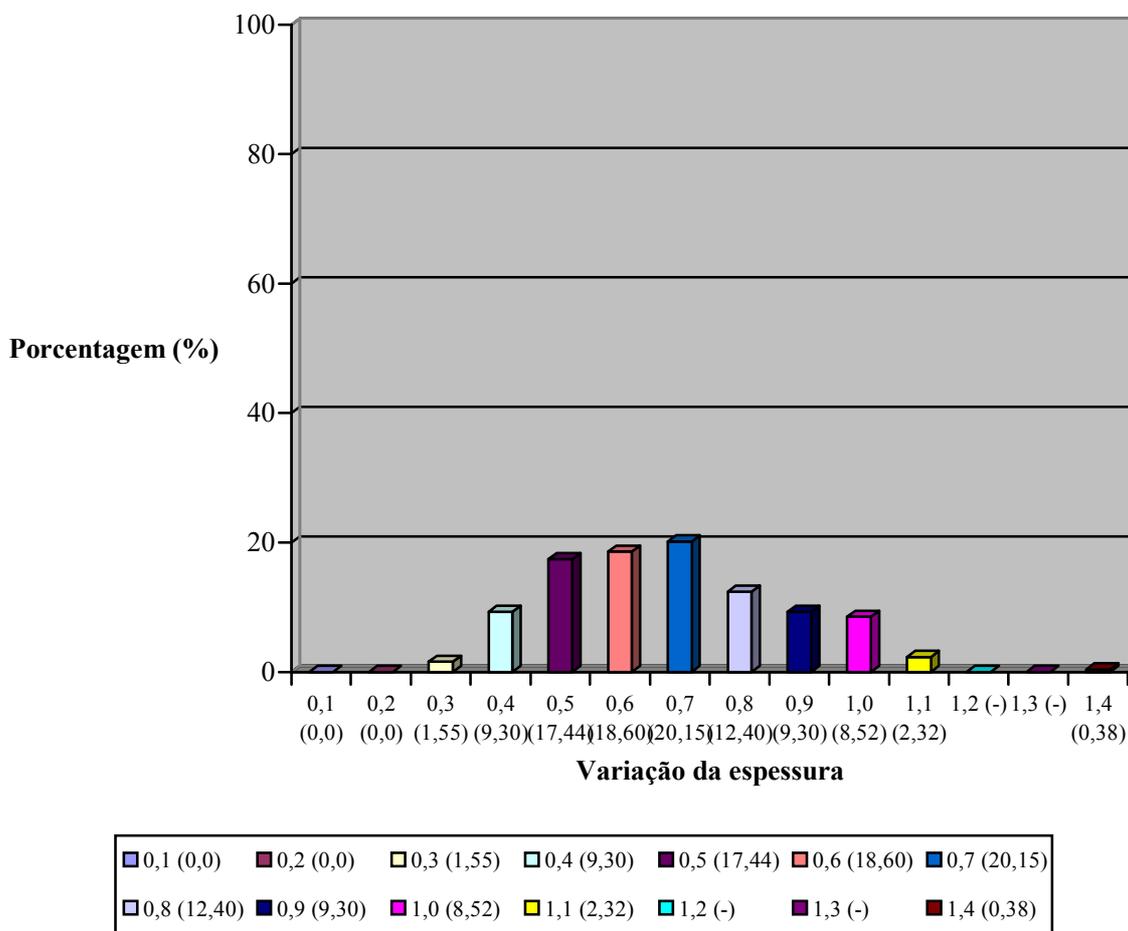
A tabela 16 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **ñaes**, de acordo com a espessura mínima e máxima encontrada.

Tabela 16 – separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **ñaes**, quanto à espessura mínima e máxima.

Espessura (cm)	Número de fragmentos por espessura	% de fragmentos por espessura
0,1	-	0,0
0,2	-	0,0
0,3	4	1,55
0,4	24	9,30
0,5	45	17,44
0,6	48	18,60
0,7	52	20,15
0,8	32	12,40
0,9	24	9,30
1,0	22	8,52
1,1	6	2,32
1,2	-	0,0
1,3	-	0,0
1,4	1	0,38
Total de fragmentos analisados	258	100

A tabela 16 apresenta os resultados da separação inicial dos fragmentos de borda com tratamento de superfície corrugado, pertencentes a classe dos **ñaes**, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 1,4 cm, que compreendem as espessuras máximas e mínimas medidas nos fragmentos de borda pintados. Assim como o diâmetro, isso nos ajudará a inferir possibilidades de uso para vasilhas de tamanhos diferenciados que se enquadrem na mesma classe.

Gráfico 16 – Separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **ñaes**, quanto à espessura mínima e máxima da vasilha.



O gráfico 16 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície corrugado, pertencentes a classe dos **ñaes**, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 1,4 cm, que compreendem as espessuras mínimas e máximas observadas nos fragmentos de borda corrugados.

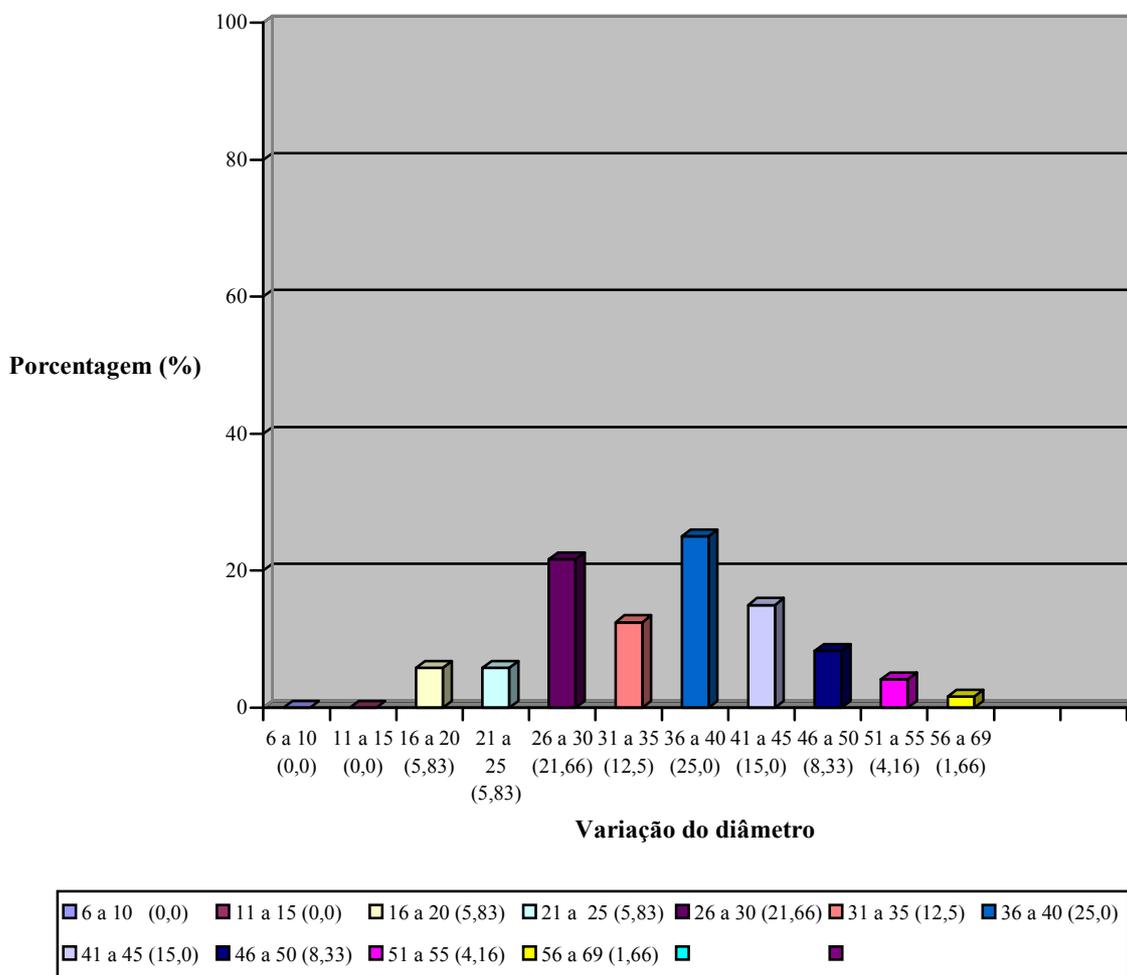
A tabela 17 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **ñactás**, de acordo com o diâmetro máximo e mínimo encontrado, separados por uma escala de 5cm.

Tabela 17 – separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **ñactás**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo.

Diâmetro separado por escala de 5 cm	Número de fragmentos por diâmetro	% de fragmentos por diâmetro
6 – 10	0	0,0
11 – 15	0	0,0
16 – 20	7	5,83
21 – 25	7	5,83
26 – 30	26	21,66
31 – 35	15	12,5
36 – 40	30	25,0
41 – 45	18	15,0
46 – 50	10	8,33
51 – 55	5	4,16
55 – 60	2	1,66
61 – 65	-	0,0
66 – 70	-	0,0
Total de fragmentos analisados	120	100

A tabela 17 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície corrugado, pertencentes à classe dos **ñactás**, a partir do diâmetro da borda separado por escala de 5 cm. Isso nos ajudará a inferir possibilidades de uso para vasilhas de tamanhos diferenciados que se enquadrem na mesma classe.

Gráfico 17 – Separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **ñactás**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo da vasilha.



O gráfico 17 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície corrugado, a partir do diâmetro da borda por escala de 5 cm.

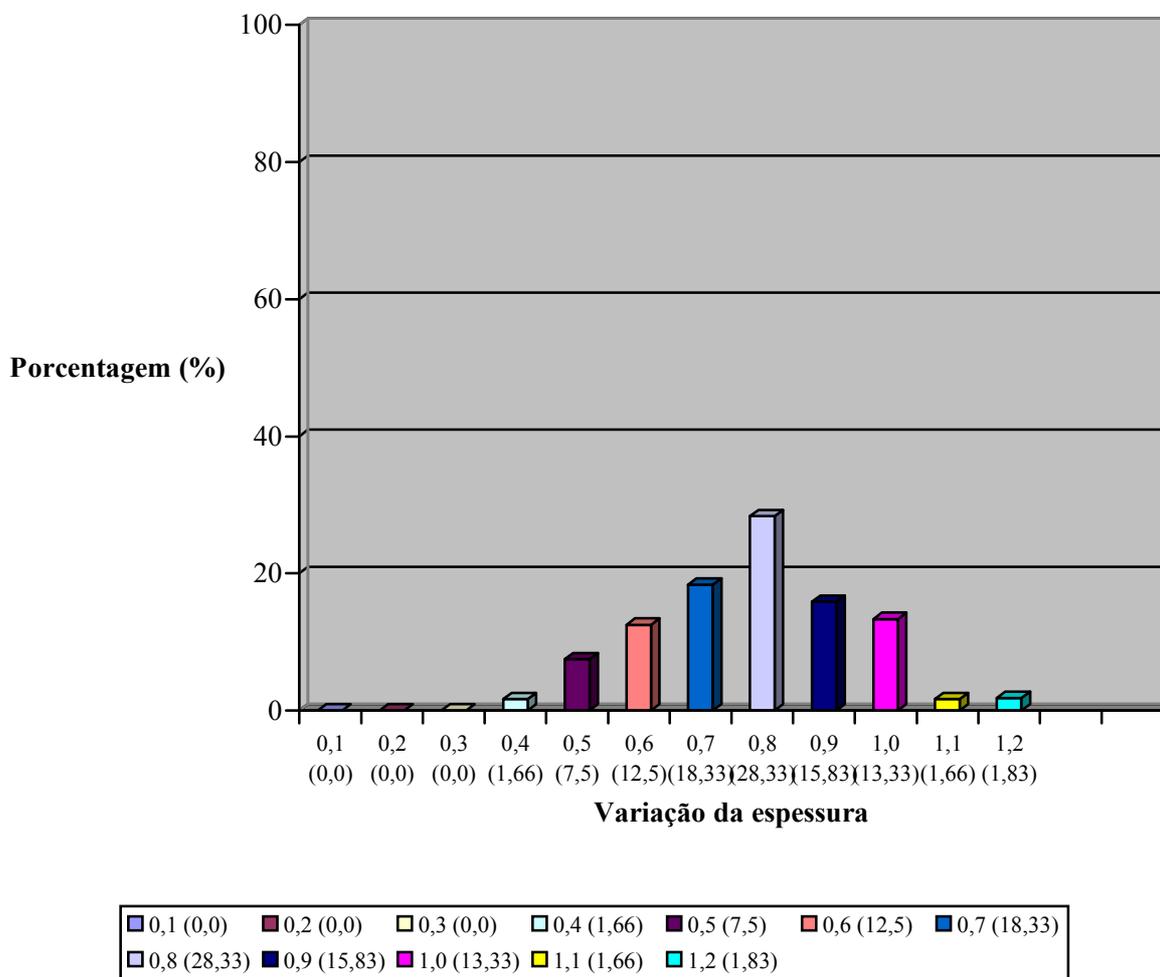
A tabela 18 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **ñactás**, de acordo com a espessura mínima e máxima encontrada.

Tabela 18 – separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **ñactás**, quanto à espessura mínima e máxima.

Espessura (cm)	Número de fragmentos por espessura	% de fragmentos por espessura
0,1	-	0,0
0,2	-	0,0
0,3	-	0,0
0,4	2	1,66
0,5	9	7,5
0,6	15	12,5
0,7	22	18,33
0,8	34	28,33
0,9	19	15,83
1,0	16	13,33
1,1	2	1,66
1,2	1	0,83
Total de fragmentos analisados	120	100

A tabela 18 apresenta os resultados da separação inicial dos fragmentos de borda com tratamento de superfície corrugado, pertencentes a classe dos **ñactás**, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 1,4 cm, que compreendem as espessuras máximas e mínimas medidas nos fragmentos de borda pintados. Assim como o diâmetro, isso nos ajudará, futuramente, a inferir possibilidades de uso para vasilhas de tamanhos diferenciados que se enquadrem na mesma classe.

Gráfico 18 – Separação dos fragmentos de borda corrugados, pertencentes à classe dos **ñaetás**, quanto à espessura mínima e máxima da vasilha.



O gráfico 18 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície corrugado, pertencentes a classe dos **ñaetás**, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 1,2 cm, que compreendem as espessuras mínimas e máximas observadas nos fragmentos de borda corrugados.

Os resultados acima evidenciam a presença de três classes de vasilhas que apresentam tratamento de superfície corrugado: **yapepó**, **ñae** e **ñaetá**. Assim como os fragmentos com tratamento de superfície pintado, foram separados de forma que pudessem apontar também a variação no diâmetro e na espessura. Isso se faz

necessário para que possamos tentar estabelecer a variação encontrada no tamanho das vasilhas da mesma classe, bem como a quantidade de fragmentos encontrados nas diferentes proporções. Esses resultados serão importantes que poderemos estabelecer a frequência com que cada classe aparece no sítio. Os fragmentos de borda corrugados que não puderam ser separados por classe de vasilhas não tiveram seus resultados expressos graficamente, por considerarmos desnecessário esse recurso para essa categoria.

3.4.3 Fragmentos com Tratamento de Superfície Ungulado

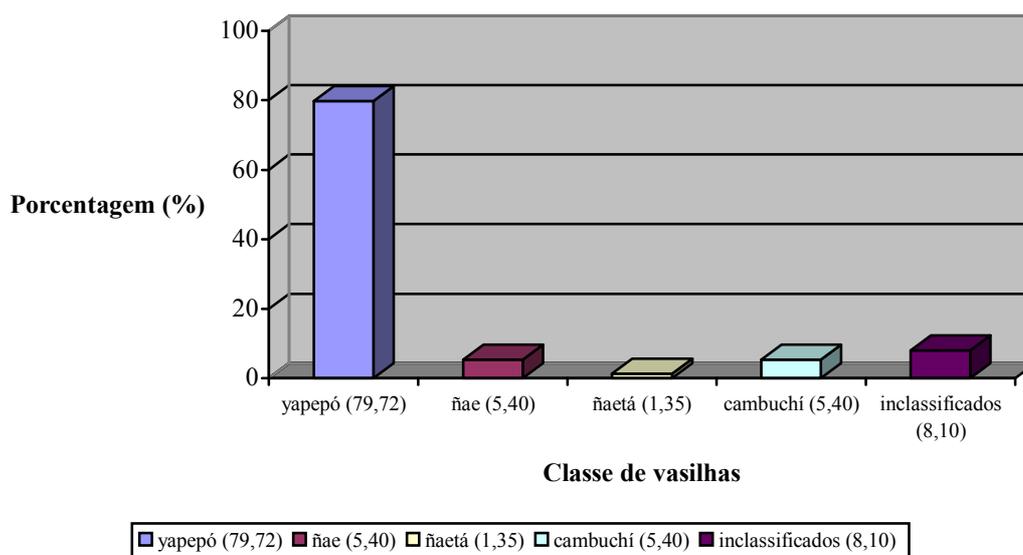
Tabela 19 – fragmentos de borda com tratamento de superfície unglado: separação por classe de vasilha.

Classe de vasilha	Número de fragmentos de borda por classe	% de fragmentos de borda por classe
Yapepó	118	79,72
Ñae	8	5,40
Ñaetá	2	1,35
Cambuchí	8	5,40
Inclassificados	12	8,10
Total de fragmentos analisados	148	100

A tabela 19 apresenta o número de fragmentos de borda unglados que foram separados por classe de vasilhas, evidenciando quatro classes: **yapepó**, **ñae**, **ñaetá** e **cambuchí**. Os fragmentos de borda passaram por uma análise mais sistemática, pois a partir deles é que podemos trabalhar com as possibilidades de reconstrução gráfica

das vasilhas. Possibilitam também que se chegue a uma aproximação mais exata do número de vasilhas presentes no sítio, estabelecendo assim, os resultados para uma possível análise sobre frequência.

Gráfico 19 – Separação dos fragmentos unglados por classe de vasilhas.



O gráfico 19 trás os resultados referentes à separação dos fragmentos de borda unglados por classe de vasilhas. Esses resultados são referentes à segunda etapa da análise, que consiste em uma separação dos fragmentos de acordo com a classe a que pertencem. Essa separação possibilitou que encontrássemos quatro das seis classes gerais de vasilhas evidenciadas por José P. Brochado e Gislene Monticelli.

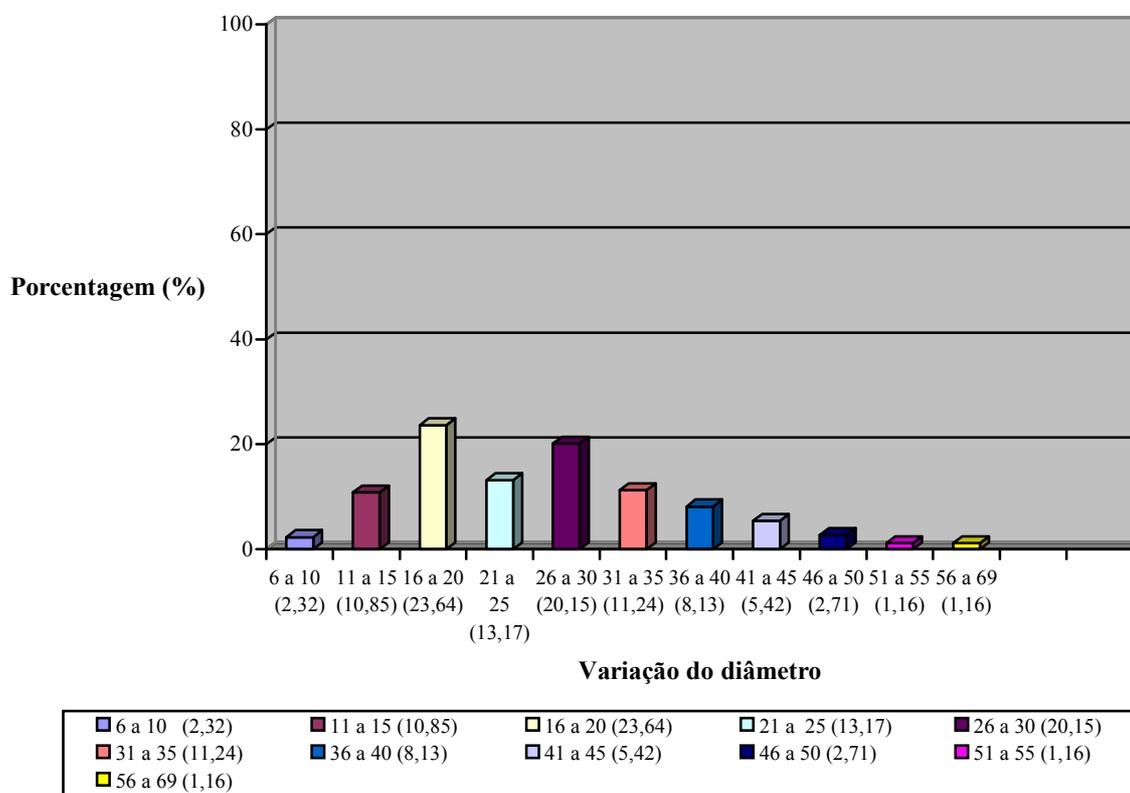
A tabela 20 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda unglados, pertencentes à classe dos **yapepós**, de acordo com o diâmetro máximo e mínimo encontrado, separados por uma escala de 5cm.

Tabela 20 – separação dos fragmentos de borda ungulados, pertencentes à classe dos **yapepós**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo.

Diâmetro separado por escala de 5 cm	Número de fragmentos por diâmetro	% de fragmentos por diâmetro
6 – 10	24	20,33
11 – 15	42	35,59
16 – 20	28	23,72
21 – 25	13	11,01
26 – 30	5	4,23
31 – 35	-	0,0
36 – 40	3	2,54
41 – 45	1	0,84
46 – 50	2	1,69
Total de fragmentos analisados	118	100

A tabela 20 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície ungulado, pertencentes à classe dos **yapepós**, a partir do diâmetro da borda separado por escala de 5 cm. Isso nos ajudará a inferir possibilidades de uso para vasilhas de tamanhos diferenciados que se enquadrem na mesma classe.

Gráfico 20 – Separação dos fragmentos de borda unglados, pertencentes à classe dos **yapepós**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo da vasilha.



O gráfico 20 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície unglado, a partir do diâmetro da borda por escala de 5 cm.

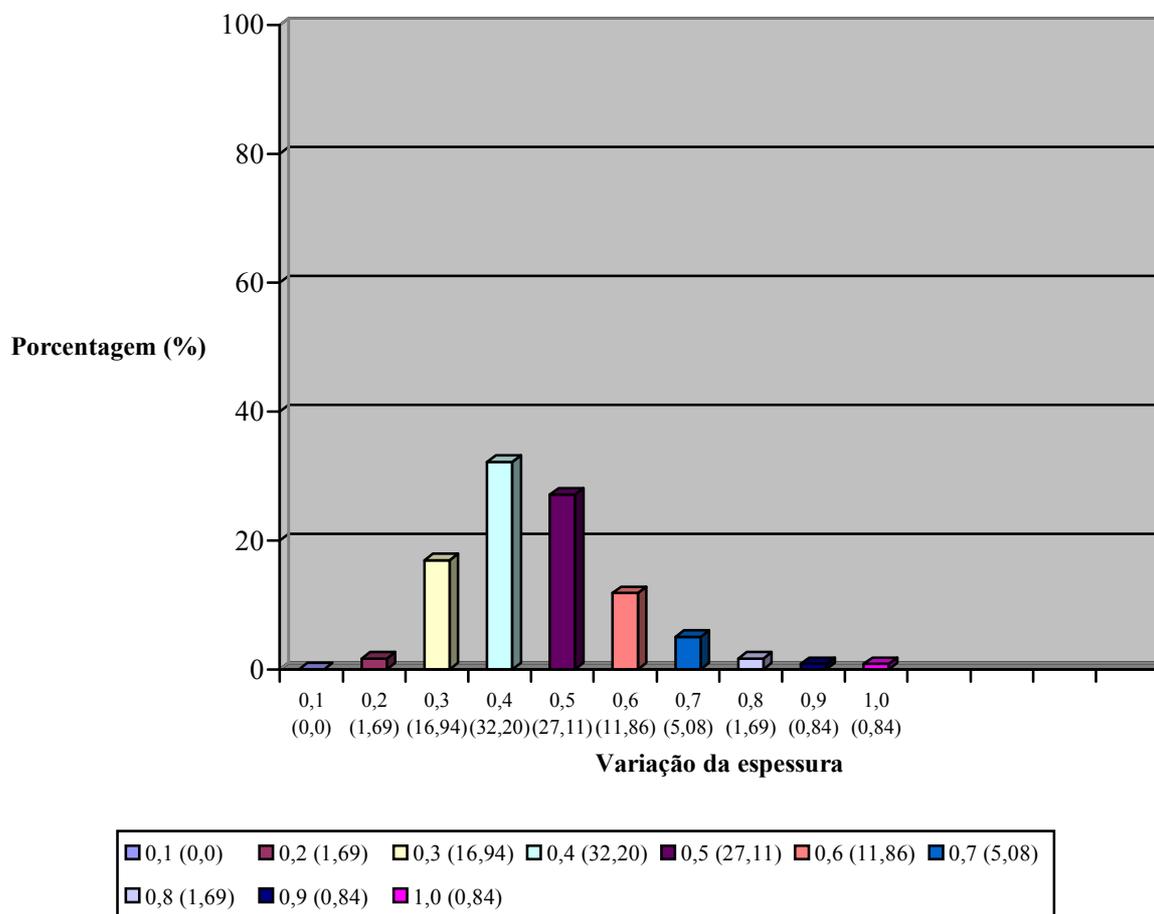
A tabela 21 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda unglados, pertencentes à classe dos **yapepós**, de acordo com a espessura mínima e máxima encontrada.

Tabela 21 – separação dos fragmentos de borda ungulados, pertencentes à classe dos **yapepós**, quanto à espessura mínima e máxima.

Espessura (cm)	Número de fragmentos por espessura	% de fragmentos por espessura
0,1	-	0,0
0,2	2	1,69
0,3	20	16,94
0,4	38	32,20
0,5	32	27,11
0,6	14	11,86
0,7	6	5,08
0,8	2	1,69
0,9	1	0,84
1,0	1	0,84
Total de fragmentos analisados	120	100

A tabela 21 apresenta os resultados da separação inicial dos fragmentos de borda com tratamento de superfície ungulado, pertencentes a classe dos **yapepós**, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 1,0 cm, que compreendem as espessuras máximas e mínimas apresentadas por esses fragmentos. Assim como o diâmetro, isso nos ajudará, futuramente, a inferir possibilidades de uso para vasilhas de tamanhos diferenciados que se enquadrem na mesma classe.

Gráfico 21- Separação dos fragmentos de borda unglados, pertencentes à classe dos **yapepós**, quanto à espessura mínima e máxima da vasilha.



O gráfico 21 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície unglado, pertencente à classe dos **yapepós**, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 1,0 cm, que compreendem as espessuras mínimas e máximas observadas nos fragmentos de borda corrugados.

Os resultados acima evidenciam a presença de quatro classes de vasilhas que apresentam tratamento de superfície unglado: **yapepó**, **ñae**, **ñaetá** e **cambuchí**. Assim como os fragmentos com tratamento de superfície pintado e corrugado, foram separados de forma que pudessem apontar também a variação no diâmetro e na espessura. Esses resultados serão importantes que poderemos estabelecer a frequência

com que cada classe aparece no sítio. Os fragmentos de borda unglados pertencentes à classe dos **ñaes**, **ñaetás**, **cambuchís** e os que não puderam ser separados por classe de vasilhas não tiveram seus resultados expressos graficamente, por considerarmos desnecessário esse recurso para essas categorias, uma vez que as quantidades encontradas não apresentam expressão significativa quando comparadas aos **yapepós**.

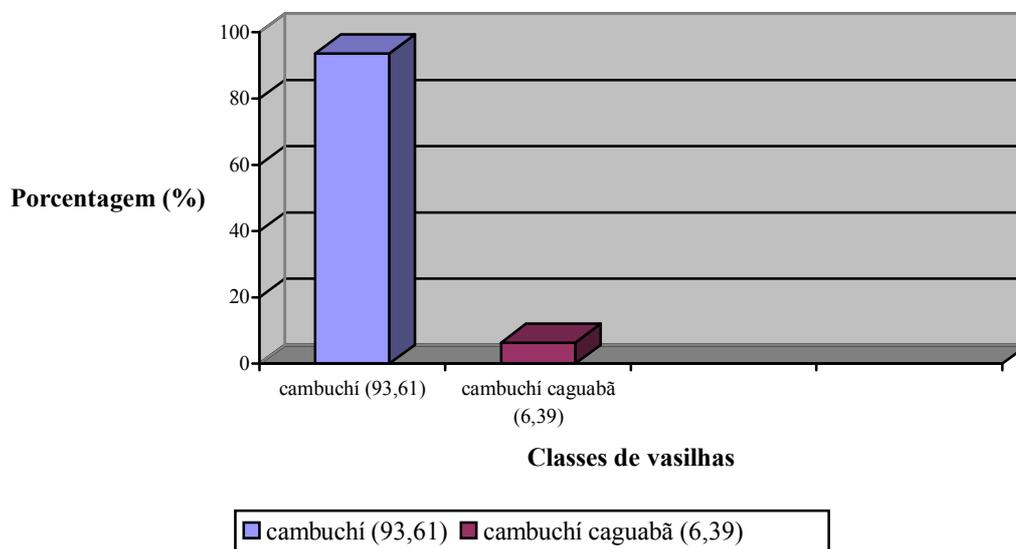
3.4.4 Fragmentos com Tratamento de Superfície Liso

Tabela 22 – fragmentos de borda com tratamento de superfície liso: separação por classe de vasilha.

Classe de vasilha	Número de fragmentos de borda por classe	% de fragmentos de borda por classe
Cambuchí	44	93,61
Cambuchí caguabã	3	6,38
Total de fragmentos analisados	47	100

A tabela 22 apresenta o número de fragmentos de borda lisos que foram separados por classe de vasilhas, evidenciando duas classes: **cambuchí e cambuchí caguabã**. Os fragmentos de borda passaram por uma análise mais sistemática, pois a partir deles é que podemos trabalhar com as possibilidades de reconstrução gráfica das vasilhas. Possibilitam também que se chegue a uma aproximação mais exata do número de vasilhas presentes no sítio, estabelecendo assim, os resultados para uma possível análise sobre frequência.

Gráfico 22 – Separação dos fragmentos de borda lisos por classe de vasilhas.



O gráfico 22 trás os resultados referentes à separação dos fragmentos de borda lisos por classe de vasilhas. Esses resultados são referentes à segunda etapa da análise, que consiste em uma separação dos fragmentos de acordo com a classe a que pertencem. Essa separação possibilitou que encontrássemos cinco das seis classes gerais de vasilhas evidenciadas por José P. Brochado e Gislene Monticelli.

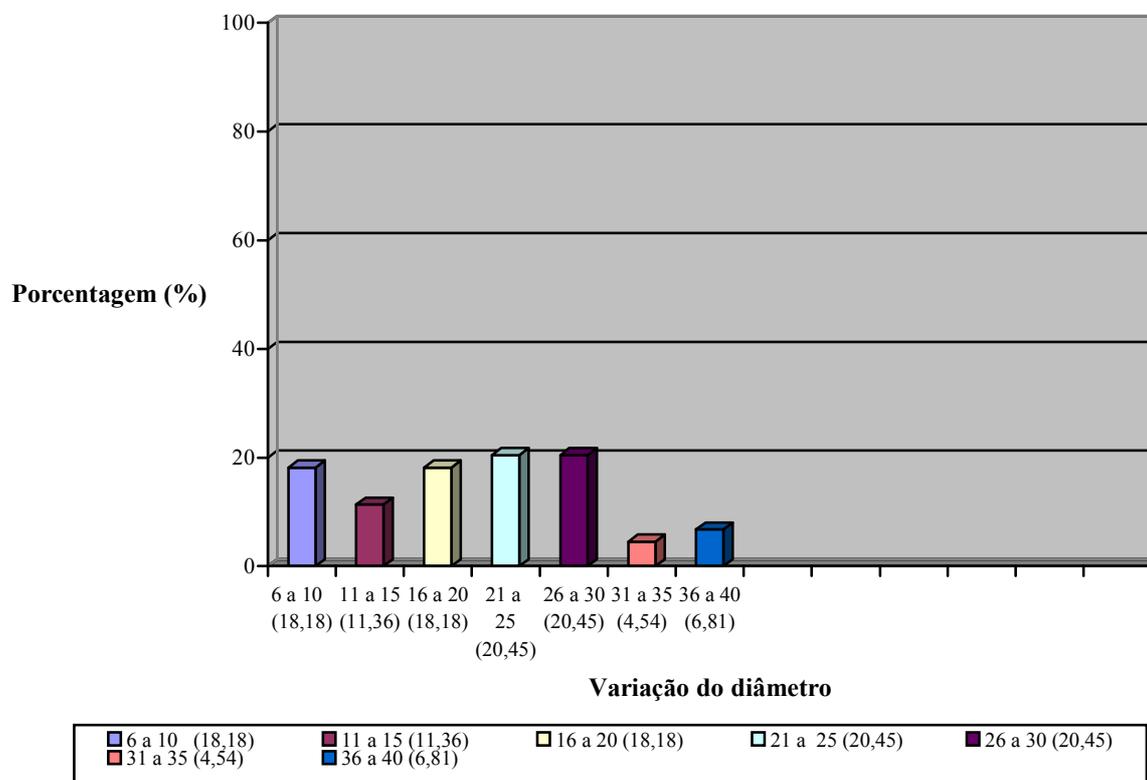
A tabela 23 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda lisos, pertencentes à classe dos **cambuchís**, de acordo com os diâmetros máximos e mínimos encontrado, separados por uma escala de 5cm.

Tabela 23 – separação dos fragmentos de borda lisos, pertencentes à classe dos **cambuchís**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo.

Diâmetro separado por escala de 5 cm	Número de fragmentos por diâmetro	% de fragmentos por diâmetro
6 – 10	8	18,18
11 – 15	5	11,36
16 – 20	8	18,18
21 – 25	9	20,45
26 – 30	9	20,45
31 – 35	2	4,54
36 – 40	3	6,81
Total de fragmentos analisados	44	100

A tabela 23 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície liso, pertencentes à classe dos **cambuchís**, a partir do diâmetro da borda separado por escala de 5 cm. Isso nos ajudará a inferir possibilidades de uso para vasilhas de tamanhos diferenciados que se enquadrem na mesma classe.

Gráfico 23 – Separação dos fragmentos de borda lisos, pertencentes à classe dos **cambuchís**, quanto ao diâmetro mínimo e máximo da vasilha.



O gráfico 23 apresenta os resultados da separação dos fragmentos de borda com tratamento de superfície liso, a partir do diâmetro da borda por escala de 5 cm.

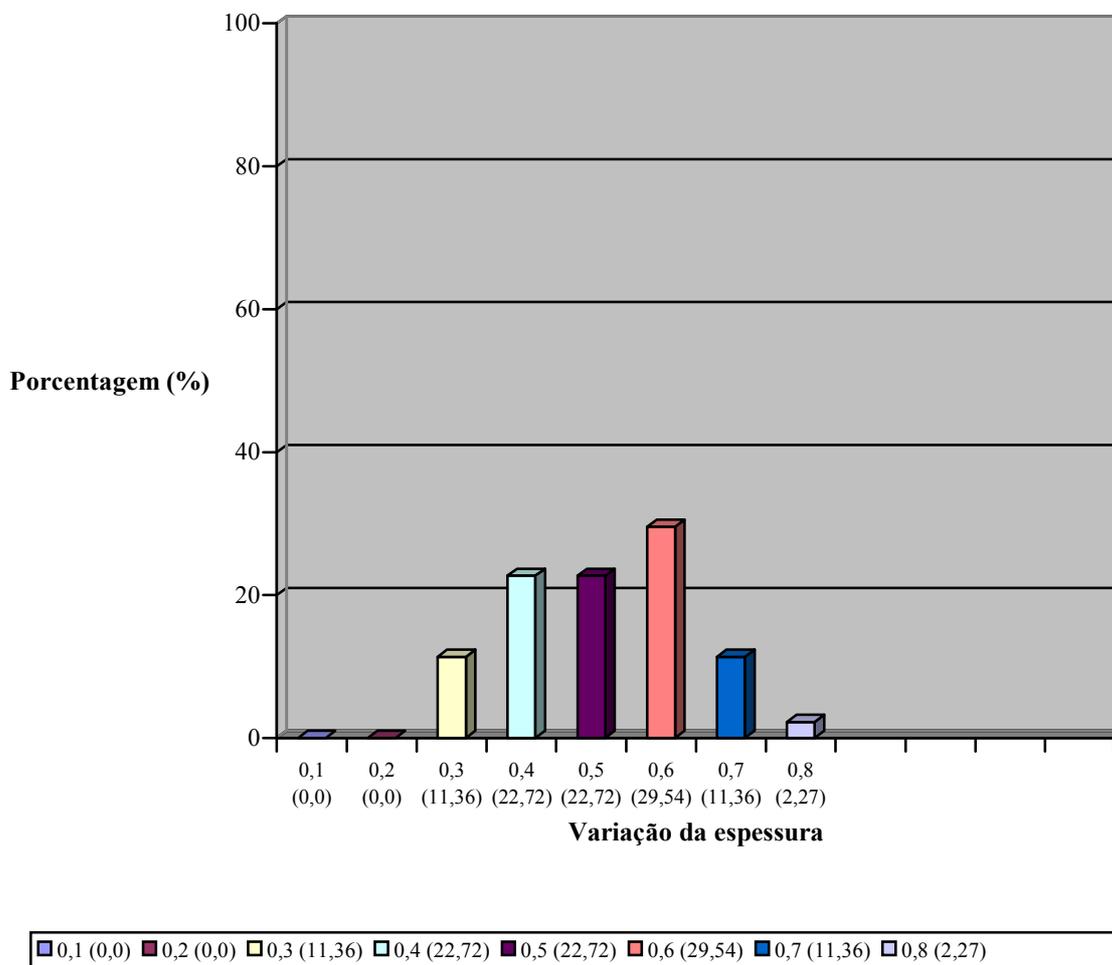
A tabela 24 apresenta os resultados obtidos com a análise que objetivava a separação dos fragmentos de borda lisos, pertencentes à classe dos **cambuchís**, de acordo com a espessura mínima e máxima encontrada.

Tabela 24 – separação dos fragmentos de borda lisos, pertencentes à classe dos **cambuchís**, quanto à espessura mínima e máxima.

Espessura (cm)	Número de fragmentos por espessura	% de fragmentos por espessura
0,1	-	0,0
0,2	-	0,0
0,3	5	11,36
0,4	10	22,72
0,5	10	22,72
0,6	13	29,54
0,7	5	11,36
0,8	1	2,27
Total de fragmentos analisados	44	100

A tabela 24 apresenta os resultados da separação inicial dos fragmentos de borda com tratamento de superfície liso, pertencentes a classe dos **cambuchís**, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 0,8 cm, que compreendem as espessuras máximas e mínimas medidas nos fragmentos de borda lisos. Assim como o diâmetro, isso nos ajudará a inferir possibilidades de uso para vasilhas de tamanhos diferenciados que se enquadrem na mesma classe.

Gráfico 24 – Separação dos fragmentos de borda lisos, pertencentes à classe dos **cambuchís**, quanto à espessura mínima é máxima da vasilha.



O gráfico 24 apresenta os resultados da separação inicial dos fragmentos de borda com tratamento de superfície liso, a partir da espessura da borda separada por uma variação de 0,1 a 0,8 cm, que compreendem as espessuras mínimas e máximas observadas nos fragmentos de borda liso.

Os resultados evidenciam a presença de duas classes de vasilhas que apresentam tratamento de superfície liso: **cambuchí** e **cambuchí caguabã**. Assim como os fragmentos com tratamento de superfície pintado, corrugado e unglado,

foram separados de forma que pudessem apontar também a variação no diâmetro e na espessura. Esses resultados serão igualmente importantes que poderemos estabelecer a frequência com que cada classe aparece no sítio. Os fragmentos de borda lisos pertencentes à classe dos **cambuchí caguabã** não foram expressos graficamente, pois consideramos sua ocorrência pouco significativa se comparada à quantidade total de fragmentos de cambuchí com tratamento de superfície liso.

3.4.5 Fragmentos com Tratamento de Superfície Escovado

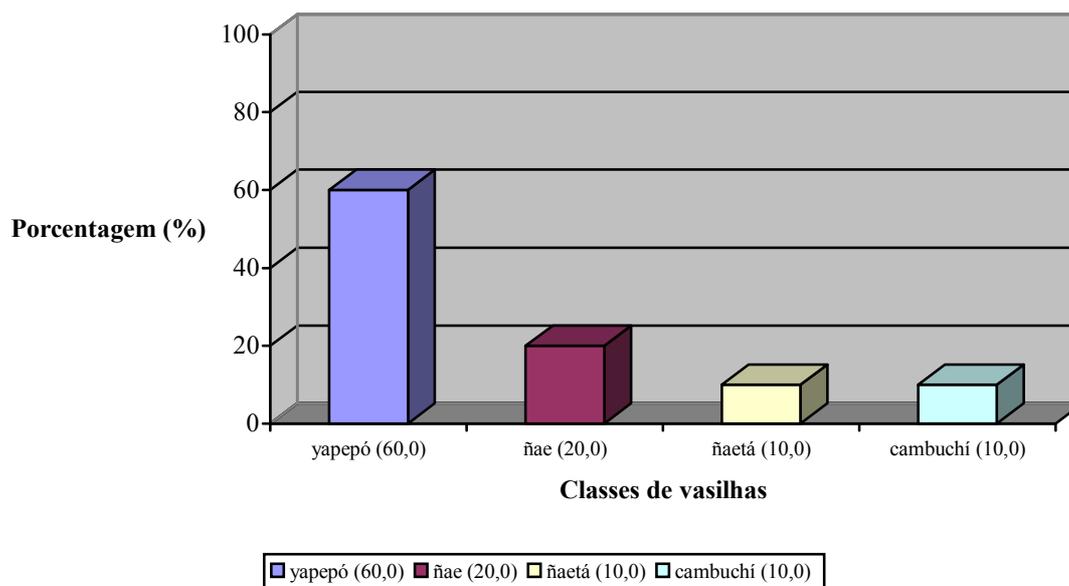
Tabela 25 – fragmentos de borda com tratamento de superfície escovado: separação por classe de vasilha.

Classe de vasilha	Número de fragmentos de borda por classe	% de fragmentos de borda por classe
Yapepó	6	60,0
Ñae	2	20,0
Ñaetà	1	10,0
Cambuchí	1	10,0
Total de fragmentos analisados	10	100

A tabela 25 apresenta o número de fragmentos de borda escovados que foram separados por classe de vasilhas, evidenciando quatro classes: **yapepó, ñae, ñaetà e cambuchí**. Os fragmentos de borda passaram por uma análise mais sistemática, pois a partir deles é que podemos trabalhar com as possibilidades de reconstrução gráfica das vasilhas. Possibilitam também que se chegue a uma aproximação mais exata do

número de vasilhas presentes no sítio, estabelecendo assim, os resultados para uma possível análise sobre frequência.

Gráfico 25 – Separação dos fragmentos de borda escovados por classe de vasilhas.



O gráfico 25 trás os resultados referentes à separação dos fragmentos de borda escovados por classe de vasilhas.

Os resultados evidenciam a presença de quatro classes de vasilhas que apresentam tratamento de superfície escovado: **yapepó**, **ñaè**, **ñaetà** e **cambuchí**. Assim como os fragmentos com tratamento de superfície pintado, corrugado, ungulado e liso, foram separados de forma que pudessem apontar também a variação no diâmetro e na espessura. Entretanto, esses resultados não serão expressos graficamente devido à pequena quantidade de fragmentos encontrados com esse tipo de tratamento de superfície.

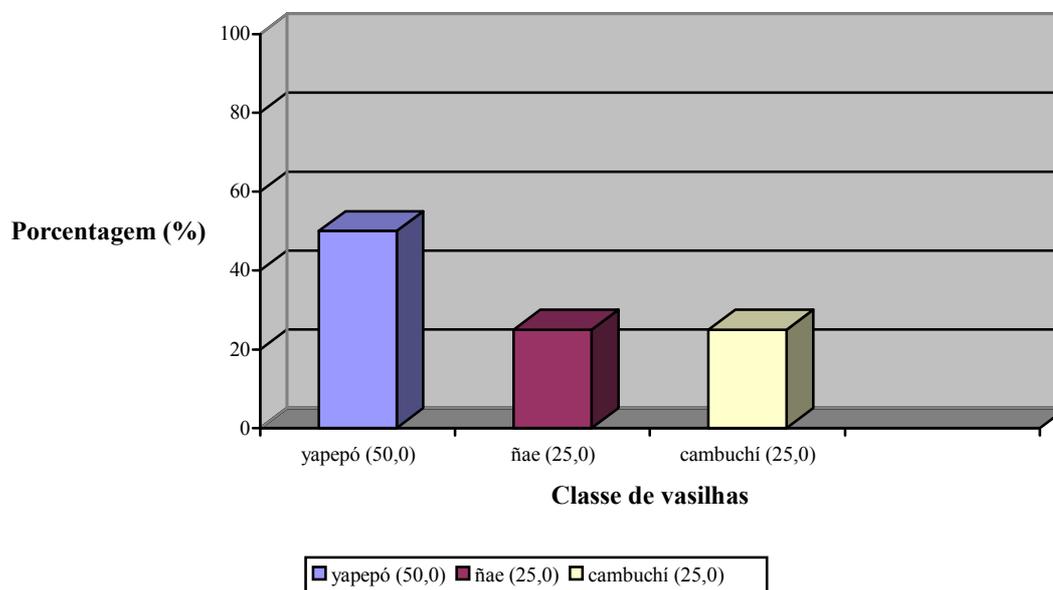
3.4.6 Fragmentos com Tratamento de Superfície Inciso

Tabela 26 – fragmentos de borda com tratamento de superfície inciso: separação por classe de vasilha.

Classe de vasilha	Número de fragmentos de borda por classe	% de fragmentos de borda por classe
Yapepó	2	50,0
Ñae	1	25,0
Cambuchí	1	25,0
Total de fragmentos analisados	4	100

A tabela 26 apresenta o número de fragmentos de borda incisos que foram separados por classe de vasilhas, evidenciando três classes: **yapepó**, **ñae** e **cambuchí**. Os fragmentos de borda passaram por uma análise mais sistemática, pois a partir deles é que podemos trabalhar com as possibilidades de reconstrução gráfica das vasilhas. Possibilitam também que se chegue a uma aproximação mais exata do número de vasilhas presentes no sítio, estabelecendo assim, os resultados para uma possível análise sobre frequência.

Gráfico 26 – Separação dos fragmentos de borda incisos por classe de vasilhas.



O gráfico 26 trás os resultados referentes à separação dos fragmentos de borda incisos por classe de vasilhas.

Os resultados evidenciam a presença de três classes de vasilhas que apresentam tratamento de superfície inciso: **yapepó, ñae e cambuchí**. Assim como os fragmentos com tratamento de superfície pintado, corrugado, unglado e liso, foram separados de forma que pudessem apontar também a variação no diâmetro e na espessura. Entretanto, como ocorreu com os fragmentos com tratamento de superfície escovado, esses resultados não serão expressos graficamente devido à pequena quantidade de fragmentos encontrados com esse tipo de tratamento de superfície.

3.5 RESULTADOS

Todos os resultados apresentados neste capítulo fazem parte da terceira etapa de análise do material cerâmico, que teve por objetivo fazer uma separação dos fragmentos de borda pela classe de vasilhas a que pertencem. A separação por

classe de vasilhas foi possível através da consideração do ângulo de inclinação dos fragmentos de borda, a partir do qual pudemos estabelecer a quais classes pertencem, obedecendo aos padrões formais apresentados pelas classes previamente estabelecidas por Brochado e Monticelli. Esta análise desenvolveu-se com sistemático rigor, visto que através dos fragmentos de borda é possível estabelecermos o diâmetro das vasilhas, assim como sua altura.

Na separação e classificação por acabamento de superfície, não identificamos nenhum acabamento novo. Todos os acabamentos separados e classificados estavam descritos no livro de La Salvia e Brochado (1989), sendo que os acabamentos mais comuns são os corrugados, com 54,058% e os lisos, com 42,646%; do total. Em seguida estão os ungulados, com 2,572%; escovado, com 0,546%; inciso, com 0,169%; repuxado, com 0,005% e estampado, com 0,001%. Os fragmentos com tratamento de superfície pintado somam um total de 3.985, e foram separados em fragmentos com pintura na superfície externa, com 55,40% e fragmentos com pintura na superfície interna, com 44,60% do total.

Com relação a separação e classificação por classes de vasilhas, nossa pesquisa além de separar e classificar as classes descritas nos textos de Brochado e Monticelli (1994) e La Salvia e Brochado (1989), também separou um conjunto de fragmentos que não se inserem em nenhuma das classes presentes na bibliografia consultada.

As classes identificadas a partir da separação dos fragmentos, excetuando-se os fragmentos de borda, aparecem da seguinte forma: **yapepó**, com 41,71%; **cambuchí**, com 25,71%; **ñae**, com 13,81%; **ñaetá**, com 11,83% e **cambuchí caguabã**, com 7,02%. Nesta separação, o acabamento de superfície mais comum encontrado na classe dos **yapepós, ñaetás e ñaes** foi o corrugado. No caso dos **cambuchís e cambuchís caguabã**, o acabamento mais encontrado foi o pintado.

Os fragmentos de borda que somam um total de 2.732, foram analisados separadamente, apresentando os seguintes resultados: os fragmentos pintados que somam um total de 1.210, foram divididos **cambuchí**, com 64,62% e **cambuchí**

caguabã, com 35,37%; os fragmentos corrugados que somam um total de 1.313, foram divididos em **yapepó**, com 68,39%, **ñae**, com 19,64%, **ñaetá**, com 9,13% e os que não puderam ser separados por classe, com 2,81%; os fragmentos ungulados que somam um total de 148 foram divididos em **yapepó**, com 79,72%, **ñae**, com 5,40%, **ñaetá**, com 1,35%, **cambuchí**, com 5,40% e os que não puderam ser separados por classe, com 8,10%; os fragmentos lisos que somam um total de 47 foram divididos em **cambuchí**, com 93,61% e **cambuchí caguabã**, com 6,38%; os fragmentos escovados que somam um total de 10 foram divididos em **yapepó**, com 60,0%, **ñae**, com 20,0%; **ñaetá**, com 10,0% e **cambuchí**, com 10,0%; e finalmente os fragmentos incisos, que somam um total de 4 e foram divididos em **yapepó**, com 50,0%, **ñae**, com 25,0% e **cambuchí**, com 25,0%.

Quanto aos fragmentos que não se inserem em nenhuma das classes, estes possuem as seguintes características: os fragmentos de borda possuem diâmetros que variam de 6 a 8 cm e suas formas se assemelham aos de um **ñae**, tendo os acabamentos corrugado, repuxado e o ungulado sendo este o mais comum com 77% do total.

Para tanto, analisamos fragmento por fragmento, considerando o diâmetro e a espessura de cada um deles, assim como suas variações e o tratamento de superfície por eles apresentados. Optamos por apresentar os resultados expressos também em gráficos, uma vez que facilita ao leitor a visualização dos resultados.

Alguns resultados encontrados não foram descritos graficamente devido à pequena quantidade em que se apresentam. Assim, consideramos desnecessário utilizar o recurso gráfico uma vez que as proporções por eles apresentadas mostraram-se pouco expressivas se comparadas às outras classes que possuem os mesmos tratamentos de superfície.

Os resultados encontrados e apresentados neste capítulo serão novamente utilizados no quarto capítulo, onde estaremos desenvolvendo um estudo sobre a frequência das vasilhas no sítio, analisando as proporções encontradas e as variações apresentadas pelos fragmentos de borda.

4 FREQUÊNCIA E FUNCIONALIDADE DAS VASILHAS GUARANI

O quarto capítulo terá sua análise centrada no estudo sobre a frequência e a funcionalidade das classes de vasilhas no sítio, a partir dos dados quantificados no capítulo três. Os resultados dizem respeito à análise de 2.732 fragmentos de borda de cinco classes gerais: **yapepó, cambuchí, cambuchí caguabã, ñae e ñaetà.**

Com os resultados obtidos através da análise dos fragmentos de borda, a estatística mostra que as classes apresentam significativa variação nos diâmetros da boca das vasilhas. Entretanto, essa variância, associada às informações históricas e etnográficas, permite algumas deduções sobre funcionalidades distintas entre as classes e no interior de cada uma das classes.

A maior precisão das distintas funcionalidades também deveria resultar de análises físico-químicas dos componentes materiais, da “história térmica” e dos resíduos orgânicos depositados na superfície das paredes internas das vasilhas. Um outro estudo dessa coleção, centrado na Espectroscopia Mössbauer, está sendo desenvolvido em outro projeto do LAEE e os resultados ainda não estão completos. Portanto, sem os outros tipos de análise, a definição da funcionalidade estará restrita ao estudo das dimensões, tratamentos de superfície e das informações históricas.

4.1 FREQUÊNCIA DAS CLASSES DE VASILHAS

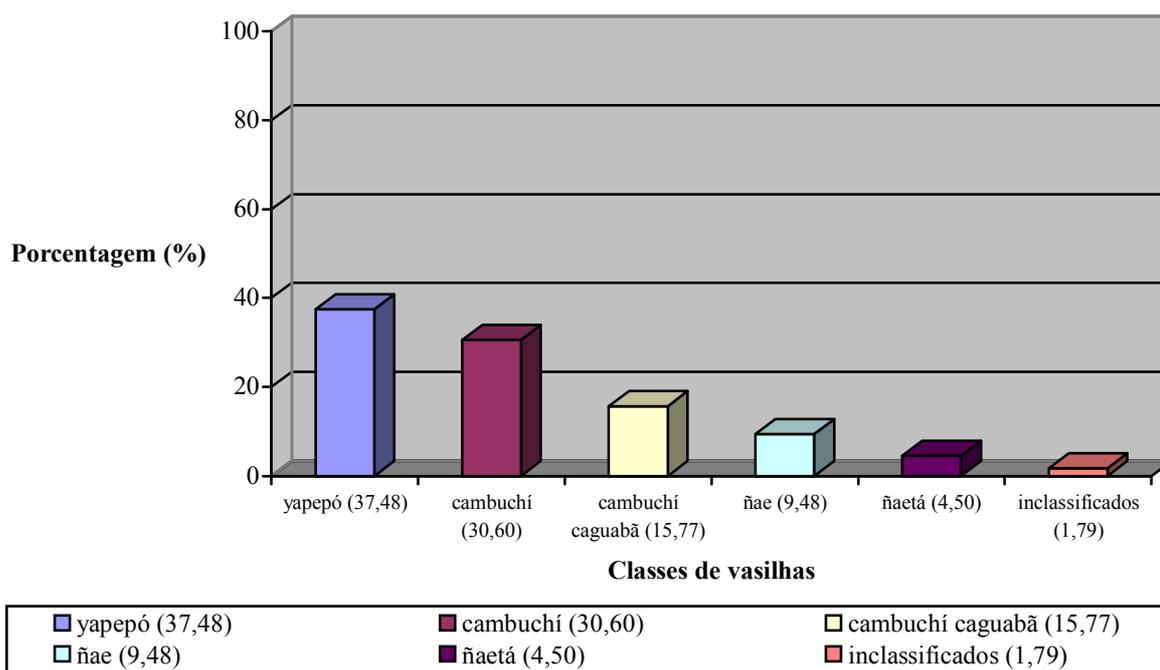
Neste tópico apresentamos graficamente os resultados da análise estatística, indicando a frequência das classes de vasilhas. Para estabelecer a análise de frequência a partir dos fragmentos e das vasilhas reconstituídas de forma integral ou parcial, empregamos dois critérios para diferenciar as vasilhas: 1) capacidade de encaixe dos fragmentos; 2) dimensões e acabamento de superfície. Embora o total de fragmentos analisados já demonstre a presença de cinco classes, ainda é difícil realizar uma interpretação definitiva dos gráficos abaixo, pois é necessário aprofundar as pesquisas físico-químicas e o estudo das suas relações com os eventos onde elas tiveram função. Portanto, estaremos apresentando dados quantificados para observações e para introduzir essa problemática na pesquisa da cerâmica entre os Guarani.

Dentre as classes gerais, encontramos aquelas que servem às funções de cozinha e serviço de refeição:

- 1 – panelas de cozinha, denominadas **yapepó**;
- 2 – jarras para bebidas em geral, denominadas **cambuchí**;
- 3 – caçarolas para cozinhar, denominados **ñaetá**;
- 4 – pratos para comer, denominados **ñae**;
- 5 – tigelas para beber, denominados **cambuchí caguabã**.

Os gráficos abaixo apresentam o número total de fragmentos de borda encontrados, separados por classe de vasilhas.

Gráfico 27 – Fragmentos de borda separados por classe de vasilhas.



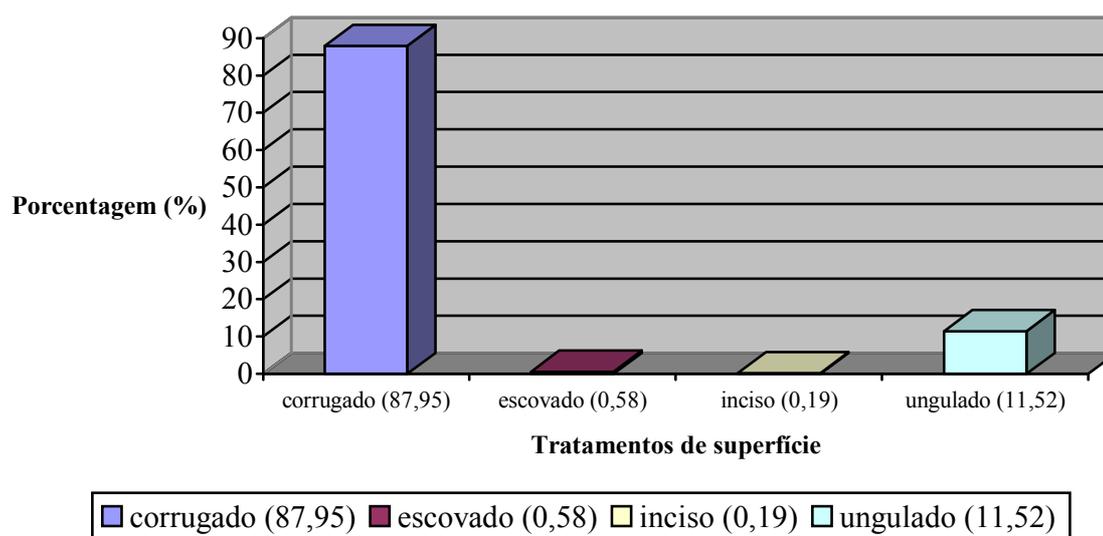
O gráfico 27 indica a quantidade total de fragmentos de borda, considerando todos os tratamentos de superfície encontrados, separados conforme a classe que pertencem. A maior quantidade de fragmentos encontra-se na classe dos **yapepós**, seguidos dos **cambuchís**. A maior concentração de fragmentos está presente nestas classes por serem

elas que desempenham as funções mais gerais no que se refere à preparação e armazenamento de alimentos. Os fragmentos de **cambuchí caguabã** (copo), **ñaie** (prato) e **ñaetá** (caçarolas) são encontrados em quantidades menores, uma vez que desempenham funções mais específicas no processo de preparação e consumo dos alimentos e bebidas.

Abaixo serão mostrados os gráficos que indicam a freqüência dos diferentes tratamentos de superfície de cada uma das classes.

4.1.1 Yapepó

Gráfico 28 – Variação do tratamento de superfície na classe dos **yapepós**.

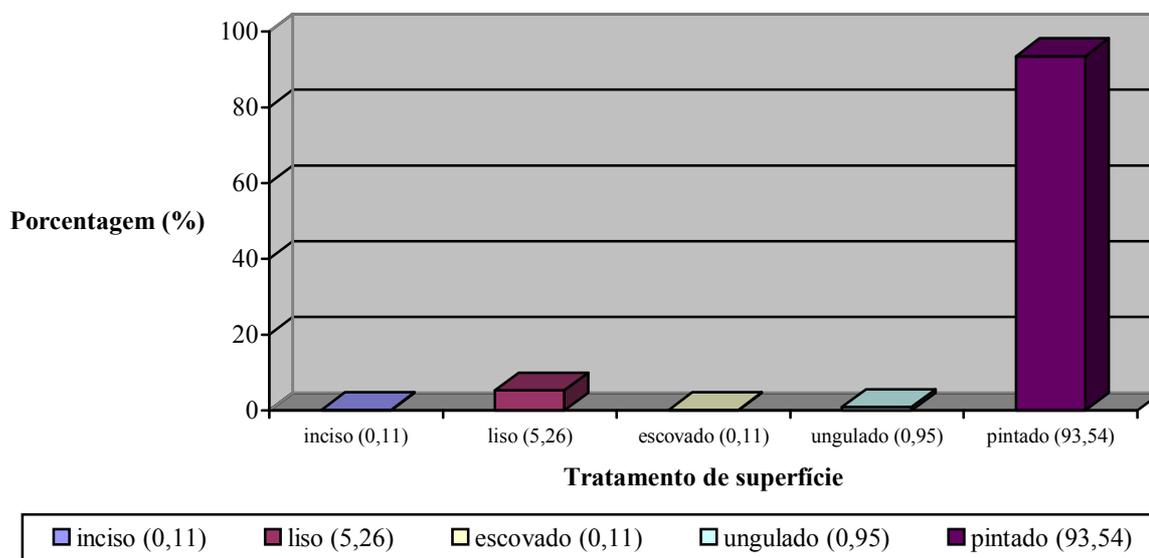


O gráfico 28 indica a distribuição dos tratamentos de superfície dos **yapepós**, evidenciando a proporção dos quatro tipos presentes. O tipo mais freqüente é o corrugado, seguido do unglado. Como foi observado em pesquisas anteriores⁸, são os tipos mais comuns em vasilhas usadas sobre ao fogo. Os fragmentos que possuem tratamento de superfície escovado e inciso são inexpressivos.

⁸ Para pesquisas anteriores referidas neste capítulo, ver Brochado, 1984; Brochado & Monticelli, 1994; Brochado et al, 1990.

4.1.2 Cambuchí

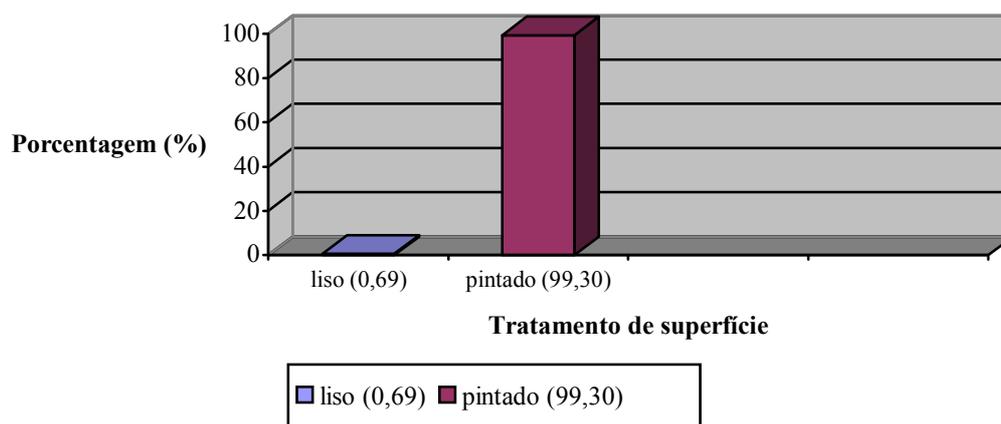
Gráfico 29 – Variação do tratamento de superfície na classe dos **cambuchís**.



O gráfico 29 mostra a frequência dos tratamentos de superfície da borda dos **cambuchís**. Esta classe, que não é usada diretamente no fogo, tem como tratamentos mais comuns a combinação de liso e pintado, sendo mais comum o pintado. Em seguida aparecem os tratamentos de superfície ungulado, inciso e escovado, com baixa porcentagem, de modo similar ao que foi revelado em pesquisas anteriores.

4.1.3 Cambuchí Caguabã

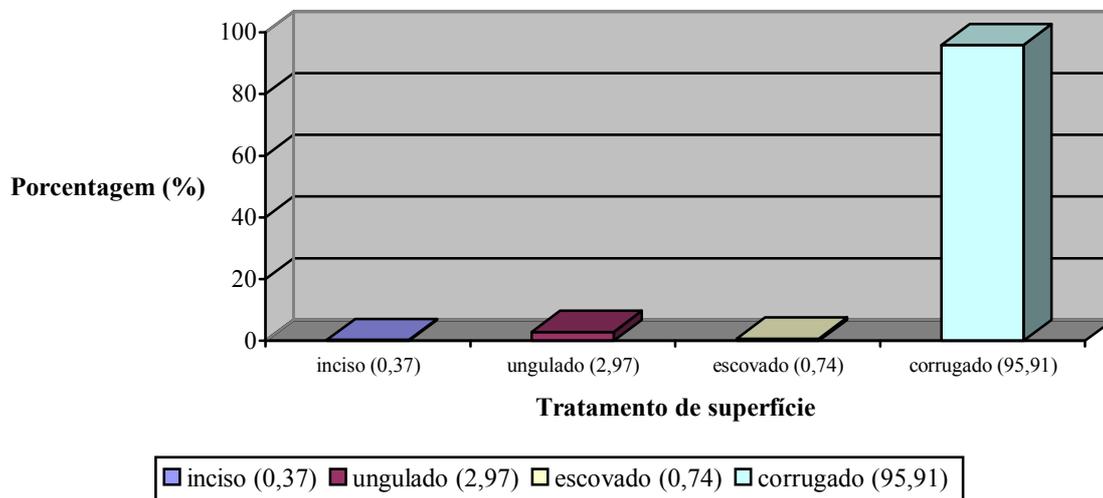
Gráfico 30 – Variação do tratamento de superfície na classe dos **cambuchís caguabã**.



O gráfico 30 indica a frequência dos tratamentos de superfície dos **cambuchís caguabã**, evidenciando dois tipos de tratamento encontrados. Nesta classe de vasilhas que servem à função de servir bebidas alcoólicas, o tratamento de superfície mais encontrado é o pintado seguido pelo liso, como observado em pesquisas anteriores e no sítio em questão. Outros tipos de tratamentos possíveis não foram verificados na análise.

4.1.4 Ñae

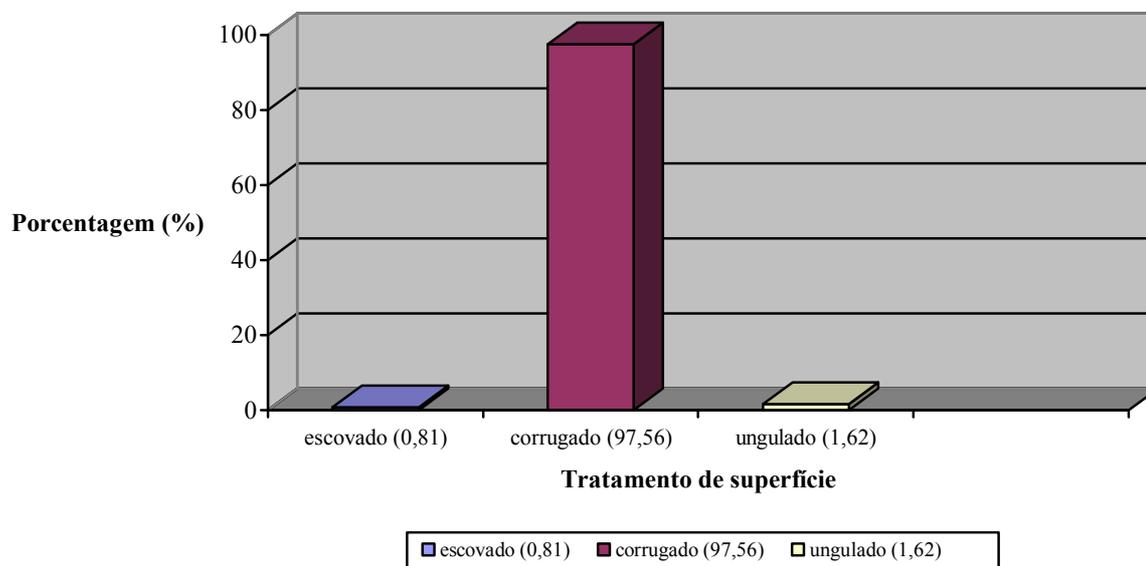
Gráfico 31 – Variação do tratamento de superfície na classe dos ñaes.



O gráfico 31 mostra a frequência do tratamento de superfície dos ñaes, evidenciando quatro tipos. O tipo mais comum é o corrugado, seguido pelo ungulado que em pesquisas anteriores mostraram ser os mais comuns. Os tratamentos escovado e inciso são pouco significativos, se comparados aos dois anteriores.

4.1.5 Ñaetá

Gráfico 32 – Variação do tratamento de superfície na classe dos ñaetás.



O gráfico 32 indica a frequência dos tratamentos de superfície dos ñaetás, evidenciando três tipos de tratamento encontrados. O tratamento mais encontrado é o corrugado, como observado no sítio em questão. Em seguida e com pouca frequência estão os tratamentos escovado e ungulado.

4.1.6 Resultados

As classes de vasilhas encontradas foram analisadas separadamente, devido principalmente à variação das dimensões. Por exemplo, como observado no capítulo dois desta dissertação, Brochado & Monticelli (1994:116)⁹ sugerem que os pratos (ñaes) sejam divididos conforme as suas dimensões (diâmetro da boca da vasilha): pequenas (12 a 16 cm), médias (18 a 26 cm) e grandes (28 a 34 cm). Também propõem, a partir das dimensões por eles observadas, que sua

⁹ Como já referido nos capítulos anteriores, o método de análise empregado neste estudo é o proposto por Brochado & Monticelli (1994). Sendo assim, os resultados apresentados serão analisados de acordo com o método estabelecido por esses autores.

funcionalidade poderia ser assim entendida: os pratos individuais teriam dimensões pequenas; os pratos usados por pequenos grupos teriam dimensões médias e os pratos comunais, usados por grupos maiores, teriam dimensões grandes.

As conclusões a que chegaram se referem à análise desenvolvida em pequenas amostras de diferentes sítios, entretanto, o método foi desenvolvido para ser aplicado no material proveniente de um único sítio. Entre as vasilhas da Lagoa Xambrê, encontramos dimensões diferentes das obtidas por Brochado & Monticelli (1994), o que pode significar tanto diferenças na organização social e no tamanho das populações, quanto nas variações estilísticas entre as regiões de ocupação Guarani.

Encontramos 36,80% dos fragmentos de pratos (**ñaes**) concentrados nas dimensões englobadas pelo tamanho médio; 31,22% nos de tamanho grande e 11,15% nos de tamanho pequeno. Os outros fragmentos de pratos, que somam um total de 20,83%, estão divididos em dimensões que são maiores (18,58%) e menores (2,23%) do que as propostas nesta classe. Devido à quantidade expressiva de fragmentos encontrados com dimensões maiores do que as estabelecidas por Brochado para as vasilhas de tamanho grande, trabalhamos com o objetivo de expandir as dimensões propostas para as vasilhas consideradas grandes, ampliando a metodologia de análise proposta para esse trabalho, uma vez que, novos dados existem e obrigam a reformulação das dimensões constatadas anteriormente. Os fragmentos que apresentam dimensões menores do que as propostas para as vasilhas de tamanho pequeno serão consideradas miniaturas nessa classe, de acordo com o que propõe Brochado & Monticelli (1994), pois as vasilhas com dimensões menores que 12 cm não teriam a mesma função de prato de comer.

O mesmo pode ser concluído em relação às jarras (**cambuchís**) para servir e armazenar líquidos. Estas podem ser divididas em várias categorias, de acordo com a sua funcionalidade, de tal modo que possivelmente se possa superar a divisão genérica estabelecida a partir das proporções (pequeno – de 18 a 34cm; grande – maiores de 36cm). Seguindo as dimensões estabelecidas, encontramos 62,44% dos fragmentos no tamanho pequeno; 21,41% dos fragmentos no tamanho grande e 16,14% menores do que as dimensões propostas para os de tamanho pequeno. A quantidade de fragmentos

encontrados que possuem dimensões menores do que as propostas para os **cambuchís** pequenos será considerada enquanto representante de miniaturas¹⁰. As informações históricas e etnográficas apresentam diversos usos, que podem contribuir para especificar a funcionalidade: armazenar água, fermentar e armazenar bebidas alcoólicas, preparar mingaus, etc.

Com relação às vasilhas pertencentes aos **yapepós**, podem ser divididas de acordo com suas dimensões em: pequenas – de 12 a 16cm; médias – de 18 a 30cm e grandes – maiores de 32cm. A partir da análise feita com o material cerâmico chegamos ao seguinte resultado relacionado a essa classe: 13,08% de tamanho pequeno; 54,88% de tamanho médio; 28,22% de tamanho grande e 3,80% com dimensões menores do que as propostas para os pequenos. Assim como na classe dos **cambuchís**, os resultados que apresentam dimensões menores do que as propostas para as vasilhas de tamanho pequeno, foram consideradas miniaturas.

No tratamento dos **ñaetás**, as dimensões são divididas da seguinte forma: médios – variação de 30 a 48cm e grandes – maiores de 50cm. A partir da nossa análise, encontramos os seguintes resultados para essa classe: 60,97% dos fragmentos são de tamanho médio; 5,69% são de tamanho grande e 33,33% são menores que os tamanhos propostos para os médios. Diante da quantidade expressiva de fragmentos que apresentam diâmetros menores do que os propostos para as vasilhas de tamanho médio reformulamos a categoria de análise proposta, incluindo nela as vasilhas de tamanho pequeno, uma vez que os dados quantitativos apresentados não podem ser desconsiderados.

Com relação aos **cambuchí caguabã**, não existem informações quanto à dimensão. Entretanto, seguindo as dimensões propostas no método de Brochado, podem ser consideradas da seguinte forma: pequenas – entre 12 e 16cm e médias – entre 18 e 26cm. De acordo com essa proposta, encontramos os seguintes resultados: 15,31% dos fragmentos pequenos; 38,74% dos fragmentos com proporções médias; 42,22% dos fragmentos com proporções maiores do que as estabelecidas para os de tamanho médio e 3,24% dos fragmentos com proporções menores do que as propostas para os de tamanho pequeno.

¹⁰ O motivo para esta consideração é o mesmo apresentado para a classe dos **ñaes**.

Tendo em vista a expressiva quantidade de fragmentos que apresentam dimensões maiores do que as propostas para as vasilhas de tamanho médio, e considerando o fato de não haver informações relacionadas à dimensão para esta classe de vasilhas, reformulamos a categoria de análise também para esta classe, incluindo nela as vasilhas de tamanho grande.

A decisão de modificar, ampliando o limite das medidas pequenas, médias e grandes em relação as que foram originalmente estabelecidas para os **cambuchí caguabã** no método de Brochado, incluindo nela as vasilhas grandes, surgiu da constatação de que os fragmentos dessa classe na Lagoa Xambrê apresentam dimensões grandes e possuem o mesmo perfil apresentado pelos fragmentos de tamanho médio e pequeno.

Várias causas podem influir nas dimensões e proporções das vasilhas, tal como o tamanho do grupo residencial e a sua função em atividades do cotidiano, de rituais e de festividades. Isto pode influir, por exemplo, que uma panela **yapepó** seja maior ou menor, pois estamos falando de vasilhas que podem conter até 300 litros. A relação entre o tamanho do grupo residencial e a proporção da vasilha é fundamental no estudo da frequência, pois contribui para os estudos demográficos, de volume de produção de alimentos, etc. A quantidade e o tamanho dos **cambuchís caguabã** também é importante, pois a partir delas poderá ser possível tentar definir a população adulta (por exemplo, é possível especular que cada copo pequeno para beber corresponda a um proprietário e, os grandes, a famílias nucleares, a grupos de amigos/aliados ou a uma única pessoa). Não podemos desconsiderar as crianças a partir de 8 ou 10 anos que também participavam das beberagens coletivas, pois os Guaraní iniciavam seus filhos desde muito jovens na "arte de beber" (Noelli e Brochado, 1998). Sendo assim, seriam elas também, as proprietárias dos copos pequenos utilizados para beber?

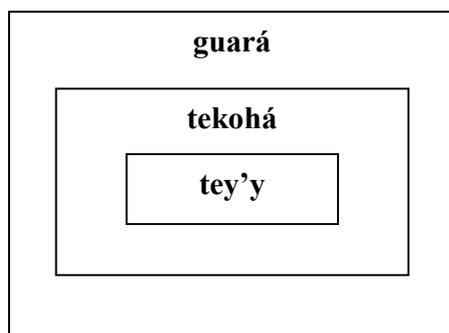
A identificação da frequência como possível indicador de demografia é um campo novo, inteiramente aberto à pesquisa, necessitando ainda de muitos levantamentos de informações quantitativas na Arqueologia, História e Etnografia. Pode ser que, através de contínuas experimentações, se possa chegar a formular uma explicação antropológicamente adequada.

Em uma tentativa de lançar hipóteses sobre o uso e a funcionalidade das vasilhas encontradas no sítio arqueológico em estudo, bem como sobre o tamanho dos

grupos residenciais, passaremos a fazer uma rápida descrição sobre a família Guarani para que possamos inferir possibilidades de análise para a cerâmica.

4.2 ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS GUARANI: TERRITÓRIOS DE DOMÍNIO

Para fazermos um estudo sobre a organização social dos Guarani nos séculos XVI e XVII, é preciso considerar as categorias utilizadas na classificação e definição de seus domínios registradas pelos cronistas. Tais categorias, conforme Noelli (1993) “refletem os laços de parentesco e reciprocidade em três níveis inclusivos: **guará**, **tekohá** e **tey’y**”:



De acordo com a definição dada por Montoya (T:129-130), **guará** significa tudo o que está contido dentro de uma região qualquer. Para Susnik (1982:32), é um conceito sócio-político que determina uma certa região bem definida, delimitada geralmente por rios. Segundo Noelli (1993), no **guará** o direito de usufruto da terra era assegurado, assim como o exercício de plantio da roça e da sua rotação, além das áreas de pesca e caça, sendo estas destinadas ao uso exclusivo de seus habitantes e onde era proibida a presença de estranhos. A partir das informações obtidas nos relatos de alguns jesuítas que estiveram na região do Guairá, Itatim, Tape e Uruguai, notou-se que alguns **guará** seriam compostos por até quarenta aldeias unidas por laços de parentesco e reciprocidade, com vida material e simbólica comum (Noelli, 1993).

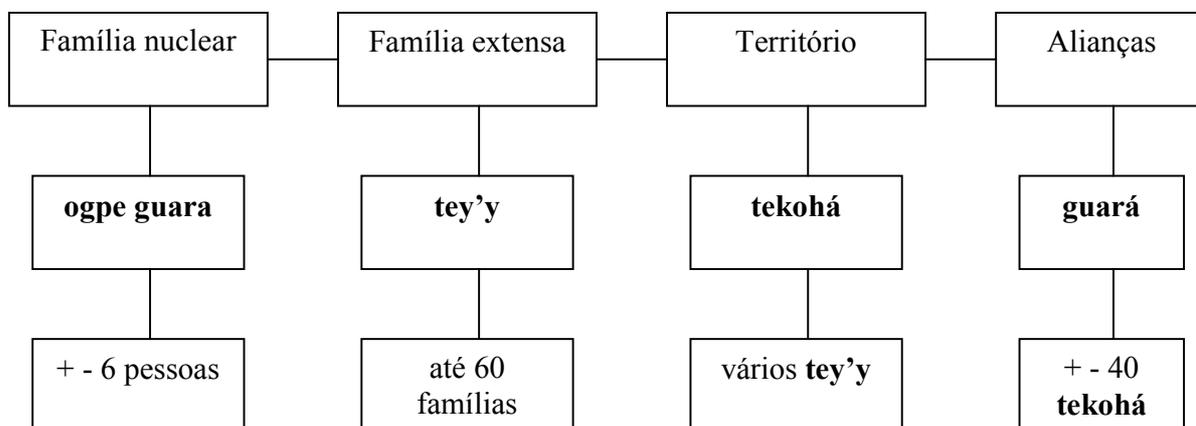
Tais regiões seriam divididas em unidades territoriais, aliadas social e economicamente, conhecidas como **tekohá**. Suas sedes seriam as aldeias. Para Melià

(1986: 105), este era o espaço onde os Guarani produziam as relações econômicas, sociais e político-religiosas essenciais à suas vidas. Assim, o **tekohá** era o lugar, o meio em que se davam as condições que possibilitavam a subsistência e o modo de ser dos Guarani (Melià, 1989a:336).

Por último, essas áreas eram formadas pelos **tey'y** que podiam se apresentar agrupados ou isolados. Para Susnik (1979-1980:18), o termo representa a casa (**tey'y oga**) onde vivia a linhagem, podendo contar até sessenta famílias nucleares, que continham uma média de seis pessoas e formavam a família extensa (Susnik, 1983:127). O **tey'y ru**, ou pai da linhagem, era a liderança política e espiritual nos diversos níveis desde a família nuclear, do **tey'y**, do **tekohá** e até do **guará** sucessivamente, conforme sua colocação na linhagem e o seu prestígio (Susnik, 1983). A família nuclear era denominada de **ogpe guará** (B:2) "família", sendo o núcleo base da constituição dos **tey'y**.

Assim, a partir de um modelo hierárquico da constituição territorial, desde a família nuclear até o **guará**, a seqüência deveria apresentar-se da seguinte maneira:

Organograma 1 – modelo hierárquico de constituição territorial.



No que se refere à alimentação, esta variava conforme as circunstâncias, ocorrendo o consumo de alimentos em nível de família nuclear e extensa, assim como de toda a aldeia. Os convites para a alimentação refletiam indiretamente as relações de parentesco e reciprocidade entre o anfitrião e os convidados.

Os "grupos de comer" poderiam ser formados por duas ou mais pessoas, como indicam algumas designações gerais colhidas por Montoya e sistematizadas por Noelli (1993): **orononaembe pipe orocarú** (T:241) "comemos em um prato"; **ono embiiru pipe orocarú** (T:378) "comemos em um prato"; **cherembi iru pipe amongaru** (T:343) "comemos juntos em um prato". Comer em dupla tendo um anfitrião seria designado por: **cherehebe cherenambe pipe ocarube** (T:241) "o que come comigo em meu prato"; **chepoibiribe opoe naembepe** (T:307) "comemos em um prato os dois".

De acordo com a dieta alimentar, as carnes de caça poderiam ser consumidas:

- a) "cozidas" (T:117) **so'o mimoi**;
- b) "assadas" (T:117) **so'o mbichi**;
- c) "farinha de carne" (T:117) **so'ocui**;
- d) "caldo" (T:386) **so'o ricuera**;
- e) desidratada no moqué, "carne seca" (T:392) **so'o tyini**;
- f) "crua" (T:284) **so'o ypira**.
- g) desidratada ao sol (Santa Cruz, 1918:550)

A partir das informações acima suscitadas, começaremos a inferir possibilidades quanto à funcionalidade das vasilhas, considerando o uso das mesmas nos diversos níveis familiares (**ogpe guara, tey'y, tekohá**).

4.3 OS GRUPOS FAMILIARES E OS UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS

Para inferir hipóteses quanto à funcionalidade da cerâmica, estaremos imaginando/reconstruindo um cenário amplo de organização social e alimentação que envolvia um conjunto de utensílios em associação com as vasilhas. Para tanto, descreveremos o equipamento doméstico e de trabalho a partir de um critério de classificação baseado na função desempenhada pelos mesmos, numa tentativa de apresentar o aparato material que guarnece a casa. De acordo com van Velthem, o uso

"doméstico não deve ser tomado em sentido restrito, compreendendo apenas os utensílios diretamente relacionados com a residência, mas sim de modo abrangente, devido ao fato desses implementos e objetos serem empregados em distintos lugares e afazeres" (van Velthem, 1987:95).

Utilizaremos aqui o critério que privilegia a função em detrimento da forma e da matéria prima constituinte dos utensílios, uma vez que nosso objetivo é inferir possibilidades de uso para as vasilhas cerâmicas. Diante disso, o equipamento será dividido em equipamentos domésticos e de trabalho, e utensílios para preparar, servir e armazenar alimentos de acordo com a função: transportar; preparar; armazenar e servir alimentos; limpeza e implementos para o preparo de artefatos.

4.3.1 Conjunto de Equipamentos Domésticos e de Trabalho

A. Trançado

Os Guarani, em geral, possuíam objetos trançados usados para armazenar, transportar, prensar, peneirar e abanar, podendo ser enquadrados no que Berta Ribeiro (1987a:283) classificou como “macroestilo da tala”, amplamente difundido no leste da América do Sul. A matéria prima básica era composta de gramíneas, denominadas como **takuarembó** (*Chusquea ramosissima*), **takua rusu** (*Guadua trini*) e **takuapi** (*Merostachys sp.*) (cf. Noelli, 1993). Os trançados podiam ser divididos em cestos para ter longa duração (**ayacapii**) e os de curta duração (**iruague**) (Montoya, 1876).

B. Moluscos

De acordo com Prous (1986-1990), os moluscos podiam ter diversas utilidades enquanto instrumentos. Conforme as características de resistência, dureza e formato das conchas, haveria várias maneiras de utilizá-las como instrumento, recipiente ou adornos e enfeites. Os bivalves foram usualmente empregados como instrumentos ativos com gume periférico (Prous, 1986-1990:248) para cortar, raspar, rasgar, escavar. Os instrumentos ativos com gume interno foram empregados basicamente com plainas para descascar ou raspar varas de 3 a 5 cm de diâmetro, principalmente gastrópodes do gênero *Strophocheilus* e bivalves de concha espessa.

Os Guarani, conforme Noelli (1993), empregavam como plaina as conchas de *Megalobulimus abbreviatus*, como atesta o verbete sinônimo de molusco de concha espiralada **yatita** (B:280) "plaina de índios". Como furadores eram empregadas as columelas e os lábios externos de *Strophocheilus*, que também poderiam ter sido empregados como anzóis. Como também teriam sido empregados recipientes para sólidos (*Diplodon*) e líquidos (*Ampullaria*).

C. Lítico

As categorias funcionais dos instrumentos líticos podem ser definidas segundo os suportes sobre bloco, núcleo e lasca, usados para transformar vegetais e outras matérias em objetos de uso e na subsistência (Noelli, 1993). Os instrumentos sobre núcleo e lasca, eram utilizados para atividades de raspar, aplinar, cortar, perfurar, polir, alisar, bater/talhar e apoiar.

O machado, instrumento ativo para bater, elaborado sobre blocos de basalto e núcleos de arenito silicificado, era empregado basicamente para cortar árvores e na elaboração de peças de madeira que seriam utilizadas como postes, esteios, canoas, etc. A matéria prima geralmente empregada na região sul do Brasil é o seixo rolado de basalto com o gume picoteado e posteriormente polido, podendo ocorrer machados confeccionados por lascamento direto em núcleos de arenito (Noelli, 1993).

Os instrumentos ativos e passivos sobre bloco e núcleo que compreendem bigornas, quebra-cocos, percutores e esmagadores encontrados nos sítios arqueológicos não receberam denominações em Montoy

D. Madeira

O emprego das madeiras obedece a normas tecnológicas e simbólicas. Há um grupo de utensílios que só podem ser confeccionados por **yvyra** específicas, não intercambiáveis por obedecerem a regras simbólicas e ao emprego de matérias primas de grande especificidade: bancos, cabos de maracá, pilões, etc. (Garcia, 1985:152).

Segundo Noelli (1993), a maioria dos artefatos e peças constituintes de casas, implementos, armadilhas, etc, deveriam ser confeccionados em madeiras escolhidas por suas características físico-químicas. Por exemplo, os galhos e caules do moquém deveriam

ser resistentes ao calor, para não desprender resinas ou outros resíduos nas carnes durante a defumação. Assim, deveriam ser levadas em consideração características como a elasticidade ou a resistência à torção, facilidade de entalhar, leveza, capacidade de suportar grandes pesos, durabilidade contra a humidade e insetos lignófagos, resistência ao fogo, etc. Também poderiam ser escolhidas devido à morfologia do caule ou dos galhos, que seriam mais facilmente adaptadas às funções que lhes seriam dadas.

4.3.2 Conjunto de Equipamentos de Transporte

Para fazer o transporte das coisas vindas da roça, era usado o **panaku ague** (T:262) "meio cesto em que as índias trazem coisas da roça", era elaborado para durar e utilizado quase cotidianamente para transportar lenha, produtos da roça, frutos, etc. Tanto pelo verbete **apiçama** (T:50) "corda da cabeça em que está a carga que levam as índias", quanto a iconografia de Staden (1974:135), reforçam a possibilidade de que os **panaku ague** eram transportados com a cinta de cingir à testa.

De acordo com Noelli (1993), além dos trançados, eram empregadas cabaças e vasilhas cerâmicas para transportar água até a casa. A cabaça pode ter sido utilizada preferencialmente devido ao peso maior do vasilhame cerâmico em relação ao da cabaça, bem como a dificuldade maior de partir-se em relação às cerâmicas. A vasilha é denominada **iaça** (T:163) e definida como talha para carregar água.

4.3.3 Conjunto de Equipamentos para Preparar, Armazenar e Servir Alimentos

Esse é o conjunto que se apresenta mais ligado a casa e a roça, englobando todas as etapas que envolvem o manuseio dos alimentos, desde a colheita na roça até a preparação e o consumo dos mesmos.

A. Pau de Cavouco

Era o instrumento pontiaguado utilizado para abrir as covas onde seriam plantados os vegetais da roça e, depois, na hora da colheita, também servia para extrair

as plantas. É a exceção entre os equipamentos domésticos, pois é somente usado na roça (Noelli, 1993).

B. Tipiti

O **tipiti** (T:383, B:280) consistia em cesto tubular extensível, para prensar a polpa da mandioca amarga com o objetivo de extrair o ácido hidro-cianídrico, tóxico para o homem (Brochado, 1977). Para poder executar o ato de prensar era necessária uma estrutura para fixar o anel superior do tubo e uma alavanca no anel da extremidade inferior, para distendê-lo, provavelmente era anexa a casa (Ribeiro, 1985a:184, 1987b:320).

C. Ralador

Montoya (1895:44) é o único cronista dos Guarani que noticiou o emprego do ralador entre os Guarani durante o processamento da mandioca amarga, escrevendo que ela era *rallada y esprimida* (Noelli, 1993). Um dos produtos processados no ralador e posteriormente exprimidos era a **tipirati** (T:392) "farinha de mandioca ralada e moída".

O nome do ralador era **yvece** (T:167, B:166) e deveria ser confeccionado com a incrustação de pequenas lascas líticas em pranchas de madeira, como todos os grupos que usam este utensílio.

De acordo com Noelli (1993), pode ser encontrado em um sítio arqueológico através da aglomeração das lascas que, contextualmente, poderia indicar uma área de atividade ou de descarte. A análise tecnotipológica do conjunto de lascas pode indicar, através das marcas de uso, a disposição sobre a prancha de madeira.

D. Pilão

Denominados de **angua** (T:42), os "pilões" eram os recipientes de madeira onde se trituravam sementes de milho, frutos, e se esmagava mandioca e assemelhados com a **anguai** (T:42) "mão de pilão". Segundo Montoya (T:42), os pilões poderiam ser confeccionados em locais fixos de acantonamento fora da aldeia, durante uma

expedição de caça ou de pesca, como fica claro no verbete **angua iba**. O ato de pilar é designado como **ayoçog angua pipe** (T:116) "moer em pilão".

E. Peneiras

As peneiras possuíam tramas e formatos de diferentes tamanhos. A malha, de acordo com a função, poderia ser decorada e ter várias medidas para peneirar as farinhas de diversas origens, sendo também utilizadas na pesca (Noelli, 1993).

F. Abanos

Os abanadores tinham a função de ajudar na manutenção do fogo. Paralelamente, serviam para abanar pessoas (B:103) e como bandeja para carregar farinhas e outros alimentos.

G. Colher

Os Guarani possuíam colheres de madeira **yvyra kuipe** (T:106). Além dessas, podiam utilizar carapaças de moluscos como colher, confirmando o emprego de *Ampullaria caniculata* e de colheres de cabaça/lagenária (T:297). Haveria também colheres ou espátulas para revolver as bebidas fermentadas e os minguas, chamadas de **caguy pibuhaba** (T:290).

H. Espátulas ou pá de mexer alimentos e bebidas

Utensílio de madeira utilizado para revolver alimentos e bebidas durante o processo de cozimento ou fermentação, chamado de **ibirapehe**. Certamente havia usos específicos em alimentos e bebidas, como está indicado nos verbetes "colher ou espátula de fazer mingau de milho" (B:273) e "colher com que revolvem o vinho ou o mingau" (T:290).

I. Escumadeira

Chamada de **tiyui ogcaba** (T:391, B:368), a escumadeira era utilizada na remoção da espuma e de outros elementos que ficavam suspensos no interior das vasilhas de cozinhar e fermentar bebidas.

J. Vassoura, escova e pano de limpeza

I gau (B:367) "esponja", e **yvyra igau** (T:174) "estopa das árvores". Ramos sem folha de **tipichá guasú** (compostas do gênero *Baccharis*) foram utilizadas como vassoura ou escova (Gatti, 1985:292).

K. Cestos para servir e armazenar

São cestos de longa duração, (**ayaca**) (T:25 e B:282), (**panaku**) (T:262), e **irucuru** (T:179, 407 e B:282), com urdidura e trama compacta, para não permitir que o conteúdo escape de dentro do seu interior (Noelli, 1993).

Montoya dicionarizou uma expressão Guarani que representa de modo claro a função de armazenar grãos nos cestos: **cumanda nehe nabe ynaenine** (T:19) "acudiram do mesmo modo que os feijões quando saem do cesto".

L. Coberturas para recipientes

Os recipientes cerâmicos, os cestos e as cabaças de boca grande poderiam ser cobertos por esteiras de juncos de *Cyperus giganteus*, *Typha dominguensis* e *Scirpus californicus* similares, denominados de **piri** ou **piri pemi** (T:298, B:372). Esteiras de **takwarembo** (*Chusquea ramosissima*), **takwarusu** (*Guadua trinii*) e **takwapi** (*Merostachys sp.*), chamadas de **taqua pemi** (T:356, B:372), também eram confeccionadas para cobrir recipientes, podendo estes dois tipos cobrir pedaços do piso da casa e das áreas de atividade. A "tampa" da panela, **yapepo acoyaba** (T:17, 188, 395), poderia ser de esteira ou de outra vasilha sobreposta.

M. Cabaças

As cabaças e cuias de diferentes tamanhos eram denominadas de **iaqua pucu** ou **caramegua** (T:165, B:229), confeccionadas com frutos de *Lagenaria sp.*, tinham basicamente as funções de armazenar alimentos, sementes, adornos, objetos pessoais e para servir líquidos e alimentos (poderiam ir ao fogo como recipientes, conforme testemunho de Jorge Pozzobon, apud Noelli, 1993).

As cabaças para armazenar, com tampas e envolvidas com cordões de **gwembe'y**, eram denominadas de **iaqua pucu** ou **caramegua** (T:165, B:229) "cabaça

comprida com sua tampa"; as de armazenar água, **iati** (T:166) "cabaça de pescoço comprido"; as de armazenar e servir bebidas fermentadas **iapua** (T:166), "cabaça grande para vinho". As cabaças sem tampa poderiam servir tanto para armazenar quanto para servir alimentos e para beber líquidos.

N. Facas de madeira, dentes e capim

Denominadas como facas, talvez impropriamente, com a finalidade de colocá-las entre os artefatos que os Guarani utilizavam para cortar vegetais, carnes e pêlos. Os dentes também serviriam como faca, conforme exemplares encontrados durante pesquisas arqueológicas (Noelli, 1993). As Gramíneas que possuem cariópses (frutos) com dentes em forma de gancho, eram denominados de **capyi aimbe** (T:140, B:266); as facas de madeira seriam instrumentos de corte confeccionado com lâmina de **takua** (gramínea), denominado de **Kysé yvyra** (T:332), e segundo informações eram empregadas para cortar carne e tirar as vísceras dos animais.

Segundo Ribeiro (1988:264), o que foi denominado por Montoya enquanto faca de dente teria utilidade no ato de raspar, gravar, alisar, assim como perfurar molusco, osso e madeira.

O. Fogo

O fogo era feito por fricção rotativa de uma vareta roliça, cilíndrica, sobre uma concavidade de uma tábua. Segundo Métraux (1928a:100), os Guarani empregariam a técnica de friccionar o bastão ignífero numa concavidade semi-esferoidal que não seria completamente perfurada. Para estimular a ignição, assim que a chama tivesse iniciado, era empregado o **tatapequa** (T:357, B:201) "abanico, para fazer vento".

P. Cozinhar

Como propõe Noelli (1993), os Guarani empregavam diferentes técnicas para cozinhar, de acordo com a natureza e a combinação dos alimentos utilizados. Poderiam ser assados, fervidos, torrados e moqueados.

Montoya (1876:T:196, B:244) mostra que a palavra **amboii** pode ser traduzida por "cozer e assar", diferenciando-as de tostar e moquear (1876:B:188). Portanto, sempre fora das panelas, os assados poderiam ser elaborados sobre a grelha do "moquém" **amocae**, "envolto em folhas" **mymboque**, nas "brasas/cinzas" **aheci tata mumyme**, no "assador" (**ñamopyu**) **aheci** (B:188), no "forno subterrâneo" **oyibaecue** (B:244). Os cozidos exclusivamente feitos em meio líquido, dentro das panelas cerâmicas: **mimoi** (T:163, 222, B:244). Os torrados, farinhas em geral, são processados sobre o **namypiu** (T:242), "tostador grande", cerâmica com o formato de vasilha rasa.

Q. Moquém

A palavra **mokae** (T:223) "coisa enxuta", com o sentido de desidratar e secar, poderia significar tanto as carnes assadas para consumo imediato, quanto as carnes desidratadas e defumadas para estocagem por algumas semanas ou meses. Essas carnes defumadas seriam resultantes de grande volume caçado ou pescado de uma só vez, para consumo por período prolongado de tempo ou, por exemplo, para uma festa coletiva antropofágica com a participação de convidados de um ou mais **tekohás**. A grelha poderia apresentar forma triangular ou quadrangular, apoiada por forquilhas.

R. Fogão

O entorno do fogão é considerado o local da aldeia mais importante do cotidiano Guarani, pois **tataupá** e **tata ipi** significam ao mesmo tempo fogão (T:357, 358, B:7) e lugar da família (B:37).

No fogão os alimentos eram preparados nas mais variadas formas, sendo este composto basicamente por lenha, apoiando os **yapepó** e os **cambuchís**. Segundo Noelli (1993), dois tipos de fogão foram encontrados por meio de escavações arqueológicas, com perímetro ovalado ou arredondado, ambos com até 2m de diâmetro, podendo ser delimitados por pedras e ter ou não uma concavidade entre 10 e 60cm no lugar do fogão. Os fogões poderiam estar dentro ou fora da casa, conforme as indicações arqueológicas e etnográficas.

Além de local para cozinhar, assar e moquear, o fogão seria fonte de aquecimento e iluminação da casa.

S. Estrados e Armários

Segundo Noelli (1993), as áreas de atividades da casa e dos anexos tinham locais específicos para guardar e depositar o equipamento doméstico. Atualmente as áreas de atividades internas e externas da casa só poderiam ser definidas através de pesquisas arqueológicas, devido à inexistência de informações etnográficas precisas nas casas das famílias extensas.

A existência de estrados, diretamente ligados à mulher pelos verbetes **cuña rendaba** e **cuña guapihaba** (B:374) "armários para guardar a cerâmica" e **ñae rupaba** ou **ñaembé rendaba** (B:154), indicam que haveria locais específicos dentro e fora da casa para guardar os utensílios, implementos e vasilhas (**ñaé**, **ñaembé**) de uso cotidiano, usados pela mulher (**cuña**). Além destes armários, muitas coisas eram penduradas e amarradas nas paredes e na estrutura da casa. O verbete **ita** (T:180) "instante, armação, pilares", faz uma possível ligação entre a elaboração das estantes apoiadas nos esteios da casa. **Og quita** ou **yiapi ritaupa** (T:256) "estante do meio da casa", pode indicar a centralização das áreas de depósitos e atividades no centro da casa. Isto poderia ser um indicador da divisão espacial interna da casa em espaços de lazer/descanso e áreas de atividade, onde as principais tarefas do cotidiano seriam realizadas. Arqueologicamente, a concentração de fragmentos cerâmicos no centro das estruturas de habitação ou em estruturas anexas e, marca de esteios, poderia ser indicativa das estantes para guardar a tralha doméstica.

T. Recipientes de madeira

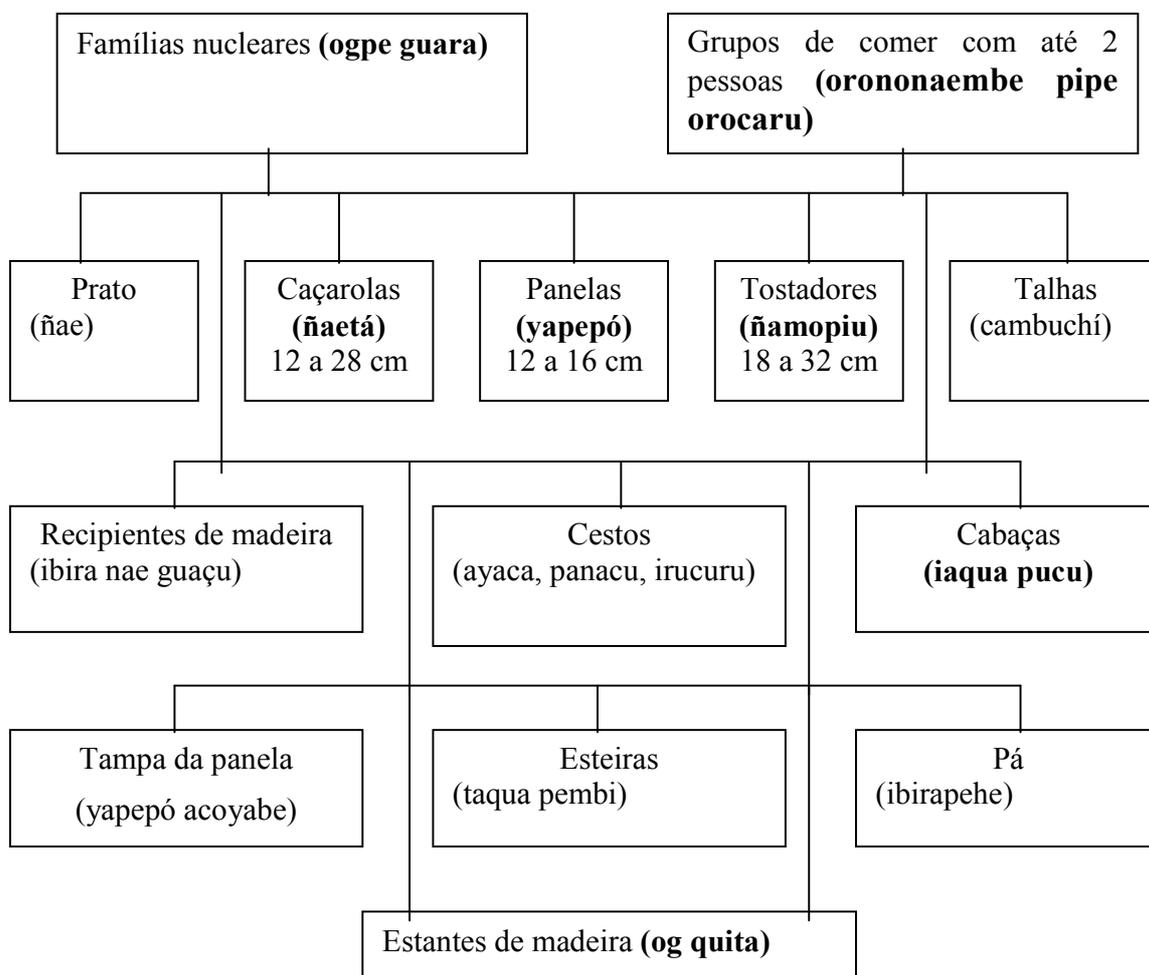
Apesar da existência destes itens ser questionada, havia a possibilidade de existir pratos, cochos de madeira. Os pratos de madeira **yvyra ñaembé** (T:170, 241) poderiam ser empregados para apoiar o ralador e reter a massa ralada, para servir e armazenar alimentos. Confeccionavam recipientes para armazenar e servir líquidos ou sólidos denominados por Montoya (B:273) como "cuba": **yvyra ñae guaçu**, "prato grande", e **yvyra ia guaçu**.

De acordo com o contexto amplo onde eram utilizados todos os equipamentos acima expostos, podemos deduzir o uso e a funcionalidade dos utensílios em associação. A inferência sobre o uso e a funcionalidade partirá de princípios lógicos, onde estaremos considerando o tamanho das famílias.

Considerando a formação da família nuclear (**ogpe guará**), que podia ser composta por mais ou menos seis pessoas, deduzimos a utilização de recipientes de proporções pequenas. Isso ocorreria no cotidiano, onde não estamos considerando os grupos de comer, que poderiam conter duas ou mais pessoas. Se considerarmos os grupos de comer com duas pessoas (**orononaembe pipe orocarú**), formados quando havia o convite pra partilhar a carne, deduzimos que as proporções dos recipientes utilizados seriam as mesmas apresentadas pelos utilizados pela família nuclear. Quanto aos grupos de comer que envolviam uma quantidade acima de duas pessoas, as proporções podiam variar, atingindo as englobadas pelos recipientes de tamanho médio.

A partir dessa dedução, as vasilhas cerâmicas utilizadas nesse processo seriam os pratos (**ñae**), as caçarolas (**ñaetá**), panelas (**yapepó**) e os tostadores (**ñamopyu**), envolvidas no ato de preparar os alimentos (considerando que estes podiam ser assados, fervidos, torrados e moqueados) e de servi-los. Se considerarmos as vasilhas de armazenar água, teríamos as talhas (**cambuchí**). Aliados a estas, estariam os recipientes confeccionados em madeira (**yvyra ñae guaçu**) utilizados para servir e armazenar alimentos; os feitos a partir de cabaças com tampa (**iakua puku**), utilizados para armazenar alimentos; as esteiras para cobrir os recipientes (**takua pemi**), e a tampa da panela (**yapepó acoyaba**); os cestos utilizados para armazenar grãos (**ayaca, panaku, irucuru**); pás para mexer alimentos e bebidas (**yvyrapehe**); e finalmente as estantes para guardar essas tralhas domésticas (**og quita**).

Organograma 2- utilização das vasilhas e equipamentos associados nas famílias nucleares.

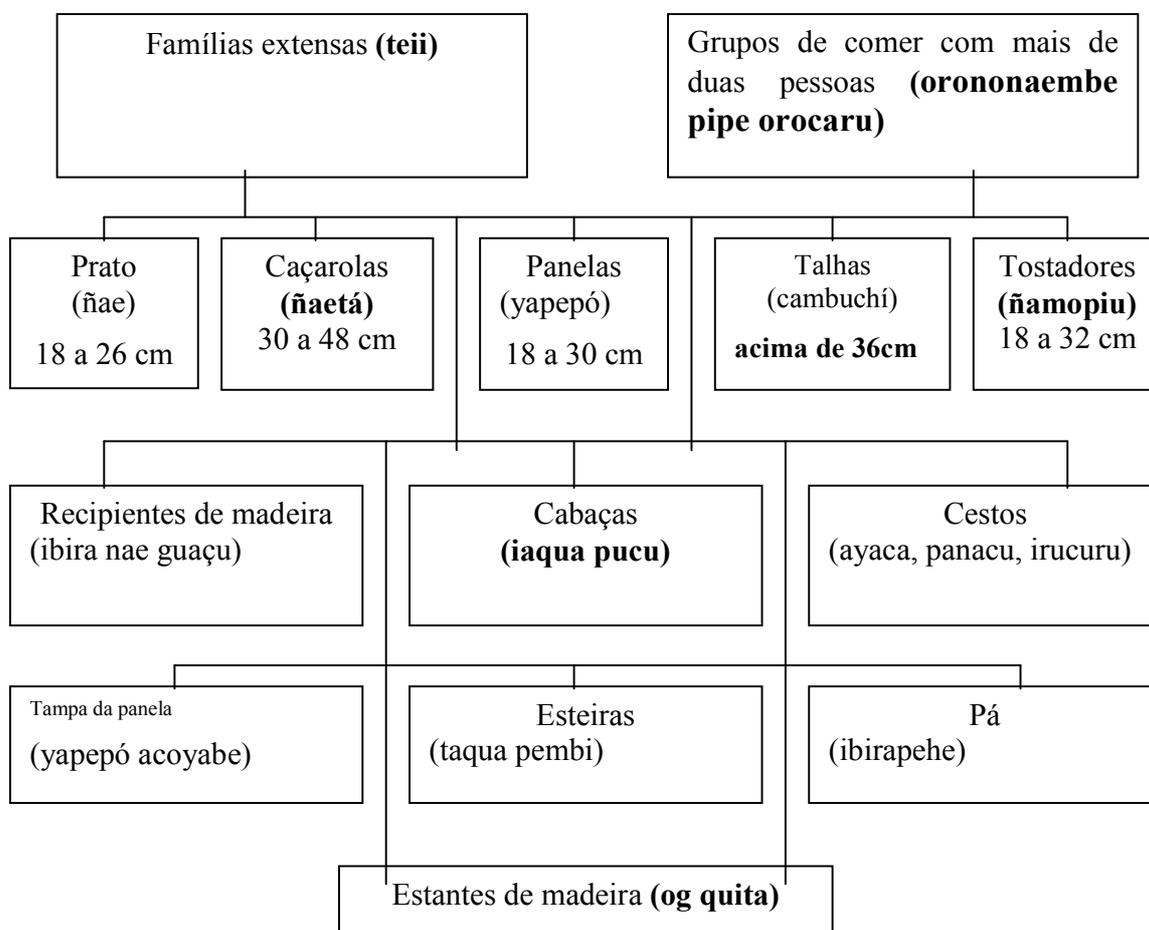


Considerando a mesma dedução lógica para as famílias extensas, formadoras dos **tey'y** que podiam ser compostos por até sessenta famílias nucleares, as proporções dos recipientes seriam enquadradas nos de tamanho médio, podendo atingir os de tamanho grande. Isso ocorre pela maior quantidade de pessoas dividindo as mesmas vasilhas. O mesmo ocorre com os grupos de comer que continham mais de duas pessoas.

Assim como no caso das famílias nucleares, as vasilhas cerâmicas utilizadas em tal processo seriam os pratos (ñae), as caçarolas (ñaetá), panelas (yapepó) e os tostadores (ñamopyu), envolvidas no ato de preparar os alimentos e de servi-los. Para armazenar água

teríamos as talhas (**cambuchí**) de tamanho grande¹¹. Fazendo parte dos equipamentos domésticos ainda estariam os estariam os recipientes confeccionados em madeira (**ibira nae guaçu**); os feitos a partir de cabaças com tampa (**iaqua pucu**); as esteiras (**taqua pemi**) e a tampa da panela (**yapépó acoyaba**); os (**ayaca, panacu, irucuru**); pá (**ibirapehe**) e as estantes para guardar os equipamentos domésticos (**og quita**).

Organograma 3 - utilização das vasilhas e equipamentos associados nas famílias extensas.



Quando saímos do cotidiano e entramos nos rituais efetuados em nível de aldeia, observamos o emprego diferenciado dos recipientes. Ao falarmos da

¹¹ Para essa classe de vasilhas não existem proporções médias.

cauinagem, rituais onde é consumido o cauim (bebida fermentada alcoólica), as vasilhas cerâmicas utilizadas assumem proporções grandes, podendo conter até 300 litros. De acordo com Noelli e Brochado (1998),

“Os ingredientes eram variados e sua quantidade reflete a intensiva exploração dietária dos vegetais, demonstrando um conhecimento botânico que propiciava múltiplos empregos de uma mesma planta (como bebida, comida, remédio, matéria prima, etc)” (NOELLI & BROCHADO, 1998:118).

As festas onde se consumia o cauim envolviam um número bastante elevado de pessoas, alcançado até milhares nas aldeias maiores e mais importantes dentro do **guará**, onde a maioria bebia, inclusive crianças. A quantidade de bebida consumida podia alcançar milhares de litros e empregava uma quantidade considerável de vasilhas. O cauim era produzido a partir de um único vegetal ou da mistura de vários, fato que criava a necessidade de gerar excedentes agrícolas. Frequentemente, era derivado da fermentação do amido de vegetais como a mandioca, o milho, várias espécies de frutas (Noelli e Brochado, 1998).

Para o preparo do cauim, os ingredientes eram coletados, limpos e preparados. O início do preparo se dava no **yapepó**, onde os ingredientes eram cozidos. Posteriormente, parte dos ingredientes era amassada e parte mastigada, para passar por mais cozimento, efetuado em caçarolas (**ñaetá**).

“Depois de fervidos em panelas, amassados ou mastigados, os ingredientes eram colocados e cuspidos em outras vasilhas, para serem reaquecidos até 50° C ou 60°C durante algum tempo, sendo a fervura evitada, pois interromperia o início do processo de fermentação” (Noelli & Brochado, 1998:122).

Depois do recozimento, a bebida era posta para fermentar nos **cambuchís**, que eram bem fechados, vedados com uma tampa e barro ou uma massa de mandioca, para que a fermentação pudesse ser efetivada. Deixava-se apenas um orifício por onde saíam os gases liberados pela fermentação. Depois de pronta, a bebida era retirada desses recipientes com conchas e servidas em vasilhas (**cambuchí caguabã**).

Organograma 4 – Processo de preparo e consumo do cauim.

Para efetivar o processo de preparação do cauim, acreditamos que as vasilhas cerâmicas empregadas no cozimento (**yapepó**), recozimento (**ñactá**) e fermentação (**cambuchí**), tenham uso específico nesse processo, ou seja, não são utilizadas no cotidiano para preparar e armazenar outros tipos de alimentos e líquidos. A hipótese é considerada por acreditarmos que as vasilhas poderiam alterar o sabor dos alimentos, devido à sua parede porosa que absorvia o conteúdo. Essa hipótese se intensifica com os resultados obtidos a partir da análise do material cerâmico do sítio Lagoa Xambrê¹², que apresentou proporções aproximadas para essas vasilhas, sendo todas de tamanho grande, que pode ser decorrente da elevada quantidade do preparo. Entretanto, tal hipótese só pode vir a ser confirmada com a análise química dos fragmentos, que poderá mostrar quais alimentos foram preparados nas vasilhas.

4.4 COLEÇÃO DE VASILHAS CERÂMICAS DO SÍTIO LAGOA XAMBRÊ

Do salvamento arqueológico realizado no sítio Lagoa Xambrê, resultaram 10 vasilhas que puderam ser totais ou parcialmente reconstituídas. Estas vasilhas foram remontadas e catalogadas e encontram-se em exposição no LAEE, fazendo parte também do conjunto de artefatos que compõe a exposição itinerante que percorre o municípios do Paraná.

Abaixo estão apresentadas as fotos que formam a coleção das vasilhas provenientes do sítio Lagoa Xambrê. A partir delas, fizemos um quadro comparativo para cada classe. O principal objetivo destes quadros foi obter as características formais e figurativas das vasilhas, o que nos permitiu relacionar as formas das vasilhas com as respectivas funções, de acordo com as seis classes gerais de vasilhas arqueológicas Guarani encontradas.

¹² Verificar os resultados da análise do material cerâmico no início deste mesmo capítulo.

4.4.1 Cambuchí

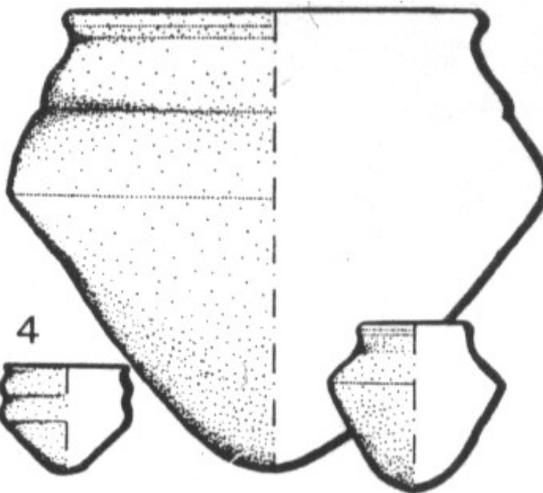
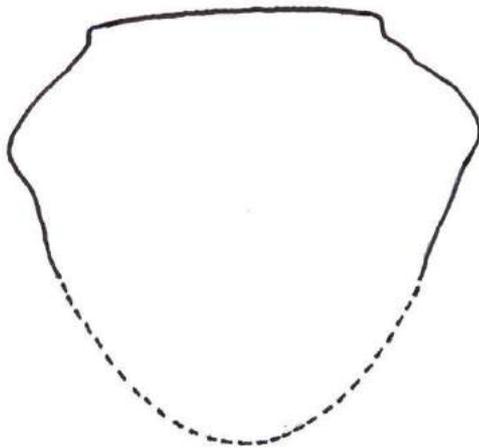


Figura 35



Figura 35a

Quadro 8 – Quadro comparativo dos cambuchís

Classes funcionalmente definidas	Desenho comparativo
 <p data-bbox="399 1724 542 1769">Figura 23</p>	 <p data-bbox="989 1736 1149 1780">Figura 35b</p>

4.4.2 Cambuchí Caguabã



Figura 36



Figura 36a



Figura 37



Figura 37a

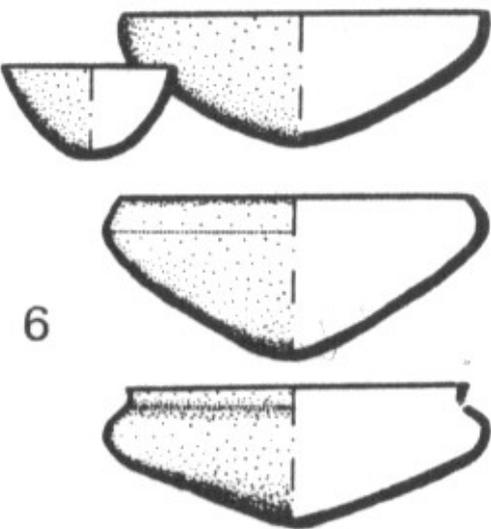
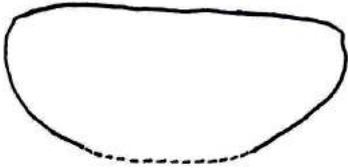
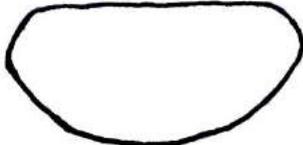


Figura 38



Figura 38a

Quadro 9 – Quadro comparativo dos **cambuchís caguabã**

Classes funcionalmente definidas	Desenho comparativo
<p data-bbox="448 539 584 577">Figura 25</p> 	 <p data-bbox="959 824 1110 862">Figura 36b</p>
 <p data-bbox="959 1234 1110 1272">Figura 37b</p>	
 <p data-bbox="975 1659 1126 1697">Figura 38b</p>	

4.4.3 Yapepó



Figura 39



Figura 39a



Figura 40



Figura 40a

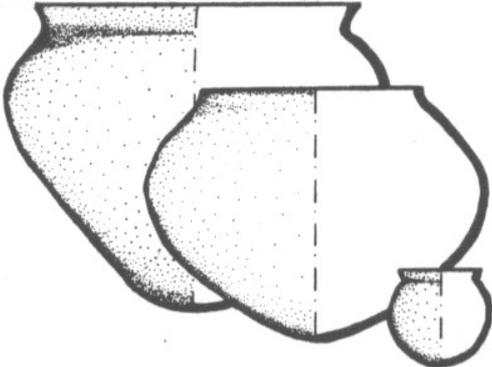
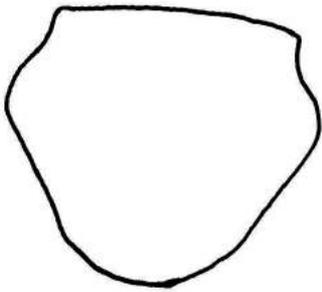
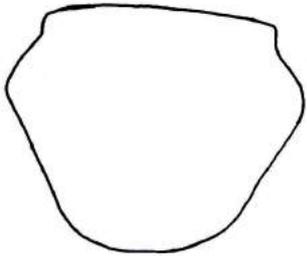
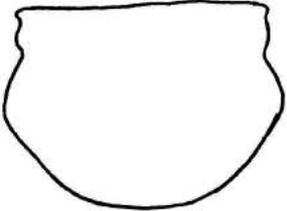


Figura 41



Figura 41a

Quadro 10 – Quadro comparativo dos yapepós

Classes funcionalmente definidas	Desenho comparativo
<p data-bbox="421 618 555 656">Figura 20</p> 	 <p data-bbox="975 936 1128 974">Figura 39b</p>
	 <p data-bbox="975 1402 1128 1440">Figura 40b</p>
	 <p data-bbox="959 1832 1112 1870">Figura 41b</p>

4.4.4 Ñaetá

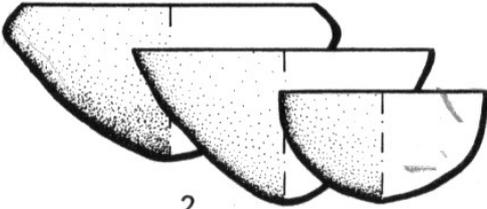
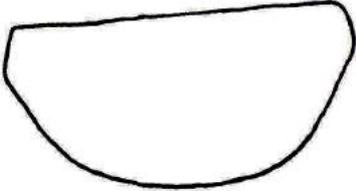


Figura 42



Figura 42a

Quadro 11 – Quadro comparativo dos ñaetás

Classes funcionalmente definidas	Desenhos comparativos
<p data-bbox="400 1144 533 1182">Figura 21</p> 	 <p data-bbox="1015 1644 1166 1682">Figura 42b</p>

4.4.5 Ñae



Figura 43



Figura 43a

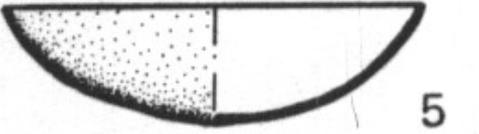
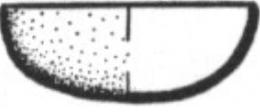
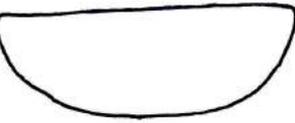


Figura 44



Figura 44a

Quadro 12 – Quadro comparativos dos ñaes

Classes funcionalmente definidas	Desenhos comparativos
<p data-bbox="419 1429 555 1462">Figura 24</p> 	 <p data-bbox="994 1563 1145 1597">Figura 43b</p>
	 <p data-bbox="994 1877 1145 1910">Figura 44b</p>

Conclusão

A conclusão desta dissertação terá como objetivo fazer a revisão de alguns pontos abordados nos capítulos anteriores, considerados fundamentais para a construção de um debate na Arqueologia Brasileira. Para tanto, procuraremos dar evidência ao fato de que a adoção incoerente de determinados modelos conceituais e metodológicos importados da Arqueologia Mundial acaba por nos oferecer resultados refratários, se pensarmos em uma gama de possibilidades que podem ser empregadas nas pesquisas arqueológicas brasileiras. Indo mais além no que se refere às pesquisas arqueológicas, se faz necessário uma revisão urgente não só dos modelos conceituais utilizados como também, e principalmente, da metodologia empregada na realização dos trabalhos arqueológicos.

Contudo, nosso objetivo não é o de resolver os problemas suscitados pela Arqueologia Brasileira, especialmente a Arqueologia Guarani. Diferentemente disso, nosso intuito é o de mais uma vez dar luz ao fato de que existem diversas possibilidades de vermos o passado, e neste sentido, o olhar do arqueólogo é fundamental.

Como visto em capítulos anteriores, o cenário da Arqueologia Brasileira está repleto de modelos teórico-metodológicos advindos da Arqueologia Mundial e constantemente empregados nas pesquisas arqueológicas brasileiras. Na Arqueologia Guarani este quadro se repete, seja com os modelos conceituais e teóricos importados de um debate mundial, seja com a metodologia de pesquisa aqui desenvolvida e empregada na análise dos vestígios materiais. De acordo com Oliveira (2002) “procurar uma tendência unilinear na Arqueologia Guarani seria o mesmo que tentar estabelecer um guarani homogêneo, sem levar em consideração a diversidade existente no cerne destas sociedades indígenas”. Diante deste fato, o que podemos fazer é enumerar alguns pontos presentes no debate arqueológico, começando pela cultura material, que é o objeto de estudo mais abordado no caso dos Guarani.

Num panorama geral, a cultura material assume um papel fundamental no que diz respeito à sobrevivência das sociedades históricas, atendendo à necessidade de relacionamento dos homens entre si e com o meio natural e social. Assim, assumindo

um caráter de parte constitutiva do processo evolutivo da sociedade, a cultura material tornou-se importante fonte no processo de conhecimento e entendimento do passado dessas sociedades humanas. Apresentando o objetivo de introduzir novamente o homem na história, através de idéias, conceitos e práticas, tornou-se riquíssima fonte de estudos, especialmente para arqueólogos, visto que os indícios materiais são os únicos que permanecem na escala do tempo.

Esta discussão quanto à importância da cultura material enquanto fonte de estudos está presente num acirrado debate da Arqueologia Brasileira, principalmente pela maneira como é tomada nas diferentes abordagens. Citando os pressupostos histórico-culturalistas, os vestígios materiais eram analisados apenas pelas características físicas por eles apresentadas, sendo totalmente dissociados de quem os produziu. Segundo Silva (1995), essa foi a forma encontrada para estabelecer culturas arqueológicas.

Com objetivos assumidamente contrários e críticos a estes, a abordagem processual surgiu com o propósito de dinamizar as pesquisas arqueológicas, ao passo que propõe um estudo que leve a compreensão dos sistemas culturais de produção dos vestígios. Ainda neste debate, críticas são lançadas a esta abordagem surgindo o pós-processualismo, com o objetivo de examinar a maneira pela qual as semelhanças e diferenças, bem como a continuidade e a mudança vão sendo materialmente expressas por meio de vestígios materiais. Embora estas abordagens se apresentem de maneira diferenciada, é possível a identificação de algumas semelhanças entre elas, como no uso da etnoarqueologia em suas interpretações, prática desenvolvida pelos arqueólogos processualistas até a década de 80 e seguida pelos pós-processualistas posteriormente.

Como já demonstrado no primeiro capítulo, a acirrada discussão em torno destas abordagens estende-se até o presente, marcando as interpretações resultantes das pesquisas arqueológicas desenvolvidas. No Brasil os pressupostos predominantes continuam sendo os histórico-culturalistas, que pouco contribuíram com informações consideradas úteis para a Arqueologia. Este quadro foi proporcionado pelo modelo monolítico de pesquisa desenvolvido pelo PRONAPA, que perdurou por aproximadamente quatro décadas e que pouco contribuiu para o estudo de sociedades pré-históricas.

A prioridade dada a mensurações rápidas e às seqüências cronológicas dificultou a obtenção de resultados satisfatórios relacionados à cerâmica arqueológica. E mesmo que consideremos a volumosa bibliografia existente a esse respeito, poucos trabalhos consideraram todas as fontes possíveis assim como o contexto de produção da cerâmica, padrões funcionais e relação com a sociedade produtora destes artefatos.

No Brasil este cenário começou a modificar-se em fins da década de 80, com o desenvolvimento de trabalhos sustentados por abordagens teóricas e metodológicas diferenciadas, que tornaram-se significativamente importante no que se refere ao estudo da cerâmica, uma vez que possibilitam interpretações baseadas no contexto de produção, utilização e descarte e, principalmente, consideram as populações que fabricaram, utilizaram e descartaram estes artefatos, assim como as diferenças existentes entre elas. Sustentado por estas abordagens, o método de análise desenvolvido por José Brochado, Francisco Noelli e colegas (La Salvia & Brochado, 1989; Brochado, Monticelli & Neumann, 1990; Brochado & Monticelli, 1994; Noelli e Brochado, 1998; Noelli et al. 1999) estabeleceu uma relação entre as fontes históricas – indicadoras de nomenclatura, forma e função – e os artefatos ou cerâmica arqueológica, numa tentativa de evitar as simplificações até então presentes nas interpretações relacionadas à cerâmica e de modificar o quadro de pesquisas desenvolvidas na Arqueologia Guarani.

Como observado no capítulo dois, este método de análise para a cerâmica Guarani foi desenvolvido através da analogia etnográfica, ou seja, a partir da comparação feita entre vasilhas funcionalmente homólogas, visto que existe um padrão formal e funcional para a cerâmica arqueológica Guarani. A constatação deste padrão foi de grande significado para a reconstrução gráfica das vasilhas cerâmicas, uma vez que partindo dele o processo de reconstrução pode ser efetuado com os fragmentos de borda das vasilhas. A utilização de fontes históricas e etnográficas, até então desconsideradas nas pesquisas desenvolvidas, foram fundamentais para efetuar a metodologia de análise, já que os Guarani não produzem vasilhas cerâmicas há mais de cem anos.

Além das já expostas, a questão chave desta metodologia é que permite ser aplicada sobre todas as evidências arqueológicas Guarani encontradas. Além dos dados

arqueológicos, a utilização de fontes etnográficas como o Dicionário Espanhol-Guarani e Guarani-Espanhol de Antônio Ruiz de Montoya ([1639]1876) foram essenciais para a obtenção de resultados que não se encerrassem em descrições físicas e morfológicas. Como já explicitado em capítulos anteriores, a utilização de tais recursos permitiu que fossem identificadas seis classes gerais de vasilhas, descritas anteriormente por Montoya.

Apesar de todas as críticas destinadas ao uso da analogia etnográfica, acreditamos ser essa a maneira pela qual se possa chegar a um resultado mais “preciso” com relação à forma e função das vasilhas arqueológicas.

Diante de nossa proposta de estudo, que como vista anteriormente centra-se em questões interpretativas – padrões de uso, re-uso, armazenagem, etc – e quantitativas – quantidade de vasilhas por classe – e devido ao rigor epistemológico com que foi desenvolvido o referido método de análise, é que optamos pela aplicação do mesmo no material proveniente do sítio Lagoa Xambrê.

Seguindo com explícito rigor o modelo de análise proposto, os resultados obtidos e referidos no capítulo três foram fundamentais para que pudéssemos inferir possibilidades de uso para as vasilhas cerâmicas. Analisada em um contexto amplo de associação com outros “utensílios”, a utilização das vasilhas cerâmicas do sítio arqueológico em questão seguiu os mesmos padrões funcionais observados em pesquisas anteriores. As diferenças encontradas no material do sítio são referentes à variação no tamanho das vasilhas dentro das classes estabelecidas e como já dito, podem ser indicadoras de diferença na organização social e no tamanho das populações que habitaram o sítio. Diante deste fato, reformulamos as dimensões constatadas anteriormente uma vez que nos deparamos com novos dados.

A partir dos resultados encontrados, constatamos que as vasilhas mais freqüentes são as englobadas pelos tamanhos pequeno e médio, considerando as cinco classes. Levando em conta características como a variação no tamanho dos grupos familiares e quantidade de alimento a ser preparado e consumido, pudemos concluir que as **ogpe guara** (famílias nucleares) utilizavam as vasilhas de tamanho pequeno. A

mesma relação foi estabelecida para as famílias extensas, formadoras dos **teii**, que utilizariam vasilhas de tamanho médio, podendo atingir os recipientes de tamanho grande.

A referida variação no tamanho das vasilhas nos levou a inferir possibilidades diferenciadas de emprego para as mesmas. É o que acontece com os **yapepós** (panelas de cozinha), os **ñaetás** (caçarolas), **cambuchís** (jarros) e os **cambuchís caguabã** (copos). Ainda pensando em um contexto amplo de utilização, acreditamos que as vasilhas de tamanho grande, englobadas por estas classes, seriam utilizadas em rituais, mais especificamente nas cauinagens. No caso dos **yapepós**, **ñaetás** e **cambuchís** de tamanho grande, acreditamos que eram utilizadas exclusivamente na preparação do **cauim**, uma vez que a porosidade presente em suas paredes podia deixar gosto no preparo de outros alimentos. Entretanto, tal hipótese só pode vir a ser confirmada com a análise química dos fragmentos, que pode estar nos revelando quais alimentos foram preparados nas vasilhas.

Quanto aos **cambuchís caguabã**, apresentaram dimensões maiores do que as encontradas para esta classe, o que nos levou a reformulação das dimensões constatadas anteriormente. Reforçando a hipótese descrita acima, acreditamos que estes copos de tamanho grande eram empregados no ato de consumo do **cauim**, não sendo então utilizadas no cotidiano.

Os resultados obtidos, somados as hipóteses lançadas, nos levou à organização de organogramas que indicam a utilização dos recipientes cerâmicos, em associação com outros utensílios utilizados. O mesmo foi feito com relação ao preparo e consumo do **cauim**, onde julgamos importante fazer um esquema que descrevesse o desenvolvimento deste processo.

Com os resultados apresentados, acreditamos ter conseguido operar no campo interpretativo, quando nos referimos à funcionalidade das vasilhas em um contexto amplo de utilização, e quantitativo, quando nos referimos à frequência de vasilhas no sítio arqueológico. Trabalhamos também com a hipótese de aparecimento de novos dados, visto que a análise foi desenvolvida sobre o material proveniente de uma coleta de superfície realizada no sítio Lagoa Xambrê. Caso isso ocorra, daremos continuidade ao trabalho feito até então, numa tentativa de esgotar todas as possibilidades possíveis de análise para o sítio em questão.

Com tudo o que foi apresentado nesta dissertação, não pretendemos, como já dito, solucionar problemas evidentes, mas, lançar novas possibilidades de análise para os mesmos e para os que vierem a surgir.

REFERÊNCIAS

- BINFORD, Lewis R. Archaeology as anthropology. In: M. Leoni (ed). **Contemporary archaeology**. Illinois: Southern Illinois University Press, 1973.
- BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: R. Ortiz (org). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ed. Ática, 1983.
- BROCHADO, José Proenza. **Alimentação na Floresta Tropical**. Porto Alegre, IFCH/UFRGS. 103p, 1977.
- BROCHADO, J. P. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South América**. Tese de Doutorado em Antropologia, University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984.
- BROCHADO, J. P. & MONTICELLI, Gislene. Regras práticas na reconstrução gráfica da cerâmica Guarani por comparação com vasilhas inteiras. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, 20(2):107-118, 1994.
- BROCHADO, J. P.; MONTICELLI, G. e NEUMANN, E. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. **Veritas**, 35(140):727-43, 1990.
- BURGUIÈRE, André. A Antropologia Histórica. In: **A História Nova**. Jacques Lê Goff. São Paulo : Martins Fontes, 1998, pp. 125-153.
- CHARLTON, T. H. Archaeology, ethnohistory and ethnology: interpretative interfaces. In: Michael B. Schiffer (ed). **Advances in Archaeology Method and Theory**. Vol. 4. New York: Academic Press, 1981.
- COIROLO, Alicia D. Atividades e tradições dos grupos ceramistas do Maruanum. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Antropologia, 7(1):7-94. Belém, 1991.
- DIAS, A. S. **Repensando a tradição Umbu a partir de um estudo de caso**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- DAVID, N.; STERNER, J. & GAVUA, K. Why Pots are Decorated? **Current Anthropology**, 29(3):365-389. 1998.
- DIETLER, Michael & HERBICH, Ingrid. Tich Matek: the technology of Luo pottery production and the definition of ceramic style. **World Archaeology**, 21(1):148-164. 1989.

DOESWIJK, Andréas L. La function de la teoria en la investigación historiografica. **Cadernos de METEP**, 5(4):55-68. Maringá, 1993.

DUNNEL, Robert C. Sabloff and Smith's: the importance of both analytic and taxonomic classification in the type-variety system. In: **American Antiquity**, 36(1). 1971.

EVANS, C. & MEGGERS, B. **Guia para a prospecção arqueológica no Brasil**. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, 1965.

FLORESCANO, E. **La fonction sociale de l'histoire**. Diogenes, 168 :43-51, 1994.

FORD, J. **Método quantitativo para estabelecer cronologías culturales**. Washington D. C.: Union Panamericana, 1962. 122p.

FUNARI, P. P. A. Brazilian Archaeology and World Archaeology: some remarks. **World Archaeology Bulletin**, 1989, 3:60-68.

FUNARI, P. P. A. Archaeology in Brazil: politics and scholarship at a crossroads. **World Archaeology Bulletin**, 1991, 5:122-132.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia histórica e cultura material**. Campinas: Unicamp, 1998.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988.

FUNARI, P. P. A. Paulo Duarte e o instituto de Pré – História: Documentos inéditos. **Idéias**. Campinas. n.º 1, v. 1., 1994

FUNARI, P. P. A. Arqueologia brasileira: visão geral e reavaliação. **Revista de História da Arte e Arqueologia**. Campinas. n.º 1, 1994.

FUNARI, P. P. A. Teoria arqueológica na América do Sul. **Primeira Versão**. Campinas. n.º 76, 1998.

FUNARI, P. P. A. Linguística e Arqueologia. **D. E. L. T. A**. Campinas: educ, v.15, n.1, pp. 161-176, 1999.

GARCÍA, M. A. Reforma e Revolução, Reforma ou Revolução, discussão de um paradigma. **Revista Brasileira de História**. 1991, 10:9-38.

GARCIA, Wilson G. **O Domínio das Plantas Medicinais entre os Kayová de Amambá. Problemática das Relações entre Nomenclatura e Classificação**. São Paulo, FFCLH-USP, 1985, 181p. (Dissertação de Mestrado).

GATTI, C. **Enciclopédia Guaraní-Castellano de Ciências Naturales e Conocimientos Paraguayos**. Asunción: Arte Nuevo Editores, 1985.

GOFF, Jacques Le. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 1994.

GOULD, R. E. Some Current Problems in Ethnoarchaeology. In: D. Ingersoll, J.E. Yellen e MasDonald, W. (eds). **Experimental Archaeology**. New York: Columbia University Press, 1977. pp. 358-377.

HODDER, Ian. Arqueologia e Historia. In: **Interpretación en Arqueologia**. Barcelona: Editorial Crítica, 1988.

KERN, Arno A. A Arqueologia Histórica, a História e os Trinta Povos das Missões. **Estudos Ibero-Americanos**, 15(2):357-368. Porto Alegre, 1989.

KOHL, P. L. Limits to a post-processual archaeology (or, The dangers of a new scholasticism). In: N. Yoffe & A. Sherrat (eds). **Archaeological Theory: Who sets the Agenda?** New YORK, Cambridge: University Press. 1993. pp. 13-19.

LA SALVIA, F., BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guaraní**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989. pp. 121-145.

LEACH, Edmund. Antropos. In: **Enciclopédia Einaudi (Anthropos/Homem)**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, pp. 16.

LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LEVI-STRAUSS, C. **El totemismo em la actualidad**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1986.

LEVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

LITTLE, B. Craft and culture change in the eighteenth century Chesapeake. In: Leone, M. P. and Potter, P. B. (eds). **The Recovery Meaning**. Washington: Smithsonian Institution, 1988, pp. 263-292.

LITTLE, B. and SHACKEL, P. A. Introduction. In: Little, B. J. and Shackel, P. (eds). **Meanings and Uses of Material Culture**. Ann Arbor, The Society for Historical Archaeology, 1992, pp. 1-4.

MARCUS, G. & FISCHER, M. **Anthropology as Cultural Critique**. Chicago: The Chicago University Press, 1986.

MELIÀ, B. **El Guaraní conquistado y reducido**. Asunción: CEAUC, 1986.

MELIÀ, B. A experiência religiosa Guarani. In: Manuel M. Marzal (org.). **O Rosto Índio de Deus**. Petrópolis: Vozes, pp. 293-348, 1989a.

MEGGERS, B. The coming of age American Archaeology. In: NEUMANN, M. T. (ed). **New Interpretations of aboriginal American Culture History**. 75 th Anniversary of the Anthropological Society of Washington. Washington, 1955, pp. 116-129.

MEGGERS, B. & EVANS, C. A utilização de seqüências seriadas para inferir comportamento social. **Boletim Série Ensaios**. Rio de Janeiro: Instituto de Arqueologia Brasileira, n. 3, 1985.

MEGGERS, B. & EVANS, C. **Como interpretar a linguagem cerâmica: guia para arqueólogos**. Washington D. C.: Smithsonian Institution, 1970.

MÉTRAUX, Alfred. **La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-guarani**. Paris: Librairie Orientaliste, 1928.

MILLER, Jr., T. Tecnologia cerâmica dos Caingang paulistas. **Arquivos do Museu Paraense**, Etnologia, 1978, 2:1-51.

MONTICELLI, Gislene. **Vasilhas cerâmicas Guarani. Um resgate da memória entre os Mbyá**. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Tesoro y vocabulario de la lengua Guarani**. Leipsiz, B. G. Teubner, 1876.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná e Tape**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

NEVES, W. A. **Paleogenética dos grupos Pré-Históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina)**. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

NEVES, W. A. Arqueologia Brasileira – algumas considerações. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Antropologia, 4(2):200-205.

NEWTON, Dolores. Introdução. Cultura material e história cultural. In: Darcy Ribeiro (Ed). **Suma Etnológica Brasileira**. v. 2. Petrópolis : Vozes, p. 15-25, 1987.

NOELLI, Francisco S. **Sem Tekohá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)**. Porto Alegre, IFCH-PUCRS. 1993. (Dissertação de Mestrado).

NOELLI, Francisco S. A ocupação humana na região sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas – 1872-2000. **Revista USP**. São Paulo, 44:218-269. 1999-2000.

NOELLI, F. S. & BROCHADO, J. P. O cauim e as beberagens dos Guarani e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 8:117-128. 1998.

OLIVEIRA, Solange Nunes de. **A Arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena**. Campinas, IFCH-UNICAMP, 2002. (Dissertação de Mestrado).

ORSER, C. E. Plantation status and consumer choice: a materialist framework for historical archaeology. In: Spencer-Wood, S. M. (eds). **Consumer Choice in Historical Archaeology**. New York: Plenum, 1987, pp. 121-137.

PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material. In: **A História Nova**. Jacques Lê Goff. São Paulo : Martins Fontes, 1998, pp. 180-215.

PROUS, André. Os moluscos e a arqueologia brasileira. **Arquivos do Museu de História Natural**. Belo Horizonte, 11:241-298, 1986-1990a.

PROUS, André. Os artefatos líticos. Elementos descritivos classificatórios. **Arquivos do Museu de História Natural**. Belo Horizonte, 11:1-88, 1986-1990b.

RENFREW, C. & BAHN, P. **Arqueologia**. Madrid: Akal, 1993.

RICE, P. **Pottery Analysis (A sourcebook)**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

RIBEIRO, B. G. **A arte do trançado dos índios do Brasil. Um estudo taxonômico**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/FUNARTE, 1985a, 185p.

RIBEIRO, B. G. A Linguagem Simbólica da Cultura Material. In: B. G. Ribeiro (Coord.). **Suma Etnológica Brasileira (Arte Índia)**. 3:15-27. Petrópolis: Vozes, 1987a.

RIBEIRO, B. G. Glossário dos trançados. In: Darcy Ribeiro (ed.). **Suma Etnológica Brasileira**. 2:314-321. Petrópolis: Vozes, 1987b.

RIBEIRO, B. G. **Dicionário do Artesanato Indígena**. Minas Gerais/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1988, 393p.

ROUSE, I. **Introduction to Prehistory**. New York: McGraw-Hill, 1972.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Bárbara Sette (trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989, pp. 71.

SCHIFFER, M. Archaeological Context and Systemic Context. **American Antiquity**, 3(2):156-165, 1972.

SCHIMIDT, Max. Catálogo de la colección etnográfica del Museo de Historia y Etnografía. **Revista de la Sociedad Científica del Paraguay**. 4(5):49-62. Asunción.

SHANKS, M. B. & TILLEY, C. **Social Theory and Archaeology**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.

SHEPARD, Anna O. **Ceramics for the archaeologist**. Washington, Carnegie Institution, Publication n.609, 1956.

SILVA, Fabíola A. Arqueologia, arqueologias e a tensão paradigmática contemporânea. **Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa**. Vol. 6. Maringá: UEM, 1995. pp. 119-136.

SINOPOLI, Carla M. **Approaches to archaeological ceramics**. New York: Plenum, 1991.

STADEN, H. **Duas viagens ao Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1974.

STARK, M. Re-fitting the “cracked and broken facade”: the case for empiricism in post-processual ethnoarchaeology. In: N. Yoffee & A. Sherratt (eds). **Archaeological Theory: Who sets the Agenda?** New York: Cambridge University Press, 1993, pp. 93-104.

SUSNIK, Branislava. **Los aborígenes del Paraguay**. Cultura Material, v.4. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 240 p., 1982.

SUSNIK, Branislava. **Los aborígenes del Paraguay, Tomo II, Etnohistoria de los Guaraníes**. Época Colonial. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero. Paraguay, 1979/80.

SUSNIK, Branislava. **Los aborígenes del Paraguay, Tomo V. Ciclo Vital y Estructura Social**. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero. Paraguay, 1983.

TARBLE, Kay. **Comparación estilística de dos colecciones cerámicas del noroeste de Venezuela: una nueva metodología.** Caracas, 1982.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TRIGGER, B. G. **Historia del pensamiento arqueológico.** Barcelona: Editorial Crítica, 1992.

TRIGGER, B. G. **A History of Archaeological Thought.** Cambridge: Cambridge University Press, 1992. 500p.

van VELTHEM, Lúcia M. Equipamento doméstico e de trabalho. In: Darcy Ribeiro (ed.). **Suma Etnológica Brasileira.** 2:95-108. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

WILLEY, G. & PHILLIPS, P. **Method and Theory in American Archaeology.** Chicago: University of Chicago Press, 1958. 269p.

WÜST, Irmhild. Observações sobre a tecnologia cerâmica Karajá de Aruanã. **Arquivos do Museu de História Natural.** 6-7:311-322. Belo Horizonte, 1981/1982.